

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Dissertação



**Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial
compartilhado entre a cidade e a universidade:
O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS**

Daniela Vieira Goularte

Pelotas, 2021

Daniela Vieira Goularte

**Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial
compartilhado entre a cidade e a universidade:
O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural

Orientador: Sidney Gonçalves Vieira

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G694m Goularte, Daniela Vieira

Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e universidade : o lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS / Daniela Vieira Goularte ; Sidney Gonçalves Vieira, orientador. — Pelotas, 2021.

186 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Universidade Federal de Pelotas - UFPel. 2. Patrimônio industrial. 3. Porto de Pelotas - RS. 4. Planejamento espacial. 5. Relações fenomenológicas. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Daniela Vieira Goularte

Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS

Dissertação aprovada, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira (Orientador)
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
UNESP

.....
Profa. Dra. Ana María Sosa González
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
PUCRS

.....
Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelin
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
PUCRS

Dedico este trabalho a todos os participantes desta pesquisa.

Agradecimentos

“Gracias a la Vida que me ha dado tanto”;

... aos meus dois amores, Bruce e Vanderlei, pela parceria e paciência, pelo bem-viver, e pelos aprendizados compartilhados em nossa “nada mole vida” em família;

... aos meus pais, por toda a estrutura amorosa que me permitiu chegar até aqui;

... ao amigo Paulo Momento, artista, explorador urbano e rural, pela sensibilidade, pelo interesse compartilhado, e pela contribuição inestimável para ampliar a rede de participantes em tempos de pandemia;

... aos amigos e colegas de trabalho, Lisiane Inchauspe, Charles Bastos, Rosana Ávila, Jeferson Salaberry, Márcia Rotta, Luiza Cesar, Alaíze Drose, Cleidi Pinto: cada um à sua maneira contribui para o processo de desenvolvimento e conclusão deste ciclo;

... aos amigos e colegas do PPGMP, Jaime, Isabel, Álvaro, Paloma, Simone, Matheus, Vanessa, Cristiane, Juliana ...

.... a todos os participantes desta pesquisa, que possibilitaram a materialização deste trabalho;

... às professoras Ana María González e Francisca Michelin pelas oportunidades de participação em projetos e produções acadêmicas;

... ao professor Sidney Gonçalves Vieira, pela orientação e pelos conhecimentos sabios e bem-humoradamente compartilhados.... *Muchas Gracias!*

Devemos estar comprometidos a aprender e a praticar o desapego das visões e a ser abertos para as percepções e as experiências dos outros para que possamos nos beneficiar da sabedoria coletiva.

Thich Nhat Hanh

Resumo

GOULARTE, Daniela Vieira. Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS. Pelotas, RS. 2021. 186 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Esta pesquisa trata do processo de reutilização do patrimônio industrial pela Universidade Federal de Pelotas, a partir da perspectiva da comunidade. O trabalho constitui um estudo de caso sobre as extintas fábricas, que foram adquiridas pela UFPel, e que estão localizadas na antiga zona industrial da cidade de Pelotas, RS, Brasil. Esse lugar, que é conhecido popularmente como "Zona do Porto", e que perceptivelmente inclui os bairros Porto, Balsa e Caieira, vem sofrendo significativas mudanças físicas e funcionais em prol da consolidação dessa universidade. A pesquisa partiu da identificação de alguns problemas existentes nesse processo de transformação da área e de reutilização do patrimônio industrial do local. Primeiramente, percebeu-se que essa transformação materializou na área uma diversidade em potencial, a qual se encontra latente, seguido por uma inexpressiva participação da comunidade, e também pela inexistência de instrumentos de gestão municipais que sejam suficientes para preservar o patrimônio industrial de forma adequada. O objeto de estudo se caracteriza pela busca sobre aspectos das relações fenomenológicas, desenvolvidas entre os sujeitos e lugar, até então desconhecidos. Pressupõe-se que conhecer e trazer à tona diferentes memórias, significados e percepções desenvolvidas entre os sujeitos e o lugar, ao longo do tempo, pode ser um caminho interessante para ampliar as possibilidades de criação de lugares mais significativos e diversificados para toda a comunidade, bem como para promover outras formas de preservação do patrimônio industrial, em suas escalas urbana e arquitetônica. A pesquisa levou em consideração a trajetória histórica do lugar para propor o recorte temporal em três períodos – Industrial, Abandono, Universitário – e a população em três grupos – antigos trabalhadores, exploradores urbanos, comunidade acadêmica. Este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro constitui o marco teórico, e o segundo o seu desenvolvimento. No desenvolvimento, são apresentadas as narrativas da comunidade acadêmica vinculadas ao período universitário; as narrativas dos exploradores urbanos vinculadas ao período do abandono; e as narrativas de antigos trabalhadores vinculadas ao período industrial. O estudo mostra as distintas relações desenvolvidas entre os sujeitos e o patrimônio industrial, em suas diferentes escalas, revelando a existência de valores que vão além daqueles previamente atribuídos a esse patrimônio, que geralmente estão relacionados com o mundo do trabalho, e com valores de uso, tangível e intangível. Eles estão relacionados ao mundo da arte, da poesia e dos sonhos.

Palavras Chaves: Universidade Federal de Pelotas. Patrimônio Industrial. Porto de Pelotas. Planejamento espacial. Relações fenomenológicas.

Abstract

GOULARTE, Daniela Vieira. Memories, resignifications and perceptions related to industrial heritage shared between the city and the university: The place of UFPel in the Port of Pelotas, RS. Pelotas, RS. 2021. 186 p. Dissertation. Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage. Federal University of Pelotas, Pelotas, RS.

This research deals with the process of reusing industrial heritage by the Federal University of Pelotas, from the perspective of the community. The work is a case study on the extinct factories, which were acquired by UFPel, and which are located in the old industrial zone of the city of Pelotas, RS, Brazil. This place, which is popularly known as the "Zona do Porto", and which perceptibly includes the Porto, Balsa and Caieira districts, has been undergoing significant physical and functional changes in favor of the consolidation of this university. The research started from the identification of some problems that exist in this process of transforming the area and reusing the industrial heritage of the place. First, it was noticed that this transformation materialized in the area a potential diversity, which is latent, followed by an inexpressive community participation, and also by the inexistence of municipal management instruments that are sufficient to preserve the industrial heritage in a proper. The object of study is characterized by the search for aspects of the phenomenological relationships, developed between subjects and place, until then unknown. It is assumed that knowing and bringing to light different memories, meanings, and perceptions developed between the subjects and the place over time, can be an interesting way to expand the possibilities of creating more significant and diversified places for the entire community, as well as to promote other forms of preservation of industrial heritage, in its urban and architectural scales. The research took into account the historical trajectory of the place to propose a time frame in three periods – Industrial, Abandonment, University – and the population in three groups – former workers, urban explorers, academic community. This work is divided into two chapters, the first constitutes the theoretical framework, and the second its development. In the development, narratives of the academic community linked to the university period are presented, the narratives of urban explorers linked to the period of abandonment, and the narratives of former workers linked to the industrial period. The study shows the different relationships developed between subjects and industrial heritage, in their different scales, revealing the existence of values that go beyond the precedence of this heritage, which are generally related to the world of work, and to use values, tangible and intangible. They are related to the world of art, poetry and dreams.

Keywords: Federal University of Pelotas. Industrial Heritage. Port of Pelotas. Spatial planning. Phenomenological relationships.

Lista de Figuras

Figura 1	Mapas: da América Latina à direita, com localização do Brasil, e do Rio Grande do Sul à esquerda, com localização da cidade de Pelotas.	15
Figura 2	Aerofotografia da “Zona do Porto” às margens do Canal São Gonçalo.	17
Figura 3	Mapa urbano com a delimitação da área de estudo, destacando os espaços adquiridos pela UFPel.	20
Figura 4	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Contraste luz e sombra.	37
Figura 5	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Contraste interior e exterior.	37
Figura 6	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Efeito espelhado.	37
Figura 7	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Textura da chaminé e contraste luz e sombra.	37
Figura 8	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Detalhes construtivos e efeito perspectiva.	37
Figura 9	Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Detalhes construtivos.	37
Figura 10	Esquema gráfico da teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre.	45
Figura 11	Fotografia do movimento “Sofá na Rua”.	47
Figura 12	Fotografia do movimento “Sofá na Rua”.	47
Figura 13	Esquema gráfico da intersecção dos conjuntos referentes aos espaços da cidade e da Universidade.	52
Figura 14	Aerofotografia das cidades de Pelotas e Capão do Leão.	54
Figura 15	Mapa da Freguesia de São Francisco de Paula de 1815.	55

Figura 16	Mapa de Pelotas de 1922, com delimitação dos sítios das ZPPCs, conforme Lei Municipal nº 4.568/2000.	57
Figura 17	Mapa urbano com a localização das indústrias em torno do Porto e da Estação Férrea, e destaque para o Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel.	63
Figura 18	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista frontal.	79
Figura 19	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista aérea.	79
Figura 20	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista interna do esquema de produção.	80
Figura 21	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista interna do esquema de produção.	80
Figura 22	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Reutilização por parte da UFPel.	80
Figura 23	Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Descarte do maquinário.	80
Figura 24	Esquema gráfico da relação entre permanências e rupturas do espaço urbano em estudo.	89
Figura 25	Esquema gráfico da proposta de uso dos instrumentos coleta de dados.	94
Figura 26	Gráfico do percentual de participação de cada categoria da comunidade acadêmica.	100
Figura 27	Gráfico do percentual de meio de locomoção utilizado para a circulação em torno dos <i>Campi</i> .	101
Figura 28	Desenho da “Nuvem de Percepções” da comunidade acadêmica sobre o lugar no qual a UFPel se instalou.	102
Figura 29	Desenho da Nuvem de Percepções de nativos.	104
Figura 30	Desenho da Nuvem de Percepções de visitantes.	104
Figura 31	Gráfico com percentual de avaliação sobre a qualidade do espaço em torno dos <i>Campi</i> .	105
Figura 32	Gráfico com percentual de avaliação sobre a qualidade do espaço construído.	107

Figura 33	Gráfico com percentual de conhecimento sobre a atividade anterior nos prédios.	110
Figura 34	Gráfico com percentual de atribuição de valor aos prédios da UFPel pela comunidade acadêmica.	111
Figura 35	Gráfico com percentual que demonstra o início da relação entre comunidade e os bairros.	112
Figura 36	Fotografia. Cotada 01 – Fotografia retirada do último andar da Cotada, com vista para o Moinho Pelotense (Power) e Anglo ao fundo.	123
Figura 37	Fotografia. Brahma 037 – Porão da Brahma.	127
Figura 38	Fotografia. Zona do Porto 01 – Pôr-do-sol do Quadrado.	129
Figura 39	Fotografia. DSC03267– Frigorífico Anglo.	131
Figura 40	Desenho dos mapas mentais elaborados por A.M.L.	135
Figura 41	Desenho dos mapas mentais elaborados pelos demais participantes pertencentes ao grupo de exploradores urbanos.	136
Figura 42	Desenho dos mapas mentais produzidos pelo Sr. Gerson Jesus Pereira, 03/12/2019.	139
Figura 43	Desenho do mapa mental produzido pelo Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 26/01/202.	140
Figura 44	Desenho do mapa mental produzido pela Sra. Maria Elizabete Silveira, em: 03/02/2021.	142
Figura 45	Esquema gráfico formado pelo recorte do mapa de Salaberry (2012) à esquerda, e fotografia dos trilhos sobre o arroio Pepino à direita.	144
Figura 46	Fotografias da carteira profissional do Sr. Vitor Hugo Huckembeck.	147
Figura 47	Fotografia de uma das Repartições Públicas identificadas pela Sra. Maria Elizabete no seu mapa mental.	148
Figura 48	Fotografias do Colégio Ferreira Viana, antes e depois.	149

Figura 49	Fotografia do sobrado verde, antigo Bar do Seu Manuel, em 10/12/2019.	152
Figura 50	Poema dos Desejos, em 12/12/2019.	154
Figura 51	Aerofotografia à esquerda, e lista dos empreendimentos existentes no local à direita.	163

Lista de Tabelas

Tabela 1	Demonstrativo dos instrumentos de coleta de dados efetivamente utilizados.	97
Tabela 2	Percentual de participação por faixa etária da comunidade acadêmica.	100
Tabela 3	Quantitativos de nativos e visitantes por categoria da comunidade acadêmica.	101
Tabela 4	Categorias de análise/ Aspectos a ser melhorados no bairro.	105
Tabela 5	Categoria de análise/ Aspectos a ser melhorados nos prédios.	108

SUMÁRIO

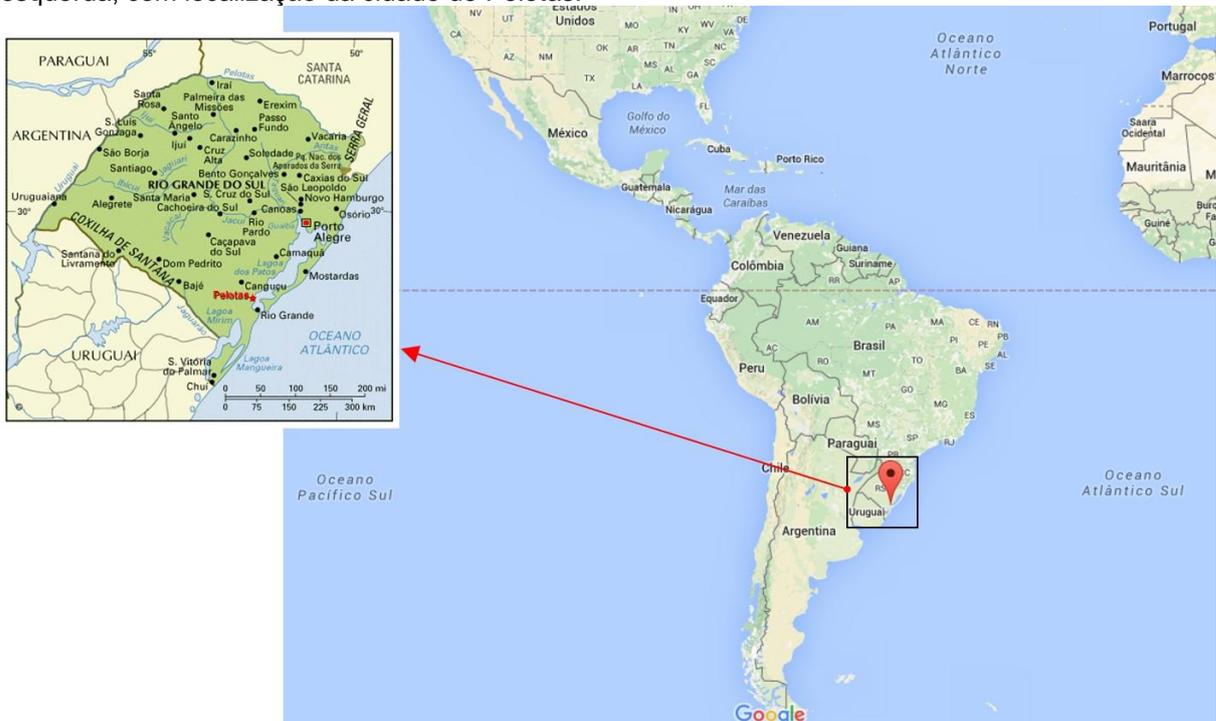
1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CAPÍTULO I – O LUGAR NO QUAL A UFPEL SE INSTALOU	29
2.1 O espaço que se tornou lugar.....	29
2.2 O Patrimônio Industrial compartilhado entre a cidade e a Universidade.....	51
2.3 O Patrimônio Industrial e sua reutilização.....	68
2.4 O uso do método.....	84
3. CAPÍTULO II - AS DIFERENTES NARRATIVAS.....	98
3.1 As narrativas da comunidade acadêmica	98
3.2 As narrativas dos exploradores urbanos.....	118
3.3 As narrativas de antigos trabalhadores.....	138
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	166
6. APÊNDICES	173

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se desenvolve sobre o tema da reutilização do patrimônio industrial. Esse tipo específico de patrimônio integra os vestígios da cultura da industrialização e é considerado parte integrante do patrimônio cultural em geral. A reutilização do patrimônio industrial consiste no reaproveitamento de infra e superestruturas industriais desativadas para promover novos usos, por meio de ações que conciliam a conservação dos seus valores, a ativação de suas potencialidades e a sustentabilidade do projeto de reuso.

Será empregado o estudo de caso para analisar o contexto da reutilização de indústrias desativadas, localizadas na antiga zona industrial da cidade de Pelotas, RS, Brasil (Figura 1), pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O espaço urbano onde essas antigas indústrias estão localizadas é popularmente conhecido como "Zona do Porto", perceptivamente inclui os bairros Porto, Balsa e Caieira, e é considerado um lugar singular da cidade.

Figura 1: Mapas: da América Latina à direita, com localização do Brasil, e do Rio Grande do Sul à esquerda, com localização da cidade de Pelotas.



FONTE: Google Maps, e <http://www.viagemdeferias.com/mapa/rio-grande-do-sul/>.

A atividade industrial iniciou nesse espaço durante a segunda metade do século XIX, devido à sua proximidade com os meios de transportes fluviais através do Canal São Gonçalo, que já existiam em virtude do escoamento do charque. A industrialização se intensificou ao longo de quase um século e, a partir da segunda metade do século XX, a então “Zona do Porto” iniciou um processo de desindustrialização, que foi gradativamente alterando a paisagem do local, conduzindo-a para um significativo abandono. Com o propósito de contribuir para a requalificação deste espaço urbano, aliado à sua necessidade de expansão física institucional, a Universidade Federal de Pelotas/UFPel inseriu-se aos poucos no local, desde fins da década de 1990 até aproximadamente o ano de 2010, por meio da aquisição e reutilização de espaços industriais desativados para o desenvolvimento de atividades acadêmicas e administrativas. No local, existem também algumas indústrias remanescentes ainda em atividade, espaços para usos residencial e comercial e para atividades de serviços urbanos (tratamento de esgoto, secretaria de obras e pavimentação).

A paisagem da “Zona do Porto” possui, portanto, um acúmulo de elementos resultantes dos processos de permanências e rupturas dos modelos socioeconômicos vivenciados pela cidade, cuja sequência de conjunturas instituídas e superadas foi classificada, para a finalidade deste trabalho, em três períodos: o Período Industrial, o Período do Abandono e o Período Universitário. Essa paisagem cultural que se desenvolveu às margens da paisagem natural do Canal São Gonçalo resultou em um cenário peculiar, diversificado e propício para o desenvolvimento de diferentes relações entre os sujeitos e o lugar (Figura 2). Pressupõe-se que existam diversificadas memórias, significados e percepções, resultantes das relações desenvolvidas por sujeitos pertencentes a diferentes grupos, associados às diferentes conjunturas e usos atribuídos aos espaços ao longo do tempo.

Figura 2: Aerofotografia da “Zona do Porto” às margens do Canal São Gonçalo.



FONTE: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2020/01/720063-porto-de-pelotas-ultrapassa-1-milhao-de-toneladas-em-2019.html

O problema tratado na pesquisa parte de alguns fatos observados no processo de transformação da área, incluindo o planejamento do uso dos espaços e a reutilização do patrimônio industrial. O primeiro fato é que o lugar possui uma diversidade em potencial latente, resultante da combinação entre a materialização das transformações socioeconômicas sofridas ao longo do tempo, com os aspectos fenomenológicos desenvolvidos por distintos sujeitos. O desconhecimento desse potencial gera um desequilíbrio na produção do espaço, dificultando a criação de lugares mais significativos e diversificados para toda a comunidade. O segundo fato é que neste processo de transformação intervêm diferentes instituições da esfera privada e pública, bem como diferentes instâncias da administração pública. Em compensação, percebe-se pouca ou quase nenhuma participação e/ou mobilização da comunidade, principalmente daquela residente e que possui vínculos mais estreitos com o lugar. Por fim, os instrumentos de gestão urbana e de preservação patrimonial não são suficientes para garantir a conservação adequada desse patrimônio industrial, permitindo intervenções que causam prejuízo aos valores e à autenticidade desses

bens. Tais intervenções contrariam as recomendações feitas pelas Cartas Patrimoniais dedicadas à salvaguarda deste tipo específico de patrimônio.

Para todos os aspectos que compõem o problema, espera-se que a Universidade Federal de Pelotas, instituição pública de ensino inserida no contexto espacial estudado, possa contribuir ativamente no desenvolvimento de ações que promovam mais interação com a comunidade, bem como intervenções mais conscientes voltadas para a preservação desse patrimônio industrial. Considerando que esses problemas estão relacionados com questões que envolvem não só a comunidade acadêmica, mas também a comunidade do entorno, a UFPel pode contribuir por meio das atividades de ensino, pesquisa, mas principalmente através das atividades de extensão.

De acordo com a Carta Patrimonial de Sevilha¹, a reutilização dos bens que constituem o patrimônio industrial em benefício da sociedade é um exemplo de sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural. Essa Carta aborda a necessidade de o patrimônio industrial ser pensado atualmente, a partir de um enfoque renovado, capaz de se tornar um cenário de ação transdisciplinar para atender a todas as variáveis complexas que afetam os locais de trabalho. O documento considera o aumento de consciência social sobre o conceito de que patrimônio cultural não tem dono, é de todos, para indicar a necessidade de pensar modelos participativos mais inclusivos para os cidadãos.

Diante do exposto, buscou-se sintetizar os problemas observados e formular as seguintes perguntas: Como a comunidade percebe o patrimônio industrial inserido na paisagem urbana, quais valores lhe são atribuídos, e quais são as memórias a ele relacionadas? Como traduzir isso para a construção de um lugar mais significativo para toda a comunidade?

Considerando a importância histórica do local para a cidade e as distintas relações, diretas e indiretas, que a comunidade desenvolveu com ele, surge o interesse de se conhecer as diferentes versões que as pessoas têm sobre o lugar, sobre o seu patrimônio cultural em geral, e sobre o patrimônio industrial que está sendo reutilizado pela UFPel, o que é previsto no Manual de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN:

¹ O Patrimônio Industrial possui três documentos de abrangência internacional voltados à sua salvaguarda: A Carta de Sevilha é a mais recente (2018), Os Princípios de Dublin (2011) e a Carta de Nizhny Tagil (2003).

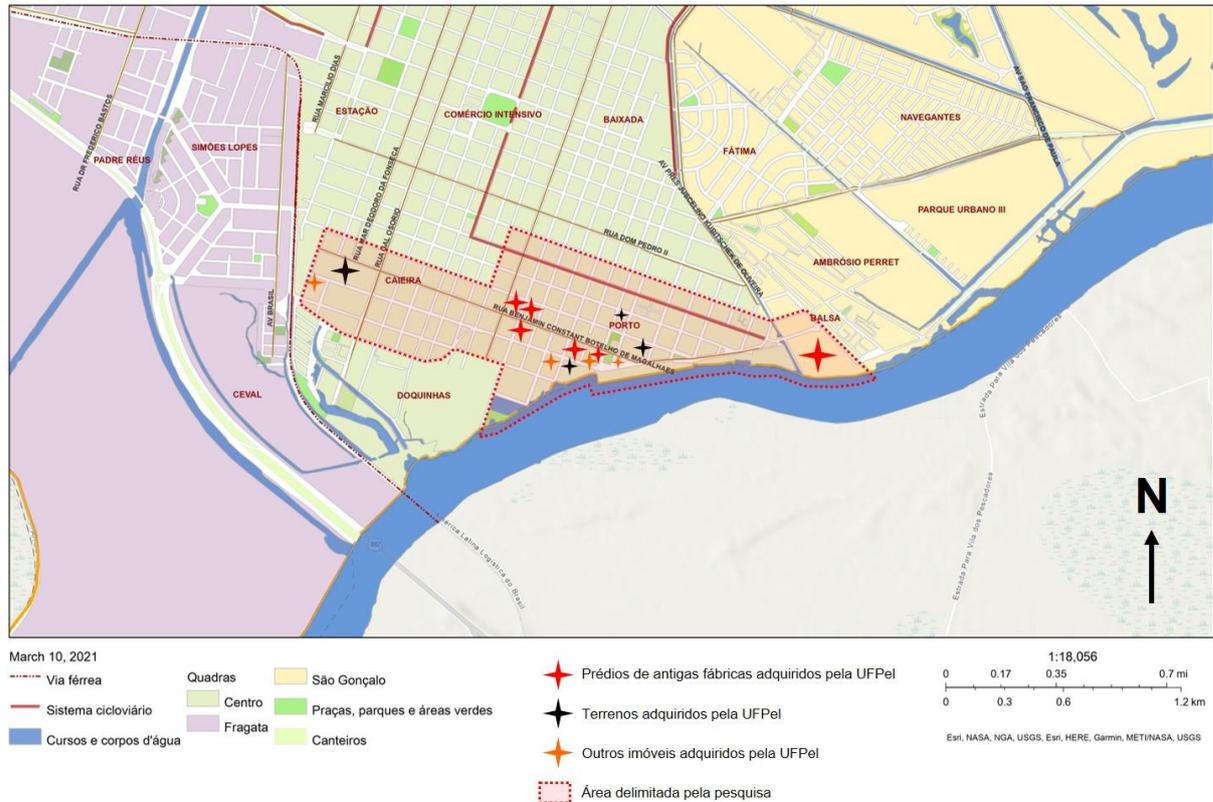
quando o assunto é patrimônio cultural não existe apenas uma versão sobre as coisas. As pessoas podem ter diferentes informações sobre um mesmo bem cultural e dependendo das suas relações com o bem, elas podem até ter visões contrárias sobre ele. Quanto mais informações e versões forem obtidas, mais profundo será o conhecimento sobre o bem, seus significados e a importância que ele tem para as pessoas. (IPHAN, 2013, p. 8)

Entretanto, a pesquisa se limitará a buscar conhecer apenas versões de sujeitos que tiveram relações diretas com o patrimônio adquirido pela UFPel e seu entorno imediato, e que se inserem no recorte de tempo que inclui os três períodos (industrial, abandono e universitário), caracterizando-se assim o objeto de estudo desta pesquisa.

A população e os recortes temporais e espaciais sugeridos para o trabalho foram definidos em função da relação existente entre eles, tendo o espaço como ponto de partida. O espaço foi definido a partir da localização dos prédios industriais, terrenos, entre outros imóveis adquiridos pela Universidade nos bairros Porto, Balsa e Caieira², em torno dos quais se gerou um polígono que delimita a área de estudo (Figura 3). O tempo foi definido a partir das transformações mais significativas sofridas por esse espaço, resultando nos três intervalos de tempo: o industrial, o abandono, o universitário. A população foi definida em função dos usos atribuídos a esses espaços e respectivos usuários, nos correspondentes intervalos de tempo: antigos trabalhadores das fábricas (período industrial), exploradores urbanos (período abandono) e comunidade acadêmica, formada por docentes, discentes e técnicos administrativos (período universitário).

² Neste trabalho, adotou-se a denominação “bairro”, ao invés de microrregião, em razão da percepção dos residentes em relação à identidade dos lugares estudados. De acordo com o Mapa do Município de Pelotas, o Centro e o São Gonçalo (ver Quadras na Figura 3) são regiões administrativas abrangidas pela delimitação da área da pesquisa. As microrregiões Caieira e Porto pertencem ao Centro, enquanto que a microrregião Balsa pertence ao São Gonçalo.

Figura 3: Mapa urbano com a delimitação da área de estudo, destacando os espaços adquiridos pela UFPel.



FONTE: Adaptado do Mapa Urbano Básico, disponível em: <https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>

A pesquisa parte do pressuposto de que existe uma dimensão intangível, formada por diferentes memórias, valores formais e simbólicos, percepções e relações afetivas, desenvolvida entre a comunidade e o patrimônio industrial que foi adquirido pela universidade, vinculada aos diferentes períodos pelos quais o lugar passou ao longo das últimas décadas. Pressupõe-se também que as diferentes experiências vividas pelos sujeitos, dentro e fora desse patrimônio nas suas diferentes condições, enquanto fábricas/ruínas/Universidade, incluindo o espaço urbano como cenário destas vivências, são parte da memória e da identidade dessa comunidade.

Baseado nessas pressuposições, a hipótese que a pesquisa busca comprovar é a de que essa dimensão intangível se relaciona com aspectos materiais (suportes físicos) e imateriais (afetos, valores e sentimentos), que por serem desconhecidos não são levados em consideração no processo de planejamento da área e também nas práticas de reutilização desse patrimônio. Estima-se que conhecer e trazer à tona diferentes memórias, significados e percepções desenvolvidas entre os sujeitos e o lugar ao longo do tempo pode ser um caminho interessante para promover novas

formas de preservação do patrimônio industrial, em suas escalas urbana e arquitetônica, além de ampliar as possibilidades de criação de lugares mais significativos e diversificados para essa comunidade e de intensificar o sentimento de pertencimento das pessoas com o lugar.

Os objetivos gerais desta pesquisa se constituem em: (I) conhecer aspectos intangíveis/imateriais relacionados ao patrimônio industrial, a partir da perspectiva de três diferentes grupos, formados pela população de antigos trabalhadores, de exploradores urbanos e da atual comunidade acadêmica; (II) registrar esses dados em forma de um inventário de valores intangíveis, que possam vir a ser considerados como subsídios para projetos multidisciplinares no âmbito da Universidade.

Os objetivos específicos desta pesquisa se constituem em: (I) conhecer as memórias relacionadas ao lugar no qual a UFPel se instalou – bairros Porto, Balsa e Caieira – e às antigas fábricas adquiridas pela Universidade, bem como as relações afetivas desenvolvidas entre as pessoas e esses lugares; (II) conhecer as percepções relacionadas à paisagem dos bairros e dos antigos lugares de trabalho, identificando valores formais, simbólicos e de uso intangível, contidos nessas lembranças e sentimentos; (III) sistematizar os dados coletados identificando categorias de análises dos valores intangíveis; (IV) gerar um documento em formato de inventário.

Para alcançar tais objetivos, a pesquisa desenvolveu a seguinte metodologia: (I) adotou uma postura de análise dialética, partindo da realidade que se conhece no presente, voltando ao passado para conhecer aspectos daquela realidade vistos sob a ótica de presente e retornando com novas reflexões, visando a um novo encaminhamento dessa realidade para o futuro; (II) adotou o método fenomenológico para investigar o objeto, pretendendo descobrir dados originais sobre as relações desenvolvidas entre as pessoas e o lugar, especificamente sobre memórias, significados e valores, percepções e elos afetivos; (III) propôs, inicialmente, uma combinação de instrumentos de coleta de dados, considerados já consagrados nos estudos sobre as relações pessoa-ambiente (RHEINGANTZ, 2009), incluindo uma atividade *in loco* para os participantes; (IV) propôs, posteriormente, uma combinação de instrumentos de coleta de dados exclusivamente virtuais, devido à necessidade de implementação de medidas de segurança sanitária consequente da pandemia provocada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2). Os instrumentos utilizados foram questionários e entrevistas semiestruturadas, mapas mentais, e foto/objeto-elicitação, que se complementaram, compondo um conjunto de narrativas orais e visuais.

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa é resultado da convergência de diversos interesses e aprendizados que surgiram ao longo da minha vida em diferentes momentos, os quais possuem dimensões pessoais, sociais e acadêmicas.

Na minha infância, durante os anos 1980, morei em um apartamento da Companhia de Habitação Popular (COHAB) e cresci tendo a área condominial como um espaço interessante a ser explorado. Minhas explorações consistiam no experimento de sensações e percepções proporcionadas por situações corriqueiras do cotidiano do condomínio. As áreas de estacionamento serviam de depósitos temporários para diversos restos provenientes de serviços, como poda das árvores ou reformas realizadas pelos apartamentos. Na nossa imaginação (minha e das minhas amigas de infância), esses restos amontoados transformavam-se em verdadeiros cenários de aventura, com muita poeira, bichos, cheiros, movimentos, oferecendo muitos desafios a serem vencidos.

Eu sempre gostei de procurar coisas nesses lugares, e havia também um prazer especial em procurar coisas “atrás dos blocos”, local onde se depositavam alguns restos peculiares; quando eu encontrava algo que pudesse ser reutilizado de alguma maneira, sentia certa euforia. Essa prática não estava relacionada a uma carência financeira ou necessidade da “catar” para ter com o que brincar; eu me sentia feliz em poder ressignificar. Pela satisfação de “catar” e ressignificar coisas e espaços desde a infância, identifico-me como uma espécie de “catadora”³.

Anos mais tarde, no final da década de 1990, já no início da fase adulta, percebi a existência de espaços abandonados, inseridos no meio urbano da cidade. Alguns destes espaços abrigavam edifícios industriais e maquinários corroídos pelo tempo, caracterizando-se por lugares e objetos que documentavam o processo de desindustrialização vivenciado pela cidade no final do século XX. Esses lugares me instigavam a conhecê-los de alguma maneira.

Durante o período em que cursei a faculdade de Arquitetura e Urbanismo, interessei-me pela possibilidade de reverter espaços urbanos degradados em

³ A ideia de catadores, utilizada por Fernando Hernández, no livro *Catadores da Cultura Visual* (2007), origina-se do sentido figurado atribuído aos “catadores” contemporâneos, no filme de Agnès Vardá (*Lés Glaneurs et La Glaneuse*, 2000), e traduz a ideia de pessoas que, com o gesto de “apropriar-se dos restos”, estavam realizando um ato de subversão, na medida em que rompiam com o papel a elas atribuído pela cadeia de consumo. Com isso, inventam uma nova subjetividade com base em uma subversão do dualismo vendedor/consumidor.

espaços de qualidade para usufruto da comunidade, baseado na Lei Federal Nº 10.257/01, Estatuto da Cidade, que “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (BRASIL, 2001). No trabalho final de graduação⁴, propus a requalificação de uma área que se encontra em localização privilegiada, no centro da cidade de Pelotas, porém numa condição de subutilização. O miolo do quarteirão abrigava um grande vazio urbano, oriundo do braço morto do arroio Santa Bárbara, com edifícios em ruínas, alguns aparentemente industriais. O quarteirão continha vestígios da antiga Fábrica de Chapéus Pelotense⁵, e sua vila operária, aparentemente autêntica, ainda existia. A proposta incluiu projetos de desenho urbano e diretrizes de planejamento.

Alguns anos depois, observei a crescente tendência de aquisição de espaços industriais desativados pelas instituições federais de ensino, Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), para serem reutilizados por novas atividades acadêmicas e administrativas. Quando ingressei no curso de Especialização em Artes, interessei-me por conhecer aspectos históricos, artísticos, legais e técnicos relacionados à salvaguarda e às intervenções promovidas sobre esses bens que compunham os vestígios do patrimônio industrial da cidade. Durante o desenvolvimento da monografia⁶, constatei que as intervenções promovidas pelas Instituições não seguiam as recomendações da Carta Patrimonial de Nizhny Tagil⁷, e que este tipo específico de patrimônio também não encontrava amparo adequado na legislação municipal.

Paralelamente a isso, entre fins dos anos 1990 e início dos anos 2000, percebi a existência de um movimento em torno da "Zona do Porto" que se caracterizou pela

⁴ Requalificação de quarteirão em área central da cidade. 2006. Trabalho Final de Graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

⁵ “A Fábrica de Chapéus Pelotense foi fundada em 31 de agosto de 1881, pela firma Cordeiro & Wiener, sendo um dos estabelecimentos mais importantes e conceituados no ramo têxtil em todo o território nacional.” (BRITTO, 2011). A Fábrica situava-se na Praça da Constituição, nº 104, atualmente Pça. 20 de Setembro, onde esteve instalado o CIMMA – Comércio de Implementos Motores e Máquinas Agrícolas. (FERREIRA, 2011).

⁶ *Friches Industriais Pelotenses, Conhecer para Preservar – O caso da Laneira Brasileira*. S.A. 2014. Monografia. Curso de Especialização em Artes. Universidade Federal de Pelotas.

⁷ A Carta Patrimonial de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial teve seu texto aprovado em 17 de julho de 2003, na Rússia, durante a Conferência do TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage).

prática de exploração urbana (urbex) e pelo desfrute das ruínas industriais, costumes desenvolvidos especificamente por integrantes de um movimento *underground*, conhecido como *Dark City*. Esse movimento serviu de inspiração para a produção de bens materiais e imateriais, como fotos, músicas, vídeos, festas e comportamentos, que integram um movimento de contracultura vivido pela cidade de Pelotas.

Quando esses antigos espaços industriais foram adquiridos e reformados pela Universidade Federal de Pelotas para o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas, percebi a insatisfação manifestada por alguns integrantes do referido movimento, através das redes sociais, em relação ao que foi praticado pela UFPel. Esse episódio representou o descontentamento dessa parcela específica da comunidade, que havia desenvolvido um sentimento de pertencimento em relação ao patrimônio industrial e ao lugar durante o período de seu abandono.

A partir dessas percepções, perguntei-me se existiam e quais seriam os sentimentos desenvolvidos pela comunidade em geral relacionados a esse patrimônio, e qual a sua opinião sobre a reutilização dos espaços por parte da Universidade. Será que existe o entendimento de que este patrimônio é de todos? Será que existem sentimentos diversos em relação a esse legado? Neste momento acadêmico, meu interesse é o de conhecer os aspectos fenomenológicos, desenvolvidos entre a comunidade e os vestígios do patrimônio industrial, especificamente daqueles adquiridos pela UFPel e localizados na "Zona do Porto" de Pelotas.

A dimensão pessoal se caracteriza, portanto, pelo interesse e envolvimento com as temáticas da resignificação, do espaço urbano e do patrimônio industrial há muitos anos e, também, por esses temas estarem diretamente relacionados com a minha prática profissional enquanto técnica administrativa da UFPel, ocupante do cargo de Arquiteta e Urbanista na Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN), que busca o desenvolvimento de planos e projetos sustentáveis, de qualidade, os quais atendam aos desejos da comunidade. A dimensão social se caracteriza pela preocupação sobre como tratar dos aspectos relacionados ao problema, contribuindo de forma concreta para que o referido patrimônio e seu lugar sejam transmitidos com qualidade ao futuro e que sejam usufruídos com melhor qualidade pela comunidade.

Alguns aspetos específicos, que se relacionam ao mesmo tempo com a dimensão pessoal (profissional) e com a dimensão social, são: (I) saber como a

Universidade pretende desenvolver sua atual política de expansão e consolidação física através da reutilização e preservação dos antigos espaços industriais; (II) reconhecer que existe um espaço urbano público compartilhado entre a cidade e a Universidade, que se caracteriza por diversos usos e pelo usufruto de um público diversificado, devendo ser planejado de forma compartilhada por diferentes instituições e instâncias; (III) reconhecer que, neste espaço compartilhado, há um patrimônio industrial preexistente, em diferentes estados de conservação, alguns exemplares são verdadeiros restos, mas no conjunto formam uma significativa paisagem industrial, que precisa ser respeitada e preservada; (IV) considerar que os projetos arquitetônicos e urbanísticos devem ser desenvolvidos considerando os interesses de toda a comunidade, seus valores, suas memórias, suas expectativas e necessidades de ressignificação.

O aspecto acadêmico que motiva esta pesquisa se caracteriza pelo tema ser relativamente novo e haver, portanto, muito conhecimento a ser construído. Os estudos voltados ao conhecimento do patrimônio industrial são recentes se comparados às outras categorias de patrimônio, porém vêm crescendo exponencialmente desde a década de 1990. Mas de acordo com Kühl (2010, p.27), esses estudos restringem-se aos complexos industriais e suas tipologias, não havendo um interesse na mesma proporção em relação aos

[...] estudos interdisciplinares que aprofundem, porém, a questão da inserção desses bens no espaço, ao longo do tempo, e suas relações com a estruturação da cidade ou do território, sua articulação com aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

Em 2019, a Universidade Federal de Pelotas completou 50 anos e, em comemoração à data, foi lançado o livro *O Patrimônio Industrial da Universidade Federal de Pelotas*, uma publicação que traz à tona as relações mencionadas por Kühl (2010). Julián Sobrino considera extraordinária essa iniciativa da UFPel, que consiste na recuperação de diversas edificações de tipologia industrial

para construir um campus universitário estruturado com a cidade e com suas heranças patrimoniais mais significativas que, apesar do tempo transcorrido, continuam formando uma trama visível de algo tão frágil como é a memória do território. (MICHELON, 2019, p.11 – traduzido pela autora)⁸

⁸ “Todo ello partiendo de una iniciativa extraordinaria, la llevada a cabo por la Universidad Federal de Pelotas consistente en la recuperación de diversas edificaciones, muchas de ellas de tipología industrial, para armar un campus universitario vertebrado con la ciudad y con sus herencias patrimoniales más significativas que, a pesar del tiempo transcurrido, siguen conformando una trama visible de algo tan frágil como es la memoria del territorio”. (MICHELON, 2019, p.11).

De acordo com Sobrino, esse empreendimento propõe debates que são ao mesmo tempo antigos e modernos, como por exemplo “o da dialética entre memória e esquecimento, entre as tensões entre modernidade e tradição, e dos conflitos entre especulação e gestão cidadã” (MICHELON, 2019, p.12 – traduzido pela autora)⁹.

Julián Sobrino destaca ainda que a Universidade Federal de Pelotas se encontra diante de uma extraordinária oportunidade não só pelo potencial de valorização e reutilização desse patrimônio, mas também pela possibilidade de criação de um laboratório permanente de investigação sobre os espaços industriais, que seja sede de um grupo de pesquisas multidisciplinares (MICHELON, 2019). Esse laboratório tem como germe o projeto de pesquisa “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel: memórias dos lugares de produção de Pelotas e suas possibilidades de pesquisa a partir do trabalho com as comunidades”¹⁰, que se iniciou em 2018, com o propósito de construir uma ampla rede de conhecimento em torno do seu patrimônio industrial. O projeto reúne estudantes e professores envolvidos em diferentes pesquisas, que buscam conhecer esse patrimônio industrial através de olhares interdisciplinares.

Esta é uma pesquisa qualitativa que dialoga com o referido projeto de pesquisa, buscando ampliar a rede de conhecimentos em torno do patrimônio industrial adquirido pela Universidade, através do conhecimento sobre aspectos da relação dinâmica entre diferentes sujeitos e o objeto, com o propósito de construir novos conhecimentos que possam transformar aquilo que está sendo visto como um problema.

A reutilização do patrimônio industrial é o tema principal desta pesquisa, porém há outros subtemas que se relacionam diretamente com o objeto de estudo e com os problemas abordados, os quais estão contidos no processo de reutilização desse

⁹ “Pero, además, leyendo los textos que siguen a éste prólogo, nos hallamos ante un libro que nos trae los ecos de un debate antiguo pero moderno, el de la dialéctica entre memoria y olvido, entre las tensiones entre modernidad y tradición, el de los conflictos entre la especulación y la gestión para la ciudadanía”. (MICHELON, 2019, p.12).

¹⁰ Projeto de Pesquisa coordenado pela Professora Dr^a. Ana Maria Sosa Gonzáles, Professora Visitante no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. O projeto tem por objetivo analisar as extintas indústrias, cujos edifícios foram adquiridos pela Universidade Federal de Pelotas, identificando o estado de preservação, a reativação patrimonial e as propostas de revitalização. O projeto também propõe sistematizar os diversos trabalhos realizados em diferentes áreas do saber sobre as extintas fábricas e analisar as memórias do trabalho – ainda vivas – que formam parte da lembrança daqueles que ali trabalharam (MICHELON, 2019).

patrimônio pela Universidade Federal de Pelotas. A fim de organizar as ideias por subtemas, o trabalho foi estruturado da seguinte maneira:

(1) Introdução. Na introdução são apresentados os elementos estruturadores da pesquisa: o tema, o problema, os recortes espacial e temporal, a hipótese, os objetivos e a justificativa para o desenvolvimento do trabalho. Dentre as motivações apresentadas, a pesquisadora apresenta sua motivação pessoal através de uma narração em primeira pessoa, diferenciando-se da narração em terceira pessoa que caracteriza o restante do trabalho.

(2) Capítulo I. O Capítulo I é identificado como "O lugar no qual a UFPel se instalou". Ele apresenta o marco teórico da pesquisa e contextualiza o objeto de estudo no espaço e no tempo. Para isso, foi dividido em quatro subcapítulos: (2.1) O primeiro subcapítulo, identificado como "O espaço que se tornou lugar", aborda conceitos relacionados à formação dos espaços urbano e arquitetônico e às relações existentes entre os sujeitos e espaços, demonstrando como essas relações influenciam na transformação de espaços em lugares. Ele aborda também a importância da participação da comunidade nos processos de planejamento de criação de lugares no meio urbano; (2.2) O segundo subcapítulo, identificado como "O patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a Universidade", aborda a trajetória histórica do lugar, mostrando como se constituiu o patrimônio industrial que hoje se encontra compartilhado entre a cidade e a Universidade Federal de Pelotas, e as ações conjuntas desenvolvidas entre instituições e poder público para a requalificação do local; (2.3) O terceiro subcapítulo é identificado como "O patrimônio industrial e sua reutilização" e apresenta conceitos relacionados ao patrimônio cultural e industrial, seus valores, ativações patrimoniais e reutilização; e (2.4) O quarto subcapítulo é identificado como "O uso do método", apresentando uma análise dialética da realidade estudada e a metodologia utilizada ao longo da pesquisa.

(3) Capítulo II. O Capítulo II é identificado como "As diferentes narrativas". Ele apresenta o desenvolvimento da pesquisa, analisa os dados criticamente, relacionando-os com o marco teórico. Foi dividido em mais três subcapítulos: (3.1) O primeiro apresenta as narrativas da comunidade acadêmica vinculada ao período universitário; (3.2) O segundo apresenta as narrativas dos exploradores urbanos, vinculadas ao período do abandono; (3.3) O terceiro apresenta a narrativa de antigos trabalhadores, vinculada ao período industrial. Todas elas contêm uma análise dos dados, relacionada com o marco teórico.

(4) Considerações Finais. As considerações finais apresentam análises referentes aos entrelaçamentos das narrativas dos diferentes grupos. Esses entrelaçamentos ressaltam as diferentes materialidades e relações fenomenológicas, e as tensões e contradições, que são fundamentais para impulsionar o movimento dialético e para ampliar as possibilidades de ação.

2. CAPÍTULO I – O LUGAR NO QUAL A UFPEL SE INSTALOU

No presente capítulo apresenta-se o contexto espaço-temporal onde o objeto de estudo está inserido, dialogando com os principais elementos estruturadores da pesquisa, constituindo, assim, o seu marco teórico. Nele abordam-se conceitos relacionados à formação dos espaços urbano e arquitetônico e às relações existentes entre os sujeitos e os espaços, demonstrando como essas relações influenciam na transformação de espaços em lugares e como é importante a participação da comunidade nesses processos de criação de lugares. Aqui, aborda-se também a trajetória histórica do lugar, mostrando como se constituiu o patrimônio industrial que hoje se encontra compartilhado entre a cidade e a Universidade Federal de Pelotas e as ações conjuntas entre instituições e poder público com o propósito de revitalização da “Zona do Porto”. Na sequência, apresentam-se conceitos relacionados a patrimônio cultural e patrimônio industrial, seus valores, ativações patrimoniais e os desafios da reutilização. Por fim, apresenta-se uma análise dialética da realidade estudada, e a metodologia utilizada ao longo da pesquisa.

2.1 O espaço que se tornou lugar

Este subcapítulo aborda os principais conceitos que estão diretamente relacionados com o objeto de estudo, com a formulação da hipótese e com um dos aspectos que compõe o problema desta pesquisa. O objeto de estudo caracteriza-se pelas relações desenvolvidas entre sujeitos e o patrimônio industrial adquirido pela UFPEl, incluindo o espaço urbano no qual ele está inserido. Esse espaço urbano tornou-se um lugar significativo da cidade de Pelotas, devido à sua trajetória histórica, pela peculiaridade e diversidade de sua paisagem e pelas distintas relações desenvolvidas com os diferentes sujeitos ao longo do tempo.

Há pouco mais de duas décadas, esse lugar vem modificando sua dinâmica em prol da consolidação da Universidade Federal de Pelotas. Para isso, faz-se necessário um processo constante de planejamento do uso do espaço, nas escalas urbana e do edifício, para adaptar tanto infraestruturas quanto superestruturas fabris às demandas

de atividades e fluxos acadêmicos, garantindo o pleno funcionamento dessas novas atividades.

O lugar constitui um fenômeno complexo e vem sendo estudado por diversos teóricos, desde a década de 1960, sob diferentes perspectivas. Os autores citados neste subcapítulo apresentam conceitos que embasam o propósito desta pesquisa, no que tange à busca pelo conhecimento de lugar, sua relação com os sujeitos e a importância disso para o planejamento. O referencial teórico parte do conhecimento do lugar, apresentando conceitos de *genius loci* (NORBERG-SCHULZ, 2008) e de espaço e paisagem (SANTOS, 2006; NORBERG-SCHULZ, 2008). A transformação de espaço em lugar, mediante as relações fenomenológicas desenvolvidas entre os sujeitos e os lugares são abordadas através de categorias como percepção e memória (LYNCH, 1997; BERGSON, 1999; CANDAU, 2008; TUAN, 2013) e conceitos como *Topofilia* (TUAN, 1974). O espaço enquanto produto dessas relações (LEFEBVRE, 2013) e a importância da participação da comunidade nos processos de planejamento do espaço (DEL RIO, 1990) encerram a abordagem proposta para este subcapítulo.

O teórico norueguês Christian Norberg-Schulz utilizou a fenomenologia, a linguística e a psicologia da percepção (Gestalt) para construir uma teoria abrangente de estudo do meio ambiente. Em sua teoria, Norberg-Schulz (2008) revê o conceito de *genius loci*, originário da Roma antiga, que representava o espírito guardião que dava vida às pessoas e aos lugares, determinando seu caráter e sua essência, ou seja, o “espírito do lugar” – para referir-se à ideia de essência de um lugar. Além disso, o autor recorre à filosofia e desenvolve uma interpretação textual do ensaio “Construir, habitar, pensar” de Martin Heidegger, encontrando na palavra “habitar” as conotações que confirmam sua tese. No ensaio, o filósofo alemão chama de mundo o que fica entre a terra e o céu, dizendo que “o mundo é a casa onde habitam os mortais” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 448). Fazendo uso das relações linguísticas entre os idiomas inglês, norueguês, alemão e o gótico, Heidegger mostra que “habitar significa estar em paz num lugar protegido” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 458).

De acordo com Norberg-Schulz (2008), a relação entre os conceitos de paisagem, espaço e caráter é necessária para compreender o *genius loci*, ou seja, a essência do lugar. Para o autor, paisagem está relacionada, como principal designação, aos lugares e às coisas naturais, enquanto que os “assentamentos” de diferentes escalas (casas, fazendas, aldeias, cidades e vias conectoras) representam a incorporação dos elementos criados pelo homem sobre a paisagem natural e

transformam a natureza em paisagem cultural. A paisagem e os assentamentos são considerados a estrutura que dá suporte aos lugares e podem ser analisados através de duas categorias – espaço e caráter – que são interdependentes.

O espaço indica a organização tridimensional dos elementos que formam o lugar e adquire duas funções distintas: uma como geometria tridimensional e outra como campo perceptual. Na primeira, o espaço é tratado como um “espaço concreto” e essa função lhe é atribuída devido às abstrações da “totalidade intuitiva tridimensional da experiência cotidiana” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 449). A segunda ocorre a partir da disposição dos elementos neste espaço concreto, embasando as orientações das pessoas através das propriedades espaciais “dentro e fora”, “acima e abaixo”, “na frente e atrás”. Essas propriedades possuem natureza topológica e correspondem aos princípios da organização da Gestalt.

Norberg-Schulz (2008) recorre, ainda, à definição de espaço proposta por Paolo Portoghesi como sendo um “sistema de lugares”, delimitados por níveis variados de cercamento (fronteira) e extensão. A delimitação espacial, ou seja, o cercamento de um assentamento e o conteúdo concentrado neste estabelecimento constituem a propriedade básica dos lugares criados pelo homem. Assim, “Os lugares são literalmente ‘interiores’, o que significa dizer que ‘reúnem’ o que é conhecido” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 448). A extensão espacial parte de centro (conteúdo), em diferentes direções e em níveis variados de continuidade, e a relação de identidade com o conteúdo é estabelecida em função da distância, ou seja, quanto maior a distância em relação ao centro, menor a identidade com o conteúdo.

O caráter de um lugar é a qualidade peculiar que o identifica, pode ser proveniente da própria natureza, como também dos elementos construídos pelo homem. Os lugares construídos pelo homem se relacionam com a natureza de três maneiras: visualização, simbolização e reunião. A construção é a expressão humana que materializa o seu modo de entender a natureza e que permite ao homem visualizar o seu desejo concretizado. A simbolização é a tradução de um significado experimentado para outro meio, ou seja, o significado apreendido sobre o modo de entender a natureza é expresso através das propriedades construtivas. Já a reunião é a concentração dos significados apreendidos pela experimentação, que possibilita ao homem criar para si mesmo uma “*imago mundi* ou um microcosmo, que dê concretude a esse mundo” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 453), assumindo um caráter de centro existencial.

Para o autor, “O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se lugar [...]” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 454) e que essas três etapas (visualização, simbolização e reunião) fazem parte do processo de fixação do homem em determinado lugar. Desta forma, a arquitetura ajuda o homem a habitar, concretizando o *genis loci*.

Usamos a palavra “habitar” para nos referirmos às relações entre o homem e o lugar. Para entender melhor o que esta última palavra significa, vale a pena retomar a distinção entre “espaço” e “caráter”. Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental. Denominarei de “orientação” e “identificação” as duas funções psicológicas implicadas nessa condição. Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar. (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 455)

De acordo com as ideias de Norberg-Schulz (2008), o Canal São Gonçalo representa a paisagem (natural), enquanto que fábricas, estrutura portuária, praças, ruas e residências da área representam os assentamentos que, juntos, formam a estrutura que dá suporte à “Zona do Porto”. Essa estrutura física se apresenta como um espaço que possui um caráter. Enquanto espaço, ele é constituído pela materialidade desses elementos, os quais se encontram arranjados geometricamente e disponíveis para serem percebidos pela comunidade. Ainda, enquanto arranjo geométrico, é possível analisar a “Zona do Porto” como um “sistema de lugares”, em que cada fábrica constituiu um assentamento, “um lugar”, que concentrou seu conteúdo (estatuto da firma, rotinas próprias de trabalho etc.) dentro do seu cercamento. Enquanto conjunto, ela reuniu um conteúdo em comum: as rotinas do trabalho nas fábricas. O caráter dessa estrutura física é aquilo que ela representa, ou seja, a dimensão simbólica do mundo do trabalho.

Para Milton Santos (2006), geógrafo brasileiro, o espaço é um conjunto indissociado de objetos e ações. Primeiramente, no espaço, existem as coisas e os atos, os quais se tornam respectivamente objetos e ações na medida em que são utilizados pelos homens e adquirem um conjunto de intenções sociais, com funções definidas e significados contidos. Para o autor, a principal forma de relação entre o homem e a natureza (espaço) é dada pelo uso da técnica (e seus respectivos objetos técnicos). Segundo o autor, a paisagem é um conjunto inanimado, composto pelo resultado das ações humanas, das práticas sociais, das práticas culturais material e imaterial, sobre as manifestações da natureza ou paisagem natural. Nesse conjunto inanimado não existe ação nem vida, porém elas estão intrínsecas na imagem dessa

paisagem e podem ser identificadas por meio dos significados emitidos pelos objetos técnicos e pela técnica, permitindo ao observador identificar as relações existentes entre o homem e o trabalho, o tempo do trabalho, o tempo da divisão territorial e o tempo dos elementos construídos no espaço (SANTOS, 2006).

De acordo com Santos (2006), o acúmulo de elementos ou objetos técnicos que foram produzidos em diferentes períodos e visualmente identificáveis na paisagem da “Zona do Porto” pode ser chamado de *rugosidade*. Para o autor, *rugosidade* representa as marcas do tempo impressas na paisagem, é aquilo que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares (SANTOS, 2006). Neste caso, a *rugosidade* visível na paisagem em estudo representa um processo de permanências e rupturas dos modelos socioeconômicos vivenciados pela cidade.

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan contribuiu para a reconsideração do conceito e do sentido de lugar na ciência geográfica, ampliando sua abordagem e relacionando-a “com as humanidades, a arte e com um sentido fenomenológico e existencial de ser-no-mundo” (TUAN, 2013, p. 7). Para esse autor, os planejadores profissionais não consideram as ricas informações provenientes da experiência humana nas práticas de planejamento, por causa da complexidade e da dificuldade que existe na comunicação de sentimentos. De acordo com Tuan (2013), devido à necessidade rápida de agir que têm os práticos “fazedores” (planejadores profissionais) e à resistência para comunicação rápida que essas experiências oferecem, então eles tendem a considerá-las particulares, idiossincráticas e sem importância. Porém, a experiência abrange as diferentes maneiras pelas quais as pessoas conhecem e constroem a realidade.

[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 2013, p. 18)

De acordo com Tuan (2013), a experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento é identificado pelo autor como a memória e a intuição, os quais são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência. Sentimento e pensamento se complementam no processo de um *continuum* experiencial: enquanto o primeiro é atribuído a estados subjetivos, o segundo é

atribuído à realidade sinestesia, através de movimentos que permitem ao ser movente a aquisição de um sentido de direção e, assim, o espaço adquire uma organização coordenada. Porém, essa experiência pode ser intensificada e até carregada de emoções, se esse espaço oferecer outros estímulos que reforcem o caráter do lugar, tornando-o distinto, fácil de ser identificado e lembrado. Assim, “Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 2013, p. 7).

O homem organiza o espaço com a finalidade de torná-lo adequado às suas necessidades biológicas e sociais. A forma de organizar o espaço varia entre os homens de diferentes culturas, porém existem certas semelhanças culturais comuns, que se baseiam no princípio “de que o homem é a medida de todas as coisas” (TUAN, 2013, p. 49). Para dominar o espaço e sentir-se à vontade nele, o homem se articula espacialmente de acordo com seu esquema corporal, ou seja, seus pontos de referência reais no espaço estão direcionados, localizados e distanciados, a partir da referência do seu próprio corpo. Além disso, os significados intrínsecos nas relações espaciais existentes no eixo horizontal, mas, principalmente, no eixo vertical promovem uma hierarquia de valores, os quais são simbolicamente representadas nas obras de arquitetura. Com isso, o homem constrói seu lugar, esquematizando o espaço a partir de sua compreensão do mundo e de como se relaciona com o mundo. Os lugares assim podem representar um microcosmo, que espelha o macrocosmo, ou podem representar o centro do mundo.

Conforme Tuan (2013), a diferença entre “espaço” e “lugar” consiste no fato de que um se transforma no outro a partir da experiência nele vivenciada. O espaço, inicialmente, é indiferenciado e se transforma em lugar “a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (TUAN, 2013, p. 7).

Sobre a complexidade e a dificuldade que existem na comunicação de sentimentos relacionados aos lugares, o autor entende que a literatura é uma aliada nesse processo. Ele diz que

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não por meio do olho crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar. (TUAN, 2013, p. 200)

Neste sentido, narrativas orais associadas a imagens de lugares podem contribuir, de forma análoga à contribuição da literatura, para dar visibilidade a sentimentos e experiências em relação a espaços e lugares.

As palavras contêm e intensificam o sentimento. Sem palavras, o sentimento atinge um máximo momentâneo e rapidamente desaparece. Talvez uma razão por que as emoções dos animais não atingem a intensidade e duração das emoções humanas deva-se ao fato de os animais não possuírem linguagem para conservar as emoções de modo que elas possam crescer ou apodrecer. O meio ambiente construído, como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar a ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes. (TUAN, 2013, p. 133)

As ideias e os conceitos apresentados por Tuan (2013) vão ao encontro daquilo que a pesquisadora percebeu sobre o movimento em torno da "Zona do Porto", que se caracterizou pela prática de exploração urbana (*urbex*)¹¹, pelo desfrute das ruínas industriais por integrantes do movimento *underground* conhecido como *Dark City*¹² e também pela insatisfação manifestada por integrantes do movimento em relação à reutilização destes espaços.

Essa concordância ocorre porque a prática de exploração urbana é uma experiência em que o conhecimento do espaço se dá através de um “*continuum* experiencial” em que pensamento e sentimento se complementam. Além disso, supõe-se que o aparecimento de novos elementos sensíveis, provenientes da degradação dos prédios durante o período do abandono, tenha intensificado o caráter do lugar naquele período e proporcionado uma experiência estética diferenciada aos

¹¹ “A exploração urbana, ou UrbEx (de Urban Exploration), é a exploração de áreas urbanas e industriais normalmente não vistas ou de acesso restrito. [...] A atividade pouco usual contempla *hacking* de prédios (a exploração de prédios e arranha-céus), cavernismo urbano (a exploração de dutos e túneis) ou ainda escalada urbana (a exploração de marcos e guindastes). Mais do que uma atividade, exploração urbana é um manifesto, uma atitude política de lembrar e celebrar a memória da cidade.” Disponível em: <https://chickenorpasta.com.br/2018/exploracao-urbana-na-alemanha>. Acesso em: 24/04/2021.

¹² “Há dez anos, a expressão “Dark City” foi usada em nossa cidade para denominar festas góticas. Com sentido crítico e alguma imaginação, seus organizadores e participantes relacionaram a personalidade de Pelotas com o estilo bizarro e depressivo do *noir*. Dark City era aqui. [...] Como contribuição, nosso conterrâneo Vítor Ramil formula a Estética do Frio, que ajuda a entender uma parte da mentalidade pelotense, do ponto de vista da melancolia. É inegável a semelhança entre as imagens do filme e o ar transilvânico do Barão de Satolep que não esconde ser uma cruel sátira do efeito europeu em nossa cultura.” Dark City é um filme com direção e roteiro de Alex Projas, *Dark City* (1998) é um suspense fantástico e *noir*, inspirado em *Metropolis* (Lang, 1927) e *Nosferatu* (Murnau, 1922). No Brasil, o título é “Cidade das Sombras”; em Portugal, ficou como “Cidade Misteriosa”. Disponível em: <https://pelotascultural.blogspot.com/2009/03/cidade-sombria.html#:~:text=H%C3%A1%20dez%20anos%2C%20a%20express%C3%A3o,Dark%20City%20Oera%20aqui>. Acesso em: 24/04/2021.

seus frequentadores. Essa suposição foi reforçada pelas palavras do jornalista Rubens Filho¹³ que, se referindo ao vídeo *Dark City* de Paulo Momento, diz:

Sei bem do fascínio por esse lado “dark” pelotense. Ele entra no nosso imaginário ainda na infância, associado à ruína predial, à umidade, à ferrugem, a mofo, musgos e líquens. Há algo de triste e doce que nos remete à melancolia, ao abandono existencial, à desesperança na história, ao fracasso de uma época, mas que também nos incita à necessidade de reinvenção. (FILHO, 2009)

O vídeo é uma produção artística que documenta a relação do indivíduo com a paisagem da cidade de Pelotas, especificamente com a “Zona do Porto”, durante o período do seu abandono. Além do vídeo, outros bens materiais e imateriais, como fotos, músicas, vídeos, festas e comportamentos, foram produzidos tendo como inspiração a estética do abandono, integrando esse movimento de contracultura vivido pela cidade de Pelotas.

Durante as explorações urbanas, muitas fotografias foram obtidas visando a um caráter exploratório e artístico. Essas fotos se configuram em registros fidedignos do período do abandono, documentando vestígios dos esquemas de produção das fábricas, detalhes da arquitetura industrial e mudanças ocorridas na paisagem ao longo dos anos. As fotografias das Figuras 4 a 9 foram obtidas durante as explorações urbanas no intervalo entre 2004 e 2008.

¹³ FILHO, Rubens. Pelotas, The Dark City. Blog Amigos de Pelotas. 2009.

Figura 4: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Contraste luz e sombra.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 5: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Contraste interior e exterior.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008

Figura 6: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Efeito espelhado.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 7: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Textura da chaminé e contraste luz e sombra.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 8: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Detalhes construtivos e efeito perspectiva.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 9: Fotografia com caráter exploratório e artístico do Anglo. Detalhes construtivos.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Quando esses antigos espaços industriais foram adquiridos e reformados pela Universidade Federal de Pelotas para o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas, integrantes do referido movimento manifestaram, através das redes sociais, sua insatisfação em relação ao que foi praticado pela UFPel. Entende-se que a crítica feita por eles se relacione com as ideias de Tuan (2013) no sentido de haver uma desconsideração de informações provenientes da experiência humana nas práticas de planejamento de uso dos espaços.

Yi-Fu Tuan também é autor do conceito de *Topofilia* (1974), que compreende os elos afetivos desenvolvidos entre os indivíduos e os lugares, através das percepções, atitudes e valores. Esses laços afetivos diferem em intensidade, sutileza e modos de expressão. Sobre o conceito de *topofilia*, o autor diz que:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1974, p. 107)

Enquanto as ideias de “*continuum* experiencial” se relacionam melhor com a prática da exploração urbana, o conceito de “*topofilia*” se relaciona melhor com a realidade pretérita dos ex-trabalhadores, porque o lugar, além de ter sido o bairro industrial da cidade, também foi constituído como bairro residencial dos trabalhadores, sendo ao mesmo tempo o lar e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1974).

O urbanista norte-americano Kevin Lynch desenvolveu um importante estudo sobre a percepção humana em relação à estrutura espacial das cidades, que se constitui em bases fundamentais para a prática de desenho urbano, e contribui fundamentalmente para os objetivos desta pesquisa. O autor reconhece a complexidade da cidade devido aos diversos fenômenos que nela ocorrem simultaneamente e se relacionam entre si. Ele diz que:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 1997, p. 1)

O autor propõe analisar a imagem da cidade formada mentalmente pela população, a partir de suas qualidades visuais e físicas, as quais ele denomina Legibilidade e Imaginabilidade. Ele define Legibilidade como “a facilidade com que

suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente” (LYNCH, 1997, p. 3) e Imaginabilidade como “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 1997, p. 11). Essas qualidades contribuem para a construção mental de uma boa imagem ambiental, a qual

oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta. [...] Na verdade, um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana. (LYNCH, 1997, p. 5)

Sobre a construção da imagem em cada indivíduo, o autor diz que “As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o seu ambiente” (LYNCH, 1997, p. 7). De um lado, o observador seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. Ao selecionar, ele prioriza determinadas informações em detrimento de outras, submetendo-as a um filtro perceptivo. Do outro lado, a imagem própria do ambiente permanece em constante processo de interação com seus observadores. A imagem formada mentalmente se constitui no “quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador” (LYNCH, 1997, p. 4), servindo como importante recurso no processo de orientação.

A orientação é importante para a sensação de equilíbrio e bem-estar e, para muitas espécies, é a garantia da própria sobrevivência. Os indicadores sensoriais fornecidos pelo meio são bastante eficientes para garantir a orientação dos animais que se locomovem e podem ser percebidos pelas “sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como o olfato, a audição, o tato, a sinestesia, o sentido da gravidade e, talvez, dos campos elétricos ou magnéticos” (LYNCH, 1997, p. 3-4). A imagem mental como recurso no processo de orientação se retroalimenta, reforçando e complementando os indicadores sensoriais fornecidos pelo meio. Sobre isso, o autor explica que “Essa imagem é produto tanto da sensação imediata, quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação” (LYNCH, 1997, p. 4).

A imagem mental de determinado ambiente pode variar significativamente entre os seus diferentes observadores. Porém, Lynch defende que, mesmo com essas diferenças individuais, há imagens que são consensuais entre membros de um mesmo grupo. Para ele, são essas imagens “que interessam aos planejadores

urbanos dedicados à criação de um ambiente que venha a ser usado por muitas pessoas” (LYNCH, 1997, p. 8).

Foram poucas as vezes em que o autor se referiu a “lugar” em seu estudo. A relação que ele estabelece entre “ambiente” (que caracteriza o seu objeto de estudo) e “lugar” pode ser observada nesta expressão: “[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível” (LYNCH, 1997, p. 102).

A relação entre percepção e memória foi pioneiramente proposta por Henri Bergson, filósofo francês que viveu contemporaneamente ao surgimento da psicanálise e quebrou paradigmas positivistas ao defender a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas que propunham seu alojamento em algum canto escuro do cérebro. Em sua teoria, lançada em 1896, no livro *Matéria e Memória*, o autor afirmou que a memória não estava armazenada apenas no cérebro (matéria), mas também no psíquico (espírito).

Bergson (1999) desenvolveu seu estudo da percepção centrado no indivíduo, a partir da análise das imagens que o indivíduo forma do mundo e da constatação de que ele está permanentemente no centro destas imagens. Para o autor, o indivíduo conhece o sistema de objetos e ações que compõe o mundo a partir dos estímulos recebidos e transmitidos através do seu sistema nervoso. O autor observa que esse processo se desencadeia de duas formas: numa delas, o indivíduo recebe os estímulos do ambiente e responde com ações em relação a ele, processo que se desenvolve por uma propensão motora, que atua sobre uma estrutura imagem-cérebro-ação; na outra, o indivíduo recebe os estímulos do ambiente e os “absorve”, sem responder com ações em relação a ele, processo que se desenvolve por uma propensão perceptiva, que atua sobre uma estrutura imagem-cérebro-representação. Neste último processo, a percepção das coisas passa para o nível da consciência (BERGSON, 1999).

O autor insere a dimensão espiritual ao afirmar que “a impressão recebida, em vez de desenvolver-se apenas em movimentos, espiritualiza-se em conhecimento” (BERGSON, 1999, p. 25). Ao dizer que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1999, p. 30), o autor estabelece uma relação inseparável entre percepção e memória.

Embora o autor afirme haver essa inseparável relação entre percepção e memória, é importante salientar a diferença entre uma e outra para compreender o processo de reconhecimento. O autor propõe que se entenda por percepção a “percepção pura”, aquela que existe mais de direito (enquanto conceito) do que de fato, que seja capaz de eliminar todas as formas de interferência da memória, obtendo indicações sobre a natureza da matéria ao mesmo tempo imediatas e instantâneas, e que esteja totalmente imersa no momento presente, permitindo ao indivíduo o conhecimento do mundo. Essas informações obtidas através da percepção individual são armazenadas na “memória pura”, aquela que se caracteriza por um espaço infinito, em constante crescimento, longe do presente, sobre a qual se abre uma perspectiva para o que se chama de espírito. Neste espaço infinito, o passado se conserva, mas segue atuando no presente, através das lembranças que a percepção aciona. O reconhecimento é o ponto de contato entre a memória (passado) e a percepção (presente).

Na memória pura, o corpo guarda esquemas de comportamento adquiridos pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos e palavras, é o que permite ao indivíduo “saber de cor”. Essa memória de atuação mecânica ou automática é chamada pelo autor de *memória-hábito*. O corpo guarda também lembranças independentes de qualquer hábito, lembranças isoladas, singulares, que permitem trazer à tona da consciência um determinado momento único. Essa memória de caráter evocativo é chamada pelo autor de *lembrança pura* (BERGSON, 1999).

As ideias e os conceitos apresentados por Lynch (1997), Tuan (2013) e Bergson (1999) contribuíram para a formação da pressuposição que a pesquisa busca verificar, de que existem diferentes memórias, significados e percepções relacionadas aos sujeitos pertencentes a diferentes grupos, associados às diferentes conjunturas e aos usos atribuídos aos espaços ao longo do tempo. Foi a partir da ciência sobre a existência do movimento de exploração urbana no local, durante o período em que as fábricas estiveram abandonadas, que surgiu essa curiosidade, e sobre como esses aspectos seriam representativos de outros grupos de usuários.

Como dito anteriormente, o desejo era o de conhecer as mais diversas versões sobre o lugar e seu patrimônio, porém a pesquisa se limitou a buscar conhecer apenas narrativas de sujeitos que tiveram relações diretas com eles. Com isso, os sujeitos a serem investigados foram organizados por grupos: antigos trabalhadores, cujas narrativas estão relacionadas ao mundo do trabalho e às relações sociais

desenvolvidas dentro e fora das fábricas; exploradores urbanos, cujas narrativas estão vinculadas ao usufruto do espaço e às relações desenvolvidas dentro e fora das ruínas; e comunidade acadêmica, cujas narrativas estão vinculadas à rotina universitária e às relações desenvolvidas dentro e fora da Universidade Federal de Pelotas.

A pesquisa investigou sujeitos buscando conhecer suas experiências individuais, porém se ateve à possibilidade dessas experiências constituírem uma memória coletiva coesa, que pudesse a vir a se caracterizar como uma memória social a ser preservada. As narrativas foram agrupadas de modo a representarem ideias comuns, representativas de cada grupo. Os conceitos propostos por Joel Candau, antropólogo francês, auxiliam na compreensão da relação existente entre as memórias individuais e coletivas. Para o autor, enquanto nos indivíduos a memória se manifesta nestes três níveis, protomemória, memória e metamemória, no coletivo ela se manifesta apenas no nível da metamemória, porém, nesse caso, ela possui um estatuto diferente daquele que ocorre em nível individual.

A protomemória é identificada pela memória de baixo nível, é aquela que “constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAU, 2018, p. 22), identificada também como memória procedural, memória repetitiva ou *memória-hábito* de Bergson (1999), ou seja, aquela que age como experiência incorporada, de maneira imperceptível, sem necessidade de evocação consciente. A memória propriamente dita é identificada pela memória de alto nível, é aquela que constitui o reconhecimento e a recordação, que age pela “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.)” (CANDAU, 2018, p. 23).

A metamemória é identificada pela “representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela” (CANDAU, 2018, p. 23). Enquanto a protomemória e a memória fazem uso direto da faculdade da memória, a metamemória faz uso da representação sobre essa faculdade, possibilitando ao indivíduo discorrer sobre suas memórias e atuando sobre elas conforme suas necessidades.

As memórias individuais podem ser compartilhadas por membros de um mesmo grupo. Esse compartilhamento de memória pode se caracterizar pela eficiência ou facilidade que certos elementos cognitivos possuem para ser

compreendidos e memorizados pelo grupo, pelo saber compartilhado coletivamente através da percepção comum sobre experiências sensíveis ou também pelos significados sociais e culturais compartilhados consensualmente e reforçados coletivamente, já que “estamos inclinados a completar nossas memórias, ajudando-nos na memória dos outros” (CANDAU, 2008, p. 3). Ressalta-se que esse compartilhamento não é identificado como “memória coletiva”.

Considerando que a memória individual se encontra em constante (re)elaboração conforme a subjetividade de cada indivíduo e as referências culturais e sociais dos grupos nos quais ele está inserido, incluindo também seus esquecimentos, o autor afirma que não é possível que os indivíduos de um mesmo grupo possuam exatamente as mesmas memórias relacionadas a um passado comum, portanto, não é possível construir uma memória coletiva que seja comum a todos. Assim, uma memória coletiva só é possível de ser construída sobre as representações das memórias individuais, ou seja, através da metamemória. A “memória coletiva” caracteriza-se então pela generalização da representação coletiva, com a finalidade de produzir narrativas estáveis, coerentes, que representem a coletividade de um determinado grupo, às quais o autor denomina como “retóricas holísticas” (CANDAU, 2008).

O propósito de desenvolver um projeto buscando conhecer esses aspectos sensíveis, memórias individuais que guardam elementos ou significados afins, existentes entre a comunidade e o lugar, é o de acreditar que eles possam contribuir, de alguma maneira, para a construção de conhecimentos que contribuam de alguma forma para a reintegração das lacunas existentes entre o passado e o presente do bairro, melhorando a qualidade do lugar para o futuro. A importância de conhecer e considerar as narrativas da comunidade nas práticas de planejamento de uso dos espaços está no fato de que “a permanência das referências espaciais ‘nos confere um sentimento de ordem e quietude’ e a ilusão de não haver mudado através do tempo, o que é sempre tranquilizador para a identidade pessoal e coletiva” (CANDAU, 2018, p. 158).

Se, por um lado, o lugar e os elementos que lhe atribuem significado desempenham um importante papel na formação da memória e no fortalecimento da rede de associações das lembranças e reconhecimentos, por outro lado, a ausência desses elementos pode contribuir para o processo de esquecimento. Conforme Ricoeur (2007, p. 424), “[...] é como dano à confiabilidade da memória que o

esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”.

Para que um lugar seja significativo, qualificado e diversificado de memórias, é necessário que o seu processo de planejamento seja construído coletivamente. A defesa pela diversidade e pela participação da comunidade nos processos de planejamento de lugares na cidade foram temas do ativismo da jornalista Janes Jacobs. Em 1961, a ativista desenvolveu uma crítica em defesa da qualidade das cidades, que foi publicada em sua obra *Vida e Morte das Grandes Cidades Americanas*. Sua crítica se baseia nas experiências vivenciadas em relação às renovações urbanas praticadas pelos planejadores e projetistas do modernismo nas grandes cidades norte-americanas, fundamentados em discursos progressistas e higienistas, cujos resultados se mostraram insatisfatórios e desconectados das necessidades da comunidade (ALMEIDA, 2017).

Para Jacobs, o moderno modelo de planejamento e projetos de urbanismo, com as implantações de superquadras, arranha-céus e grandes avenidas que se instalavam sobre as comunidades, destruindo-as, se caracterizava como uma forma autoritária de planejamento, sem qualquer significado no contexto de vida da comunidade. De acordo com o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre,

Jacobs não chegou a incriminar abertamente o neocapitalismo, nem a isolar as contradições imanentes ao espaço produzido pelo capitalismo (o espaço abstrato). Ela mostrou, entretanto, com muita força o poder destrutivo e a autodestruição da vida urbana pelos meios aparentemente destinados a criá-la ou recriá-la. (LEFEBVRE, 1974 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 39)

O discurso de Lefebvre sobre a cidade converge com o de Jacobs, ao defender que a cidade é o lugar da pluralidade. Além disso, ele analisa profundamente a influência do sistema capitalista sobre o espaço urbano, a partir das contribuições da obra de Karl Marx.

O movimento de "Maio de 68" foi um marco histórico, no qual jovens e trabalhadores franceses pararam o país num protesto contra o capitalismo e suas consequências sobre a sociedade, a partir da percepção, análise e crítica em relação aos valores e usos do espaço urbano na sociedade moderna e sua abstração e transformação em moeda de troca. Nesse contexto, Lefebvre publicou sua obra *O direito à cidade*, que teve grande influência na conscientização sobre a reivindicação

da população nas tomadas de decisão sobre o planejamento do espaço urbano e sobre o direito ao espaço público por toda a comunidade.

Em 1974, Lefebvre publicou *A produção do espaço*, livro no qual o autor apresenta uma complexa teoria para explicar que o espaço é um produto social, sendo ao mesmo tempo um fim e um meio de produção. Lefebvre (2013) propõe uma estrutura dialética tridimensional para analisar o espaço social, partindo da materialidade da prática social real, a qual se põe, igualmente, em contradição tanto com a abstração do conhecimento, da linguagem e da palavra escrita quanto com as subjetividades dos desejos e da poesia (Figura 10). Essa estrutura surge, portanto, embasada em três dimensões dialeticamente interconectadas: prática social (Marx); linguagem e pensamento (Hegel); e ato criativo, poético (Nietzsche) (SCHMID, 2012).

Figura 10: Esquema gráfico da teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre.



FONTE: Autora, 2020.

Lefebvre estabelece uma correspondência entre espaço e linguagem, a partir da afirmação de Nietzsche (1968) sobre a transformação de cada palavra em conceito generalizado e em figuras retóricas, por meio do uso, não servindo à recordação única e individualizada proveniente da experiência original. Baseado nisso, ele vê, então, a

sociedade composta por espaços e arquiteturas de conceito, cujas formas, regras e abstrações prevalecem sobre a realidade dos sentidos, do corpo, das individualidades, das vontades e dos desejos (SCHMID, 2012).

O autor propõe analisar a totalidade das práticas sociais materializadas no espaço urbano sob três aspectos, originários dessa correspondência entre sistema de palavras e sistema de ações desenvolvidas pelas pessoas sobre os espaços. São eles: o da *prática social*, que se caracteriza pelas ações práticas da vida cotidiana, do desenvolvimento do trabalho, dos deslocamentos, dos trajetos percorridos e das relações sociais desenvolvidas entre os indivíduos, a qual se relaciona analogamente com a dimensão sintagmática (metonímia); o da *representação do espaço*, que se caracteriza pelo espaço construído, planejado a partir de teorias, pelos conhecimentos e pelas abstrações da realidade, que se relaciona com a dimensão paradigmática (metáfora); e dos *espaços de representação*, que se caracteriza pelas manifestações do ato criativo, subjetivo, individual e poético, e se relaciona com a dimensão simbólica (símbolo) (SCHMID, 2012).

Entretanto, essa materialidade não existe em si mesma sem os aspectos fenomenológicos desenvolvidos pelos sujeitos ativos dessas práticas. O autor estabelece outra relação, entre a materialidade do espaço e a fenomenologia, baseada no conceito de mundo vivido (*monde vécu*) de Merleau-Ponty (1962), caracterizado como o espaço mítico, o espaço dos sonhos, da esquizofrenia e da arte, diferenciando-se daquele compreendido pela percepção, ou seja, pela compreensão conceitual do espaço geométrico.

Então, para complementar o processo dialético proposto por Lefebvre, são consideradas também as experiências e os pensamentos desenvolvidos pelos sujeitos sobre os espaços. São os sujeitos quem atribuem aos espaços as seguintes condições: *Percebido*, aquele espaço que possui meios materiais perceptíveis aos cinco sentidos, permitindo o desenvolvimento de toda a prática social; *Concebido*, o espaço abstrato e conceitual, previamente concebido em pensamento, para posteriormente vir a ser materializado; e *Vivido*, aquele originalmente experimentado pelos seres humanos, livre de análises teóricas e abstrações do conhecimento, e que, portanto, só é possível de ser expresso por meios artísticos (SCHMID, 2012).

Pode-se dizer que atualmente (considerar contexto anterior à pandemia) existem iniciativas populares (poucas, mas existem) que promovem a criação de *espaços de representação* em escala urbana na “Zona do Porto”. Uma delas é o

movimento *Sofá na Rua* (Figuras 11 e 12). Esse movimento defende a democratização da arte no espaço público e propõe:

Reinterpretar o mundo, reviver novas potencialidades, assimilar o ambiente e nutri-lo de um novo olhar. Ressignificá-lo, construir e interagir no espaço. Uma grande intervenção artística em que a obra acontece a partir da atuação do espectador junto do artista, numa linguagem que somente a arte proporciona. [...] Para os idealizadores do Sofá na Rua, a compreensão de que o espaço tem caráter inclusivo e democrático, dispõe o livre acesso da cultura à comunidade. Além disso, atua na formação e fortalecimento dos artistas locais, no entendimento de que a rua não somente serve de palco para as diversas manifestações artísticas e culturais, como também faz parte dela, nasce com ela. [...] Atualmente é desenvolvido na região do porto de Pelotas, propondo-se a apresentar essa região da cidade como um pólo cultural, encontrando em meio às ruínas de fábricas abandonadas a ludicidade necessária para novas criações. (ECULT)¹⁴

Figura 11: Fotografia do movimento “Sofá na Rua”.



FONTE:

<https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2017/08/11/eventos-de-rua-sao-opcao-de-lazer-em-pelotas/>

Figura 12: Fotografia do movimento “Sofá na Rua”.



FONTE:

<http://ecult.com.br/geral/sofa-na-rua-chega-a-sua-60a-edicao-em-pelotas>

A participação da comunidade no processo de planejamento urbano foi instrumentalizada através do Desenho Urbano, um campo disciplinar que surgiu na década de 1970, para preencher o vazio existente entre o Planejamento Urbano e a Arquitetura. O Planejamento Urbano foi criado após a II Guerra Mundial, com o principal propósito de reconstruir as cidades devastadas pela guerra e, por isso, tratava basicamente de questões políticas, econômicas e locais, enquanto que a arquitetura se detinha em questões formais, de estilo, de novas tecnologias e métodos construtivos. Não havia, portanto, um espaço para tratar “da natureza dos

¹⁴ Disponível em: <http://ecult.com.br/geral/sofa-na-rua-chega-a-sua-60a-edicao-em-pelotas>. Acesso em: 13/11/2020.

elementos urbanos e suas inter-relações, como experimentados e compreendidos pela população” (DEL RIO, 1990, p. 53).

Para atender a essa demanda de participação comunitária e de projetos voltados para a “criação do lugar” no espaço urbano, surge então o Desenho Urbano, definido como “o campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a comunidade através de suas vivências, percepções e ações cotidianas” (DEL RIO, 1990, p. 54).

A participação da comunidade nos processos de planejamento não se refere apenas à tomada de decisões junto às ações de políticas públicas, mas inclui também a sua participação em pesquisas para a descoberta de aspectos humanos e sociais relacionados à produção do espaço. As pesquisas no campo da psicologia ambiental e da percepção do meio ambiente, iniciadas nas décadas de 1960, vêm contribuindo para o surgimento de novas categorias de análise relacionadas ao espaço urbano. Os conceitos sobre espaço, lugar e planejamento trazidos à tona, a partir da segunda metade XX, ainda são considerados atuais, porém, de acordo com Castello (2004), com a virada do milênio e com as mudanças na forma como os indivíduos interagem com espaço urbano na pós-modernidade, faz-se necessário repensar a concepção de lugar nas teorias sobre a forma da cidade. Para o autor,

Mais do que outras transgressões, a pós-modernidade infligiu ao conceito de lugar alterações intrínsecas, e de profundas conseqüências. [...] Como ler *morar-construir-existir* de HEIDEGGER (1979) numa megalópole heterotópica desta pós-modernidade? Essa leitura terá de passar pelos dejetos deixados ao longo do voraz caminho do consumo, sobre o qual KOOLHAAS (2001) sombriamente nos ilumina? Onde está na megalópole o *gênio do lugar* reconhecido por NORBERG-SHULTZ (1996) e de significado tão vital para a existência humana nas cidades? É forçoso reconhecer que não se está perante uma virada do milênio pura e simplesmente. Está-se frente a viradas profundas no *modus vivendi* da sociedade. Na era da informação há uma maneira pós-moderna de viver, que condiciona a vida da humanidade e que atende a outros paradigmas: quem sabe o *genius loci* agora não se fará reconhecer através de outros meios, além daqueles que fizeram a cabeça de Norberg-Schultz e de um considerável número de teóricos da arquitetura e do urbanismo? (CASTELLO, 2004, p. 54-55)

O autor questiona se “há lugar para o *lugar* na cidade do século XXI?” e responde afirmando que sim, desde que “pensado de uma forma mais avançada, sendo trazido à frente de seu tempo: *lugar*, hoje, é um conceito ainda à espera de um *aggiornamento*¹⁵” (CASTELLO, 2004, p. 58). Dentre as principais constatações feitas

¹⁵ A expressão em italiano utilizada pelo autor significa atualizar, ou atualização.

por pesquisas lideradas pelo autor sobre a temática das relações pessoa-ambiente, tem-se que “muitos dos espaços percebidos como lugares pela população, não são necessariamente públicos. [...] Entretanto, ao serem utilizados pelos usuários, passam a ser por eles percebidos e apropriados como se fossem de domínio público” (CASTELLO, 2004, p. 58). Neste sentido, o autor afirma que o setor privado demonstra maior capacidade (vontade, força e técnica) para a criação de lugares, e que o setor público “deve se valer desse potencial para dele tentar extrair benefícios que revertam em favor da coletividade de usuários” (CASTELLO, 2004, p. 58).

Outro aspecto constatado pelo autor, e que ele considera relevante de ser observado para a reconsideração do conceito de lugar, é o crescimento do *lugar da informação*, que se põe em contraposição ao *lugar da forma*. Isso está relacionado com o aumento da cultura da informação, aliado à tendência do espaço urbano de se transformar num ambiente propício ao *marketing* urbano, no qual os habitantes são vistos preferencialmente como moradores-consumidores, e essa relação entre pessoa-ambiente é gerenciada pelo processo de *brandismo*¹⁶, que neste caso se refere à criação de marcas associadas a lugares (CASTELLO, 2004).

Pode-se dizer que essa tendência de usufruto do espaço relacionado à crescente cultura da informação, mencionada por Castello (2004), aliada à participação popular, tem produzido movimentos interessantes, como, por exemplo, o chamado urbanismo *open-source* (código aberto). Esses movimentos se caracterizam por intervenções no meio urbano a partir da iniciativa de seus próprios habitantes e do compartilhamento dessas experiências em um ambiente virtual de acesso livre, inspirado no movimento do *software* livre.

De acordo com Deak (2017), Tuters (2004) foi um dos primeiros estudiosos a citar o termo *urbanismo open-source*, abordando a relação entre realidades virtuais e o espaço público urbano, bem como a disponibilidade de acesso a dados geográficos que algumas cidades promoveram, indo ao encontro do conceito de código aberto defendido pelo movimento do *software* livre e pela cultura *hacker*. Tuters (2004) cita “o direito instintivo que cada cidadão tem de criar seu próprio ambiente”, que é uma frase que foi utilizada por grupos de arquitetura utópica dos anos 60, para conectar os sentidos de ocupação de espaços públicos e suas modificações de uso (DEAK, 2017).

¹⁶ *Brand* em inglês significa marca e *brandismo* significa o processo de estabelecer e gerenciar imagens, percepções e associações pelas quais o consumidor se relaciona com um produto ou uma empresa (KLEIN, 2002 *apud* CASTELLO, 2004)

Jiménez (2014) propõe o conceito de “direito à infraestrutura” traçando um paralelo entre o ambiente urbano e o ambiente virtual, em que ambos se constituem de aspectos materiais e imateriais. O ambiente virtual é composto de seu suporte físico, o *hardware* (material), que possibilita o desenvolvimento do *software* (imaterial). Essas duas dimensões, material e imaterial, possuem em comum o fato de resultarem sempre em um produto *beta*, ou seja, inacabado, assim como é o ambiente urbano. Além disso, Jiménez realizou pesquisas com alguns movimentos organizados por coletivos de cidadãos espanhóis, como o 15M, conhecido dessa forma após seu nascimento em 15 de maio de 2011. Esses aspectos fazem referência direta à obra *O direito à cidade* de Lefebvre (DEAK, 2017), ao contexto de sua produção e às demais ideias do autor.

Esta pesquisa reconhece a “Zona do Porto” como um verdadeiro lugar da cidade de Pelotas, que possui uma diversidade em potencial, porém latente. Essa diversidade é fruto da combinação de diferentes materialidades resultantes das transformações socioeconômicas, com as relações fenomenológicas desenvolvidos por distintos sujeitos, ao longo do tempo. Um dos problemas identificados pela pesquisa é que o desconhecimento desse potencial gera um desequilíbrio entre as dimensões da ação e prática, da teoria e pensamento e dos atos criativo e poético, dificultando a criação de lugares mais significativos e diversificados para toda a comunidade.

Considerando que “a comunidade busca perceber lugares familiares em seu ambiente construído, que estejam carregados de memórias significativas e que possam gerar-lhes estabilidade psíquica e social” (DEL RIO, 1990, p. 96), a pesquisa pretende trazer à tona aspectos intangíveis provenientes das diferentes experiências (memórias, elos afetivos, significados e percepções) entre a comunidade e o lugar, com o propósito de mostrar a importância dessas informações e seu potencial, para que venham a ser consideradas no processo de planejamento. Para viabilizar isso, no âmbito da UFPel, faz-se necessária a criação de diretrizes, que prevejam a participação da comunidade nos processos de planejamento, e a criação de metodologias que incluam essas informações nos programas de necessidades¹⁷ de

¹⁷ O programa de necessidades é um instrumento básico para a construção de um projeto e consiste no levantamento e registro de todas as informações que devem ser consideradas pelo empreendimento, a fim de atender às necessidades e aos desejos do cliente, sejam de caráter legal (legislações diversas), ergonômico, subjetivo, de conforto ambiental, técnicos etc.

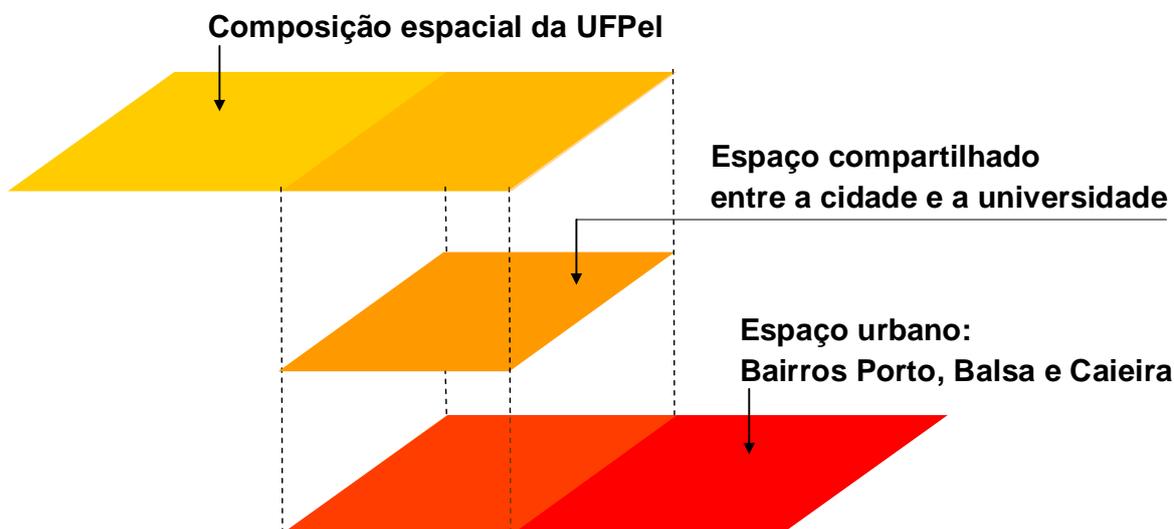
futuros projetos. Acredita-se que essa proposta possa contribuir também para ampliação do sentimento de pertencimento da comunidade com o lugar.

2.2 O Patrimônio Industrial compartilhado entre a cidade e a Universidade

Este subcapítulo aborda a relação entre a cidade e a Universidade, através de um breve histórico da formação do espaço urbano e da composição espacial da UFPel, demonstrando como surgiu o patrimônio industrial compartilhado entre ambas, neste lugar conhecido popularmente como "Zona do Porto" e que perceptivamente inclui os bairros Porto, Balsa e Caieira. Esse compartilhamento se configura como uma espécie de intersecção de dois conjuntos, em que um deles contém o patrimônio edificado da Universidade Federal de Pelotas e o outro contém o patrimônio construído da cidade. Na intersecção, encontram-se os elementos arquitetônicos e urbanos herdados do período da industrialização na cidade de Pelotas, que pertencem simultaneamente aos dois conjuntos. Esse compartilhamento espacial requer que as ações em prol da revitalização da área ocorram de forma compartilhada entre instituições e poder público.

A Figura 13 é um esquema gráfico dessa ideia de intersecção dos conjuntos. O conjunto na cor amarela, identificado como Composição espacial da UFPel, agrupa o patrimônio edificado da Universidade; o conjunto na cor vermelha, identificado como Espaço urbano: Bairros Porto, Balsa e Caieira, agrupa o patrimônio construído da cidade, especificamente na região dos referidos bairros; o conjunto na cor laranja, identificado como Espaço compartilhado entre cidade e Universidade, agrupa o patrimônio industrial adquirido pela UFPel, que, por se tratar de um patrimônio cultural, pertence ao mesmo tempo à cidade e a toda a comunidade.

Figura 13: Esquema gráfico da intersecção dos conjuntos referentes aos espaços da cidade e da Universidade.



FONTE: Autora, 2020.

A instituição conhecida atualmente como Universidade tem suas origens no mundo árabe, no qual as atividades se desenvolviam nas chamadas *madrassahs*, escolas cuja base religiosa é o islamismo. Dentre as Universidades mais antigas do mundo árabe, a Universidade de Al-Azhar, criada no final do século X no Cairo, Egito, foi a única que aderiu ao conceito de universidade moderna e, por isso, é considerada a universidade mais antiga do mundo (ocidental).

Do ponto de vista europeu, as Universidades mais antigas do mundo são Bolonha, na Itália, e Oxford, na Inglaterra, as quais têm suas origens relacionadas ao surgimento de mudanças significativas na estrutura da sociedade medieval a partir do século XI, no início da baixa Idade Média. De acordo com Buffa e Pinto (2006), o desenvolvimento urbano, comercial e cultural nas cidades em torno dos feudos propiciou a expansão do uso da escrita, da leitura, dos cálculos e das práticas jurídicas, médicas e comerciais, fazendo-se necessária a criação de escolas para a transmissão desses conhecimentos. O termo *universitas* era usado para denominar uma corporação formada por mestres e estudantes, enquanto que o termo *studium* era usado para denominar o local onde essa corporação se encontrava para estudar. Foi o termo *universitas* que veio a dar origem ao nome de universidade como conhecemos hoje e, posteriormente, universidade passou a ter sentido de universalidade do saber (BUFFA; PINTO, 2006).

Conforme as cidades cresciam, a demanda por pessoas capacitadas para atuar nas diversas áreas também aumentava. Em fins do século XII, surgiram hospedarias nas cidades para abrigar o excedente de alunos vindos de outras localidades e, posteriormente, foram necessárias adaptações nessas hospedarias para abrigar o *studium*. Ao longo dos séculos, essa instituição sofreu modificações espaciais e administrativas, adquirindo um caráter aristocrático no século XV. Dentre as modificações espaciais, estão adaptações de edifícios religiosos e medievais para fins educacionais, a divisão das hospedagens e dos lugares de estudos para alunos com níveis de conhecimento e condições financeiras diversificadas, e construções de prédios específicos para fins acadêmicos (BUFFA; PINTO, 2006).

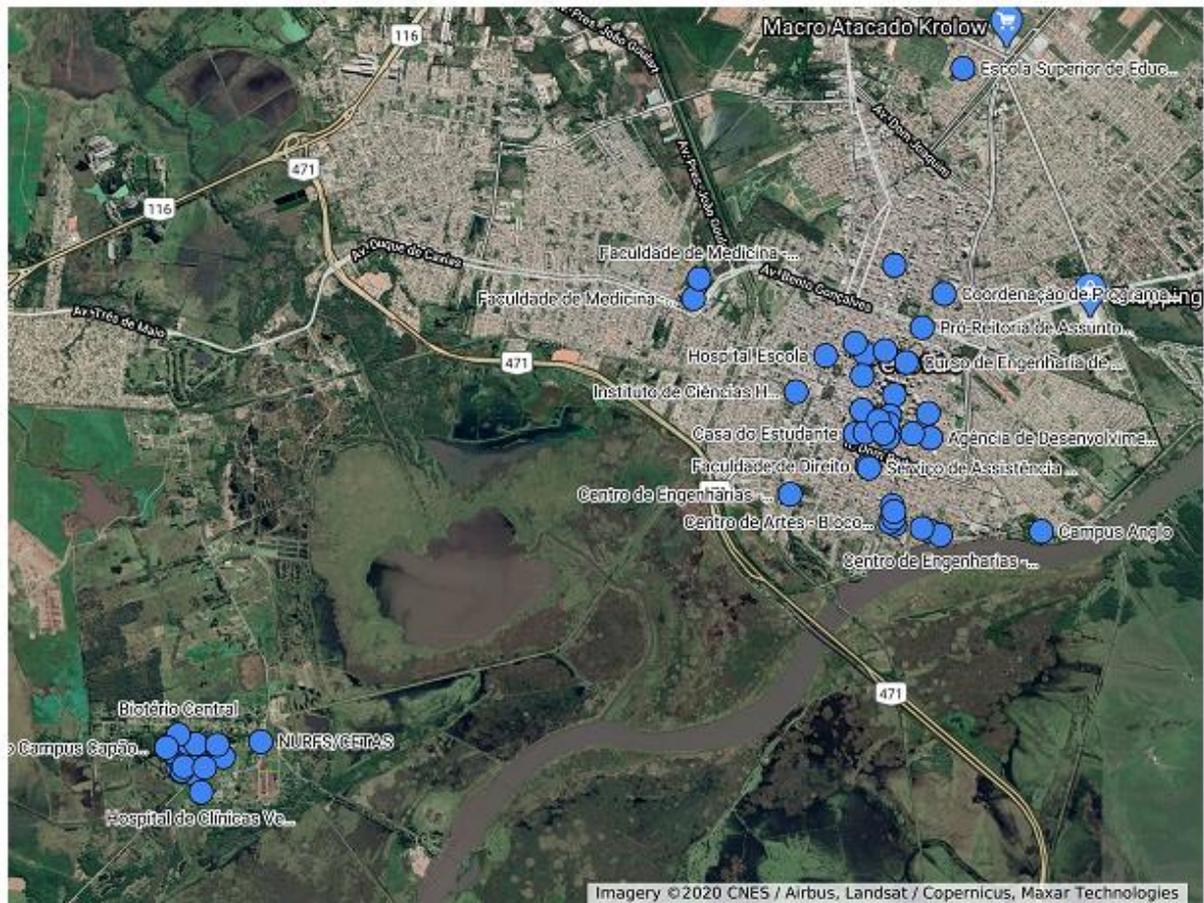
Essa configuração europeia, de universidade inserida no meio urbano, compartilhando usos e espaços e promovendo adaptações de edifícios para abrigar novas atividades, contrasta com o modelo criado pelos norte-americanos, conhecido pelo conceito de *Campus*, no qual o espaço físico é construído especificamente para este fim e planejado para funcionar em uma estrutura autônoma isolada da cidade, em que “A romântica noção de uma escola na natureza, separada das forças corruptas da cidade, tornou-se um ideal americano” (BUFFA; PINTO, 2006, p. 5733).

No Brasil, o ensino superior passou igualmente por transformações até chegar no atual modelo existente. No período colonial, entre os séculos XVI e XVIII, o ensino estava ligado à Igreja, através dos colégios jesuítas, e destinado à qualificação das classes dominantes à serviço da exploração colonial. “O Ensino Superior no Brasil nasceu com a transferência da sede do poder e da elite portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808” (SOUZA, 1996, p. 47). A partir de então, os cursos superiores foram criados para capacitar pessoas a atuarem junto à formação do Estado. Durante o Império, diversos institutos e cursos de nível superior foram criados isoladamente, expandindo-se assim o ensino superior pelo Brasil. As primeiras universidades brasileiras nasceram durante o primeiro período republicano (1889-1930), sendo muitas delas criadas através da justaposição de instituições e cursos isolados. Ao longo do período republicano, instituições e cursos foram criados refletindo os diferentes interesses sobre como deveria se desenvolver o ensino e a pesquisa no país (SOUZA, 1996). Desde então, a Universidade Brasileira vem se adaptando às necessidades da sociedade em prol do seu desenvolvimento econômico e social, configurando-se num espaço de disputas e conquistas.

A partir de 1964, a implantação do modelo norte-americano passou a ser um dos objetivos do regime militar brasileiro, que, através dos acordos estabelecidos entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID), resultou na Reforma Universitária de 1968. Esse modelo pretendia a racionalização e a centralidade administrativa das universidades, limitando a sua autonomia.

A UFPel foi criada em 1969, em pleno contexto do regime militar e sob as diretrizes da Reforma Universitária. Sua configuração espacial expressa o modelo norte-americano, com a implantação original da reitoria no *Campus Capão do Leão*, afastado da cidade, mas também expõe as heranças do modelo europeu, com cursos inseridos no meio urbano, adaptados em espaços e integrados à dinâmica da cidade. Essa característica, que vem se intensificando até os dias de hoje, pode ser visualizada na Figura 14.

Figura 14: Aerofotografia das cidades de Pelotas e Capão do Leão. À esquerda, os prédios no *Campus Capão do Leão*, à direita, os prédios distribuídos no espaço urbano da cidade de Pelotas.



FONTE: Webmaster UFPel.

Para compreender como e quando a cidade e a Universidade passaram a compartilhar esse espaço que está sendo analisado pela pesquisa, será apresentado um breve histórico da formação do espaço urbano e, posteriormente, um breve histórico da formação espacial da UFPel.

A construção do espaço urbano na cidade de Pelotas ocorreu a partir do primeiro loteamento, conforme traçado definido no mapa de 1815 da então freguesia de São Francisco de Paula, pertencente à cidade de Rio Grande (Figura 15). De acordo com Gutierrez (2001), devido à grande demanda comercial do charque, foi necessária a ampliação dos meios de transporte que atendessem às exportações e importações de mercadorias. Em 1832, iniciaram-se as atividades de navegação fluvial no Porto, localizado às margens do Canal São Gonçalo, realizando o transporte de carga e de passageiros entre São Francisco de Paula e a cidade de Rio Grande. Em 1830, a freguesia foi elevada à Vila e, em 1835, a vila foi elevada à cidade de Pelotas.

Figura 15: Mapa da Freguesia de São Francisco de Paula de 1815.

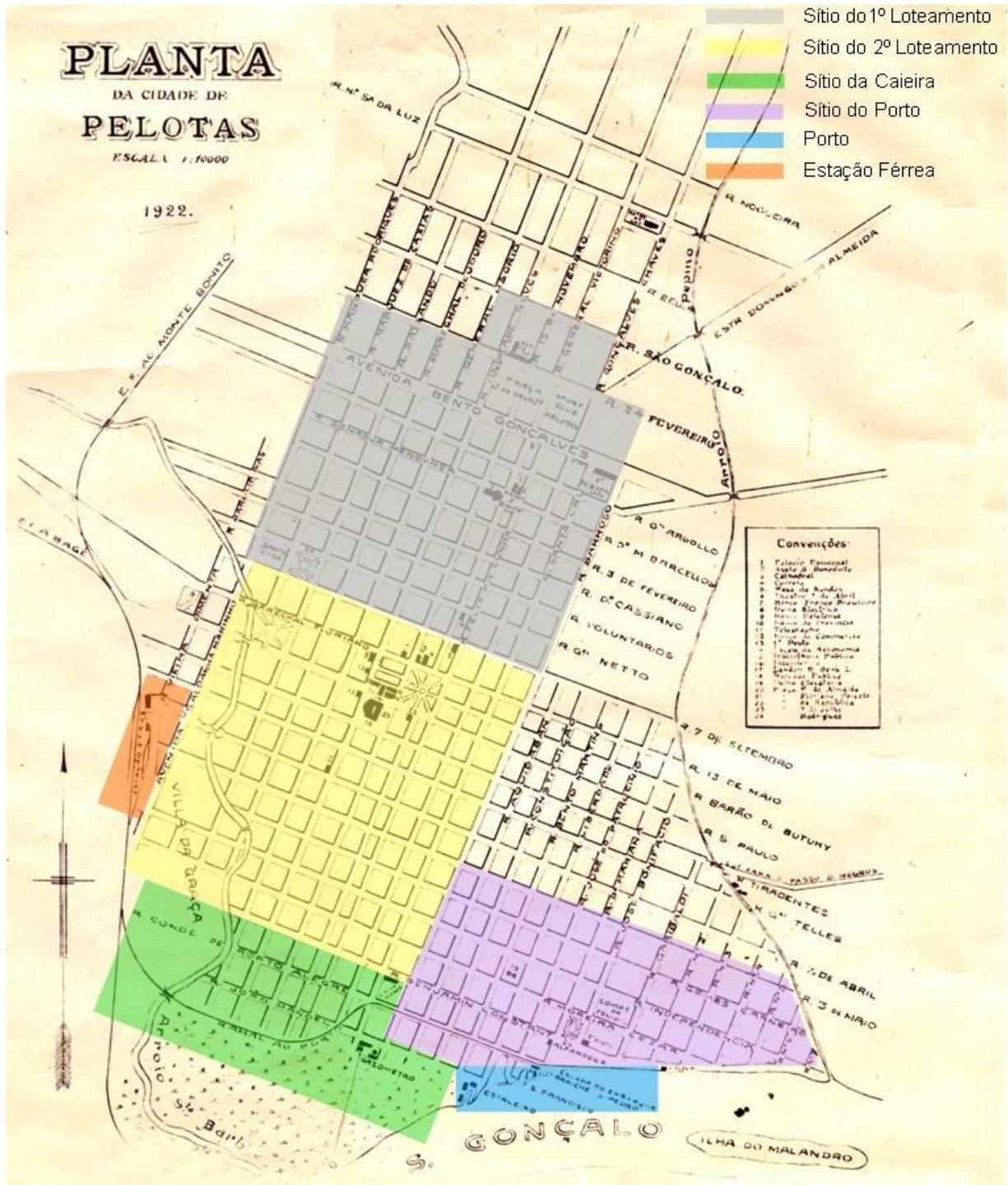


O aumento das atividades na zona portuária desencadeou a expansão do espaço urbano em sua direção, conforme o traçado do segundo loteamento definido na planta de 1835. Nesse segundo loteamento, foram construídas diversas edificações que proporcionaram o pleno desenvolvimento de atividades sociais, econômicas e culturais que refletiam os ideais aristocráticos da ascendente burguesia charqueadora daquela época.

Ainda atendendo à demanda comercial do charque, foi inaugurada, em 1884, a estrada de ferro ligando as cidades de Rio Grande e Bagé, passando por Pelotas, possibilitando a circulação de mercadorias desde o porto marítimo até a região da campanha (PAULITCSH, 2008). A Estação Férrea de Pelotas foi construída no bairro Simões Lopes. O espaço urbano em torno dessas duas infraestruturas de transporte, fluvial e ferroviária, somado às atividades de agroindústria dos produtos provenientes da pecuária e rizicultura, já existentes às margens do São Gonçalo, favoreceu o desenvolvimento da atividade industrial naquela região.

Sobre a planta da cidade de Pelotas de 1922 (Figura 16) foram delimitadas as áreas correspondentes às Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas – ZPPCS, conforme Lei Municipal nº 4.568/2000, a fim de demonstrar visualmente o processo de ocupação do espaço urbano em direção à zona portuária, incluindo a localização das duas infraestruturas de transporte: Porto e Estação Férrea.

Figura 16: Mapa de Pelotas de 1922, com delimitação dos sítios das ZPPCs, conforme Lei Municipal nº 4.568/2000.



FONTE: Adaptado do Mapa de Pelotas de 1922. NAURB/FAURB/UFPel.

A atividade charqueadora manteve-se como a principal atividade econômica da cidade até final do século XIX. Os principais motivos que afetaram diretamente a produção do charque foram a abolição da escravatura, em 1888, e o início da industrialização impulsionada pelos imigrantes. Conforme Pesavento (1985), a vinda dos imigrantes para o Brasil, no século XIX, é um movimento que se insere no amplo

processo de expansão mundial do capitalismo. Foram principalmente os imigrantes alemães, aqueles identificados como “burguês imigrante”, que trouxeram “consigo, da sua terra de origem, capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa” (PESAVENTO, 1985, p. 32) e deram início à instalação das primeiras indústrias na cidade de Pelotas. Algumas das indústrias mais expressivas fundadas por alemães, na segunda metade do século XIX, foram: F. C. Lang S.A., fundada em 1864, por Frederico Carlos Lang; Cervejaria Ritter, fundada em 1870, por Carlos Ritter; Cervejaria Sul Rio-Grandense, fundada em 1889, por Leopoldo Haertel (FERREIRA, 2011).

Ao longo da primeira metade século XX, o espaço urbano localizado entre o Porto e a Estação Férrea se adensou tanto pela construção de novos prédios industriais como pela construção de casas para moradia dos operários das fábricas. Esse bairro e seu entorno absorveram a demanda migratória, tanto da comunidade proveniente das pequenas cidades vizinhas, que vinham para Pelotas para trabalhar nas fábricas, quanto da proveniente do êxodo rural. No bairro, foram construídos espaços de sociabilidade, como escolas e clubes recreativos, para a comunidade em geral e também para os trabalhadores. Conforme Keller (2006 *apud* ESSINGER, 2009), a implementação de ações que ligassem o trabalhador à fábrica, através da dotação de um complexo aparato socioeconômico, cultural e político no seu entorno, fazia parte de uma política de excelência e elevação no patamar das fábricas na época. Assim, o bairro Porto e os bairros arredores, como Balsa, Várzea e Caieira, foram formados e se consolidaram com características de industrial e operário.

O processo de industrialização na cidade foi significativo para o desenvolvimento de um novo ciclo econômico, inserido em um novo contexto histórico e social. A industrialização influenciou o crescimento populacional, configurou bairros, modificou o zoneamento urbano, desenvolveu novos meios de transporte e circulação, modernizou o sistema de saneamento e transformou a cidade em um polo econômico da metade sul do estado (BRITO, 2011). O patrimônio arquitetônico e urbano construído neste período representa a ascensão de uma burguesia industrial e comercial na cidade, contemporânea aos ideais nacionalistas e modernistas da época (REIS FILHO, 2004).

Além desse espaço urbano, a zona rural de Pelotas também integrou o cenário da industrialização na cidade. A fabricação de doces em conserva na zona rural se iniciou por imigrantes alemães e italianos, no final do século XIX, e teve o seu período

mais produtivo entre os anos de 1950 e 1970 (BACH, 2010). A chegada do capital da indústria nacional na cidade, por volta da década de 1970, afetou os meios de produção, contribuindo para o declínio das fábricas locais, principalmente as localizadas na zona rural, que possuíam capital e administração familiar. Esse capital nacional também influenciou a criação de um novo Distrito Industrial, às margens das rodovias BR-116 e BR-471, para atender às demandas das novas plantas industriais e de uma nova rede de transporte rodoviário.

Foram diversos os fatores que contribuíram para o processo de desindustrialização da cidade, especificamente da "Zona do Porto". Além de crises econômicas globais e locais, vivenciadas ao longo do século XX, o início da globalização e da revolução técnico-científico-informacional foi definitivo para desencadear as mudanças mais significativas nos modos da produção industrial, influenciando diretamente no uso dos espaços das fábricas. Muitos maquinários e espaços tornaram-se obsoletos, fábricas decretaram falência e foram abandonadas, outras entraram em processos de degradação. Conforme Brito (2011), na primeira década do século XXI, o perfil econômico da cidade se consolidou pelo comércio e pela prestação de serviços, em detrimento da indústria. Em relação à economia do estado, a produção industrial se apresentava com decréscimos desde o final da década de 1990. Diante da crise, a cidade tentou encontrar novas formas de solucionar as problemáticas espaciais e econômicas, atribuindo novos usos a esses antigos lugares de trabalho (VIEIRA, 2005).

Enquanto a cidade cresceu e se desenvolveu, diversos cursos de nível superior, provenientes de organizações e instituições distintas, foram criados em diferentes localidades da cidade, desde o final do século XIX, e foram posteriormente reunidos em uma única instituição: a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A UFPel foi criada pelo Decreto-Lei nº 750, de 8 de agosto de 1969, "mediante a transformação e incorporação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, das Faculdades de Direito e de Odontologia e do Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul" (BRASIL, 1969). De acordo com o documento, a UFPel passou a ser constituída pelas seguintes unidades: (I) Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel"; (II) Faculdade de Ciências Domésticas; (III) Faculdade de Direito; (IV) Faculdade de Odontologia; (V) Faculdade de Veterinária; (VI) Instituto de Sociologia e Política. As instituições particulares, como o Conservatório de Música de Pelotas, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Medicina da Instituição Pró-

Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE), também passaram a constituir a UFPel (BRASIL, 1969).

As instituições e os cursos que deram origem à Universidade Federal de Pelotas surgiram em diferentes contextos, que refletiam diferentes interesses sobre como deveria se desenvolver o ensino e a pesquisa no país. Com o passar do tempo, a UFPel foi incorporando novos prédios ao seu patrimônio edificado, através de compra, doação e cessão de uso, além de construção de prédios novos. Desta forma, a Universidade foi se consolidando tanto em meio ao espaço urbano da cidade quanto no *Campus* Capão do Leão, localizado no então distrito de Capão do Leão da cidade de Pelotas, constituindo assim um significativo patrimônio cultural edificado (MICHELON, 2013).

De acordo com Michelon (2013), estão integrados ao espaço urbano os prédios da Faculdade de Odontologia (1950), Faculdade de Direito (1929), a antiga Escola Eliseu Maciel (Escola de Medicina Veterinária e Agronomia Prática – 1883), o Conservatório de Música de Pelotas (1881), a Escola de Belas Artes (1881), e a Faculdade de Medicina (Instituto de Higiene Borges de Medeiros – 1913).

De acordo com Muller, Hallal e Ramos (2016), estão localizados no *Campus* Capão do Leão as Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (1958), Faculdade de Veterinária e Faculdade de Ciências Domésticas, além de três institutos básicos: Instituto de Ciências Físicas e Matemáticas, Instituto de Ciências Químicas, Ciências Biológicas e Geociências e Instituto de Ciências Humanas.

Na década de 1980, a ociosidade de algumas estruturas fabris no bairro Porto despertou o interesse de professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (FAURB) quanto à reutilização desses prédios, tanto pelo potencial construído, capaz de abrigar os cursos que ainda não tinham espaço próprio, como também pelas dificuldades provenientes da falta de recursos suficientes e adequados para deslocamentos diários e manutenção dos alunos no *Campus*. Por isso, em 1986, é proposto pela FAURB o projeto “Universidade na Cidade”, com o intuito de ocupar o prédio da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos Pelotense, com área disponível de dez mil metros quadrados, que permitiria a instalação de diversas unidades acadêmicas. Dentre os argumentos defendidos pelo projeto estavam: o compromisso de socializar o conhecimento; a disponibilidade de funcionamento em três turnos; a aquisição de um bem imóvel urbano possibilitando a ampliação da Universidade na cidade; o aproveitamento de toda infraestrutura urbana existente; a reativação da área com

instalação de novos comércios e serviços; além da economia de tempo e de dinheiro. Além disso, a emancipação do Capão do Leão, em 1982, intensificou o interesse da comunidade acadêmica em trazer cursos do *Campus* para a cidade (GUTIERREZ; OLIVEIRA, 1986).

Em 1989, um novo projeto, “Aquisição e Reciclagem do Prédio da Antiga Fábrica Fiação e Tecidos”, reforçou a ideia de ocupar o referido espaço, bem como defendeu a reciclagem de outros prédios do bairro Porto, como o da Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense), e a ocupação de terrenos localizados nas imediações. A proposta surgiu nessa ocasião com novos argumentos voltados para a valorização do patrimônio cultural. Os principais argumentos consistiam em: engajamento efetivo e concreto da Universidade na utilização de prédios de interesse para a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade; a defesa da ocupação da zona do Porto devido às excelentes condições de acessibilidade e infraestrutura para as atividades acadêmicas; e a defesa da ocupação da zona do Porto como ação de revitalização da área, contribuindo para a qualidade de vida da comunidade local. Esse projeto também reforçou a proposta lançada no projeto anterior, de estabelecer a criação de um “Corredor Cultural”, no qual se localizariam vários prédios industriais de interesse para o patrimônio cultural local, ocupados pela Universidade (POLIDORI; REINGANTZ, 1989).

Em 1996, a UFPel comprou o prédio da antiga Fábrica de Lã, Cooperativa Sul Rio-Grandense de Lã (COSULÃ) e seus galpões, onde instalou o Instituto de Ciências Humanas (ICH), o Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP), a Faculdade de Educação (FAE), a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) e o Instituto de Letras e Artes (ILA).

Em 2002, foi realizado na cidade de Pelotas o Atelier Sirchal – Seminário Internacional sobre a Revitalização dos Centros Históricos na América Latina – que integrou as ações do Programa Cidade Brasil, uma Cooperação Franco-brasileira firmada entre a Embaixada da França e a Caixa Econômica Federal (CEF). O Atelier teve a participação de instituições de diferentes segmentos e instâncias, como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Caixa Econômica Federal (CEF), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS (IPHAE), a Universidade Católica de Pelotas (UCPel), a Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), a Prefeitura Municipal de

Pelotas (PMP), e setores da iniciativa privada e da comunidade local (AL-ALAM, 2011).

O Atelier Sirchal teve o objetivo de elaborar um plano de ações concretas e operacionais, para viabilizar a Revitalização da Zona do Porto. Dentre as expectativas vislumbradas para a revitalização da área estava a presença da UFPel, que, na época, contava apenas com os *Campi* das Ciências Sociais, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Instituto de Letras e Artes (AL-ALAM, 2011). Os resultados do seminário foram considerados no III Plano Diretor de Pelotas (2008). De acordo com Al-Alam (2011), o Relatório Sirchal dividiu as discussões em três grupos temáticos: patrimônio, zona do Porto e habitação. Sobre o patrimônio o relatório menciona apenas que “Ao patrimônio arquitetônico industrial somam-se centenas de edificações de pequeno porte, predominantemente residenciais, que conferem ao tecido urbano uma identidade particular” (SIRCHAL, 2002).

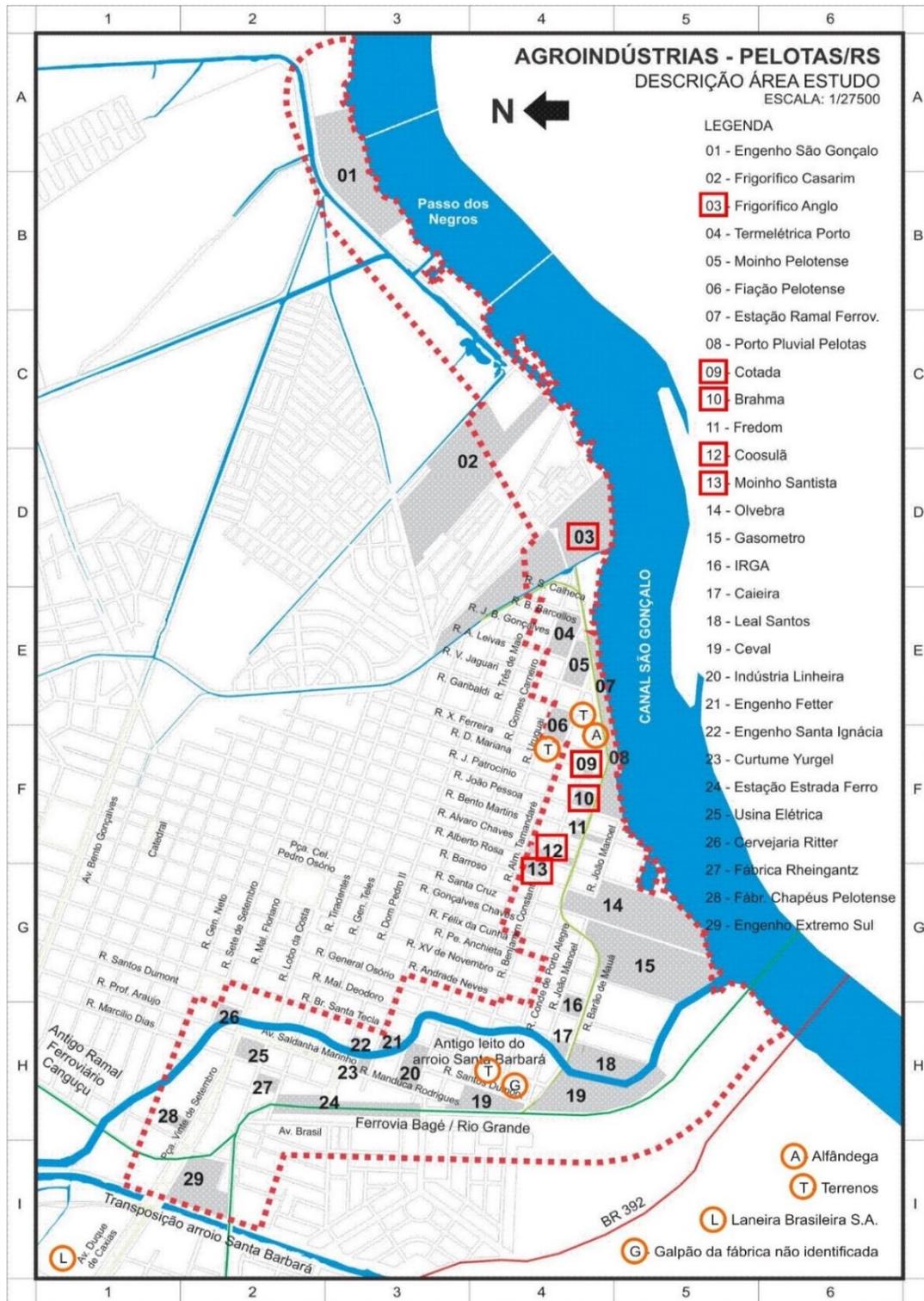
Posteriormente, o projeto “A inclusão da ociosidade”, de 2006, mapeou todos os prédios ociosos do bairro Porto e arredores e identificou uma qualidade da paisagem histórico-cultural do lugar, recomendando a preservação da arquitetura da industrialização, tanto pela memória como pelas possibilidades de uso que o conjunto oferecia (GUTIERREZ, 2006). Os resultados da pesquisa também foram considerados no III Plano Diretor de Pelotas (2008), além de subsidiarem as decisões da UFPel para a aquisição de diversos prédios industriais desativados, através do Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implantado pelo Governo Federal em 2007.

Através do REUNI, a Universidade adquiriu: o complexo do Frigorífico Anglo, em 2006, para instalar a Reitoria, diversos setores administrativos e unidades acadêmicas; o Moinho Santista, em 2008, para instalar a Biblioteca do CCHS e o Curso de Teatro e Dança; a Fábrica Cotada, em 2009, para instalar o Centro de Engenharias (CENGE); o Prédio da Alfândega, em 2010, para a instalação dos cursos de Engenharia Geológica, Engenharia de Petróleo e Engenharia Hídrica; e o Prédio da Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense), em 2012, para a instalação da Gráfica e Livraria da UFPel (MICHELON, 2019).

A Figura 17 mostra a localização dos prédios adquiridos através do REUNI, do prédio da Cosulã e de galpões para a instalação do curso de Engenharia Madeireira, além de terrenos que, mesmo não se caracterizando por antigos espaços industriais,

estão inseridos neste contexto. A Figura mostra também a Laneira Brasileira S.A., adquirida em 2010, localizada no Bairro Fragata.

Figura 17: Mapa urbano com a localização das indústrias em torno do Porto e da Estação Férrea, e destaque para o Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel.



FONTE: Adaptado de SALABERRY (2012).

O mapa desenvolvido por Salaberry (2012) mostra a localização dos remanescentes das indústrias que existiram no local, cujos vestígios reforçam o caráter do lugar. A área delimitada para a pesquisa do autor é definida pela linha pontilhada vermelha. A adaptação feita sobre o mapa objetivou destacar, dos remanescentes levantados por Salaberry, aqueles que foram adquiridos pela UFPel. Foram marcados em quadrados na cor laranja escuro os edifícios adquiridos que já se encontravam no mapa e foram acrescentados, em círculos na cor laranja claro, os demais edifícios e terrenos adquiridos na área. Conforme Patron e Chaves (2018), os primeiros esforços para a criação de planos e programas de curto, médio e longo prazo, visando à recuperação do patrimônio edificado da área (especificamente o frigorífico Anglo) e sua destinação à educação, ocorreram entre a Prefeitura Municipal de Pelotas e a Universidade Federal de Pelotas. De acordo com as autoras, a reapropriação desse patrimônio na cidade de Pelotas, às margens do Canal São Gonçalo, remete à importância dos movimentos *waterfronts* e sua influência nos modelos de revitalização de áreas portuárias. Essa tendência de renovação urbana, muito praticada nos Estados Unidos e Europa, nos anos 1980 e 1990, incluíam, também, as requalificações de antigas zonas industriais, tendo os projetos do Porto Olímpico de Barcelona e do Puerto Madero, em Buenos Aires, como referências importantes e bem-sucedidas (PATRON; CHAVES, 2018).

Em 2013, a Universidade Federal de Pelotas, em parceria com a Prefeitura Municipal, realizou uma oficina de Desenho Urbano que durou cinco dias e contou com a participação de arquitetos, estudantes de arquitetura, artistas plásticos, agrônomos/paisagistas e profissionais da prefeitura responsáveis por projetos dessa natureza, desenvolvidos pelo município. O objetivo da oficina foi o de desenvolver e testar metodologias de projeto e propostas para a requalificação do bairro Porto. A oficina gerou resultados baseados em quatro diretrizes: (I) Como projetar bairros para pessoas criando vias urbanas legíveis; (II) A importância das fachadas ativas na vida do bairro; (III) Pequenas praças e nós como pontos de encontro e; (IV) Grafite como arte urbana. Esses resultados foram repassados ao poder público para, a partir de então, empreender futuros projetos de requalificação urbana, além da recomendação para fazer parte de outros projetos de requalificação urbana de bairros portuários com características semelhantes ao bairro Porto, da cidade de Pelotas (PORTELLA; QUINTANILHA; MEDVEDOVSKI; XAVIER, 2015). Alguns exemplos de projetos de requalificação urbana ainda não executados, como para a Praça Domingos

Rodrigues, que é uma parceria entre a Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e a Prefeitura Municipal de Pelotas (PMP), e o Calçadão da Rua Alberto Rosa, entre Benjamin Constant e Almirante Tamandaré, uma parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e a Prefeitura Municipal de Pelotas, são frutos dessa oficina.

O problema identificado pela pesquisa se baseia primeiramente no fato de que a área delimitada pelo projeto vem sofrendo significativas mudanças ao longo das últimas décadas, de acordo com Al-Alam (2011), passando "de operário à universitário". O problema se embasa também no fato de que esse espaço urbano compartilha diferentes usos e fluxos provenientes das distintas atividades desenvolvidas no local. A região administrativa urbana¹⁸ é gerida pela Prefeitura Municipal de Pelotas (PMP), a estrutura portuária nela instalada é gerida pela Superintendência dos Portos do Rio Grande do Sul (Portos RS), e as atividades acadêmicas desenvolvidas em diversos edifícios outrora industriais são geridas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Na região administrativa urbana, existem ainda algumas atividades industriais remanescentes, além dos usos residencial e comercial e das atividades de serviços urbanos (tratamento de esgoto, secretaria de obras e pavimentação), que são geridas pelo município. A atividade do setor imobiliário tem se intensificado, promovendo a gentrificação da área. Essa diversidade propicia conflitos e requer um "canal de interlocução" entre "os atores envolvidos e as partes interessadas no uso dos recursos da zona portuária de Pelotas" (KNUTH, 2013, p. 22).

Como pode ser observado, neste processo de transformação da área intervêm diferentes instituições da esfera privada e pública, bem como diferentes instâncias da administração pública. Por outro lado, observa-se que existe pouca ou quase nenhuma mobilização e/ou participação da comunidade. O problema se constitui, portanto, no fato de que as ações empreendidas até o presente momento, visando à revitalização desta área portuária, não estão levando em consideração os aspectos materiais e imateriais que atribuem, aparentemente, o principal caráter do lugar: o patrimônio industrial.

¹⁸ De acordo com o Mapa do Município de Pelotas, o Centro e o São Gonçalo são regiões administrativas abrangidas pela delimitação da área da pesquisa. As microrregiões 4.2 – Caieira, 4.3 – Porto, pertencentes ao Centro, e a microrregião B.6 – Balsa, pertencente ao São Gonçalo, são popularmente chamadas de bairros, os quais compõem o cenário em estudo.

Dentre algumas considerações que a Carta de Sevilla (2018) propõe estão: a necessidade de reabilitar os espaços industriais obsoletos para poder desenvolver atividades de pesquisa, criação e produção de caráter colaborativo; o atendimento das demandas expressas pelos coletivos cidadãos pela provisão de espaços para expressar memórias e sociabilidade; e a crescente consciência cidadã pela manutenção e conservação do patrimônio industrial como parte essencial da memória coletiva. Pratz (1998) defende que as representações patrimoniais, as ideias e os valores associados não podem estar fora do pensamento social, sob pena de perder sua efetividade, de enfraquecer a identidade, a quantidade e qualidade de adesões. Isso mostra a necessidade de renovação dos discursos em torno do patrimônio industrial, da necessidade de diversificação e inclusão nas ações em prol da requalificação do lugar.

A “Zona do Porto” apresenta um cenário em potencial para a conservação do patrimônio industrial de forma multidisciplinar. O lugar possui uma paisagem industrial significativa, com elementos em diferentes escalas e estados de conservação. Nas residências do lugar, ainda habitam antigos trabalhadores, além de outros integrantes da comunidade que preservam direta ou indiretamente as memórias relacionadas ao trabalho desenvolvido naquela área, o que estimula a criação de espaços de sociabilidade e de compartilhamento dessas memórias individuais e coletivas.

Considerando as expectativas lançadas sobre a Universidade como colaboradora no processo de revitalização da Zona do Porto, conforme sinalizado pelo Relatório Sirchal, e diante desse cenário propício para criação de projetos de extensão com o propósito de estabelecer uma relação dialogada com as comunidades do entorno dos *Campi*, espera-se que a UFPel possa ser mais atuante no sentido de promover e incentivar a participação da comunidade neste processo de transformação do lugar.

A Universidade Federal de Pelotas é uma instituição pública de ensino e possui um compromisso com a construção do conhecimento através das atividades de ensino, pesquisa e extensão, com o retorno desses resultados para a sociedade. De acordo com Knuth (2013), a UFPel define que ensino, pesquisa e extensão são as atribuições que lhe competem enquanto Instituição participante do compartilhamento do espaço. A Universidade foi questionada pelo autor, mediante um representante técnico da Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN), a fim de verificar qual a percepção da Instituição sobre o ambiente costeiro em estudo e sobre

o papel que ela desempenha enquanto gestora deste espaço. Para o questionamento, a Universidade respondeu:

A UFPel se considera num ambiente costeiro. Depois que se constituiu a Reitoria naquela região, se possibilitou também formatar o conhecimento acadêmico de algumas áreas como, por exemplo, a Engenharia Hídrica... o papel que a UFPel exerce na zona portuária é um papel de inserção acadêmica e científico também...e através da extensão traz também benefícios sociais, principalmente para aquela comunidade ribeirinha... (UFPel *apud* KNUTh, 2013, p. 73).

A atividade de extensão é indissociável das atividades de pesquisa e de ensino e constitui um importante instrumento de diálogo entre a universidade e a comunidade, produzindo mudanças na sociedade a partir da construção e aplicação de conhecimentos. Dentre as diretrizes que definem a atividade de extensão tem-se a "interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social" (ME, 2018). O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2015-2020 da UFPel propõe a integração das políticas de extensão com as políticas públicas, fortalecendo e qualificando as políticas de gestão institucional em termos de financiamento, cobertura, eficiência e efetividade. O PDI prevê o suporte às iniciativas de estudantes, professores e técnicos administrativos que visem a ações para trabalhar com a sociedade através de atividades de extensão.

Desde sua inserção neste território preexistente e singular da cidade, a UFPel, corroborando com suas atribuições, já promoveu atividades de pesquisa e de extensão através de alguns projetos institucionais, com o objetivo de estabelecer uma relação com as comunidades do entorno, contribuindo para a requalificação da área e para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Dentre eles tem-se o Projeto *Vizinhança*¹⁹ e o *Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo*²⁰, desenvolvidos com os bairros situados no entorno do antigo Frigorífico Anglo.

¹⁹ O Programa Vizinhança consiste numa iniciativa da Universidade Federal de Pelotas em estabelecer uma relação com a comunidade vizinha ao Campus Anglo, instalado em 2008, no Antigo Frigorífico Anglo, partindo da concepção precípua de que a instalação da UFPel em uma área de alta vulnerabilidade econômica e social da cidade requer da Universidade uma função proativa no sentido de disponibilizar o acúmulo acadêmico com vistas a revitalizar a área e a melhorar a qualidade de vida daqueles que ali residem.

²⁰ Este programa surge a partir do projeto de extensão "Museu Comunitário da Região do Anglo" que se ampliou a fim de atender à demanda de outras ações de preservação do patrimônio cultural da região, através dos relatos das Histórias de Vida dos moradores desta comunidade e do seu pronunciamento sobre o que são os seus bens materiais e imateriais.

Outra iniciativa foi a realização do projeto de extensão *O Museu do Conhecimento para Todos*, que criou o Memorial Anglo²¹ no *Campus Anglo*. O Memorial Anglo está localizado no 3º pavimento do Bloco B, onde, na época do funcionamento do frigorífico, localizavam-se algumas das câmaras frias. O espaço disponibiliza informações oriundas de projetos vinculados ao frigorífico, expõe fotografias atuais ou não, que registram todo e qualquer assunto relacionado ao Frigorífico ou a outras unidades frigoríficas do Anglo.

Retomando a afirmação de Julián Sobrino sobre a oportunidade extraordinária que a Universidade Federal de Pelotas encontra para a criação de um laboratório permanente de investigação sobre os espaços industriais e a possibilidade de construção de um lugar de memória, em escala urbana, capaz de conservar a memória e a história do trabalho na cidade de Pelotas, estima-se que este laboratório possa produzir projetos e programas que dialoguem com as ações de revitalização e políticas de preservação do patrimônio cultural da “Zona do Porto”.

2.3 O Patrimônio Industrial e sua reutilização

Este subcapítulo aborda os conceitos sobre patrimônio cultural e patrimônio industrial, seus valores, as ativações patrimoniais e os desafios que a prática de reutilização apresenta, os quais estão diretamente relacionados com o tema e com outro aspecto que compõe o problema desta pesquisa.

Patrimônio Industrial é uma categoria de bens que integra o grande conjunto que compõe o Patrimônio Cultural. O conceito de patrimônio existe desde a antiguidade e vem se adaptando, ao longo dos séculos, aos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, incorporando novos significados. O conceito de patrimônio cultural, oficialmente reconhecido na sociedade atual, tem sua origem vinculada à criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Para essa Instituição, “patrimônio é o legado que recebemos do

²¹ O Memorial do Anglo tem como missão informar a natureza do prédio onde se encontra e apresentar resultados de pesquisa sobre o trabalho neste frigorífico. Cumpre, desta forma, o papel de um suporte de memória do trabalho, das técnicas construtivas, da produção industrial de alimentos de origem animal e da trajetória do capital estrangeiro no Brasil. Igualmente, objetiva instituir valor ao patrimônio industrial que a Universidade Federal de Pelotas possui, afirmando o compromisso que a Instituição tem com sua guarda e preservação.

passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade” (UNESCO, 2020).

A UNESCO foi fundada em 1945 para atuar em nível mundial na garantia da paz, na promoção do desenvolvimento humano e social e também na salvaguarda dos patrimônios históricos da humanidade. Sua criação está diretamente relacionada com a tomada de consciência sobre novos valores, humanos, ambientais, coletivos, incluindo a imaterialidade do patrimônio após as perdas imensuráveis vividas pela humanidade, provocadas pelos movimentos nacionalistas exacerbados e suas políticas imperialistas, que resultaram na II Guerra Mundial. Dentre as diversas atuações desenvolvidas por esse órgão, tem-se a cooperação com as autoridades e instituições para iniciativas de preservação do patrimônio cultural da humanidade, seja mundial ou local, intensificando o propósito já defendido em 1937 pela Conferência de Atenas, com abordagens mais abrangentes e menos restritivas de cultura (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

No Brasil, o órgão que responde pelo Patrimônio Cultural Brasileiro é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criado pela Lei Federal nº 378, de 13 de janeiro de 1937 (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN). As atribuições do IPHAN – a missão de organizar e proteger o patrimônio histórico e artístico nacional – assim como a definição de patrimônio foram estabelecidas pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. O Decreto estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (IPHAN, 2020).

A ampliação da definição de patrimônio, sua renomeação e a incorporação de novos conceitos, incluindo o caráter de imaterialidade, foram promovidas pelo Artigo 216 da Constituição Federal de 1988. A partir de então, o Patrimônio Cultural Brasileiro passou a ser definido pelos bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (IPHAN, 2020).

Conforme Funari e Pelegrini (2006), pode-se dizer que a redefinição de patrimônio, instituída no Brasil em 1988, buscou se atualizar de acordo com a ampliação do conceito de patrimônio em nível mundial, incluindo o reconhecimento do

meio ambiente como patrimônio natural, da diversidade cultural como valor universal a ser preservado e da noção de imaterialidade do patrimônio. Extemporaneamente, a redefinição do conceito ocorreu durante o processo de redemocratização do país, adaptando-se ao novo contexto político e social.

Assim como os conceitos, os valores atribuídos ao patrimônio não são absolutos e também dependem dos contextos históricos, sociais e culturais nos quais estão inseridos. De acordo com Hernandez e Tresserras:

[...] os contextos de atribuição de valor são configurados em torno de circunstâncias muito determinadas, tais como: as relações econômicas dominantes, os critérios dominantes de gosto, as ideias e crenças sociais, as pressões políticas etc., mas também dependendo das estruturas de pesquisa científica teórica e aplicada, provisão para treinamento nas áreas de ciências sociais e humanas, possibilidades de financiamento do Estado e agentes sociais e econômicos. (HERNÁNDEZ; TRESSERRAS, 2007, p.19 – traduzido pela autora) ²²

A atribuição de valor varia de acordo com diversos fatores, porém, conforme estudos realizados nos últimos anos, os valores podem ser agrupados em quatro grandes grupos, ou em três grandes categorias, equivalentes entre si. Os quatro grupos consistem nos valores associativos, estéticos, econômicos e informativo-científicos, enquanto que as três categorias consistem nos valores de uso (função), forma e símbolo.

O valor de uso equivale aos valores econômicos e informativo-científicos e servem para satisfazer necessidades concretas, sejam individuais ou coletivas. Neste caso, o uso pode ser considerado tangível (econômico), quando as qualidades materiais do bem proporcionam um uso prático e concreto, ou intangível (informativo-científico), quando o bem fornece informações sobre o passado, proporcionando conhecimento sobre o progresso da humanidade. O valor formal equivale ao valor estético e é atribuído pela emoção e pelo prazer que o bem proporciona aos sentidos, por sua capacidade de comunicação, através da forma e dos materiais, e também pela genialidade na transmissão de uma ideia. O valor simbólico equivale ao valor associativo e é atribuído pelo poder de evocar, representar, fazer presente um

²² “Por lo tanto, los contextos de atribución de valor se configuran en torno a circunstancias muy determinadas, tales como: las relaciones económicas dominantes, los criterios de gusto dominantes, las ideas y creencias sociales, las presiones políticas, etc., pero también en función de las estructuras de la investigación científica teórica y aplicada, la provisión para la formación en los ámbitos de las ciencias sociales y las humanidades, las posibilidades de financiación del Estado, y los agentes sociales y económicos.” (HERNÁNDEZ; TRESSERRAS, 2007, p.19)

personagem, uma cultura ou um acontecimento do passado (HERNÁNDEZ; TRESSERRAS, 2007).

O conceito de patrimônio cultural defendido por Pratz (1998) é o de que ele é uma invenção, uma construção social a partir da capacidade de geração de discursos sobre a realidade. De acordo com o autor, faz-se necessária a invenção de um discurso prévio, com elementos, composição (contextualização) e significados definidos, o qual será legitimado através da assimilação desse discurso pela população (PRATZ, 1998).

Para Pratz (1998), os elementos que constituem os critérios de legitimação são: a natureza, a história e a genialidade (inspiração criativa), os quais são considerados extraculturais, essenciais e imutáveis, devido à incapacidade de serem controlados pela sociedade e também por sua sacralidade. Esses critérios constituem os lados de um triângulo, dentro do qual se integram todos os elementos com potencial para a patrimonialização, formando um *pool* virtual de referentes simbólicos patrimoniais. Ainda, para o autor, os critérios que definem este triângulo são muito firmes, estáveis e representam os verdadeiros critérios que constituem o patrimônio cultural. Em uma só palavra, o autor define o “conhecimento” como o verdadeiro patrimônio cultural que a humanidade pode conservar e transmitir

[...] tanto o conhecimento das realizações científicas e artísticas mais singulares, quanto o conhecimento dos sistemas e dispositivos culturais que permitiram ao homem, em situações ecológicas muito diversas e em situações socio-históricas muito variáveis, se adaptar à vida no planeta e conviver com seus semelhantes. (PRATZ, 1998, p. 73 – traduzido pela autora)²³

A gestão do patrimônio cultural também se encontra em constante processo, adaptando-se às transformações da sociedade. Essa gestão se desencadeia através de um sistema formado por instituições e instrumentos legais que são organizados hierarquicamente, contemplando os interesses das coletividades a partir de diferentes escalas. Dentre os instrumentos legais tem-se as Cartas Patrimoniais que são documentos firmados a partir de encontros técnico-científicos e possuem caráter de

²³ “Éste es el verdadero patrimonio cultural que la humanidad puede conservar y transmitir: el conocimiento, tanto el conocimiento de los logros científicos y artísticos más singulares, como el conocimiento de los sistemas y artilugios culturales que han permitido al hombre, en situaciones ecológicas muy diversas y en situaciones sociohistóricas muy cambiantes, adaptarse a la vida en el planeta y a la convivencia con sus semejantes.” (PRATZ, 1998, p. 73)

prescrição e/ou recomendação, servindo de referências às ações sobre determinado bem patrimonial.

Os processos de criação ou ativação do patrimônio, assim como os de gestão da sua conservação nunca são neutros ou isentos de interesses, pois dependem de escolhas, ou seja, de seleção de certos discursos prioritários em detrimento de outros. Para Hernandez e Tresserras (2017), diante das limitações de recursos, sejam econômicos, humanos e dos bens como fontes não renováveis, é necessária a adoção de um método para estabelecer as prioridades e orientar o trabalho de seleção desses bens, para que sejam escolhidos aqueles mais representativos e com as possibilidades de uso mais adequadas e benéficas socialmente. De acordo com os autores, os principais contextos de seleção são definidos pelo meio científico-profissional, pela sociedade civil, pelo meio político-administrativo e pelo mercado econômico.

Para Funari e Pelegrini (2006), o período de redefinição do conceito de patrimônio instituído no Brasil, em 1988, se caracteriza pela multiplicação patrimonial, porque, além do surgimento de novas instituições oficiais e instrumentos legais para a preservação e a restauração dos patrimônios culturais da humanidade, surgiram também os movimentos de iniciativa popular que reivindicavam o reconhecimento de diversos grupos e interesses sociais, humanos e ambientais. Esse crescente movimento de participação da comunidade na gestão dos bens patrimoniais demonstra o quanto as ações em sua defesa podem ser empreendidas através de uma construção social, independente das iniciativas oficiais do Estado (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

No atual contexto brasileiro, Gonçalves (2015) destaca que o Estado, que deteve por décadas a hegemonia da elaboração e implementação dessas políticas, vem reconhecendo a participação de diversos grupos sociais nas políticas patrimoniais:

Organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas, grupos sociais e indivíduos assumem iniciativas no sentido de reivindicar, estabelecer e constatar “patrimônios culturais”. Sem deixar de ser uma agência legitimadora e apoiadora fundamental, o Estado se vê obrigado a reconhecer e a lidar com uma série de outros atores sociais engajados na identificação e preservação de patrimônios (GONÇALVES, 2012 *apud* GONÇALVES, 2015).

Como foi visto, a criação ou ativação patrimonial surge a partir do interesse em se preservar determinado bem, material ou imaterial, que possui valor significativo e

representativo de/para uma coletividade. Dentre as motivações para a preservação está a perda (incluindo o seu risco) ou a destruição de um bem, que

pode assumir formas naturais (intempéries, catástrofes) ou sociais e históricas (guerras, atentados, o simples abandono dos bens culturais, a indiferença da população ou dos governantes), mas configura-se sempre como uma espécie de inimigo externo a ser combatido (GONÇALVES, 2015, p. 221).

Hartog e Lévi-Strauss afirmam que o temor por uma suposta perda é uma característica do mundo contemporâneo ocidental e que se relaciona diretamente com a expansão, quase que obsessiva, dos processos de patrimonialização, refletindo a maneira como a humanidade tem experimentado suas relações com o tempo histórico (GONÇALVES, 2015). Baseado nas teorias de Hartog, a expansão dos *patrimônios* pode ser percebida como sintoma de uma crise vivenciada pela humanidade em relação ao tempo. O “presentismo” (HARTOG, 2013, p. 26) representa uma crise de expectativas em relação ao futuro, dando ênfase ao presente e preservando ou reconstruindo o passado, tanto quanto possível. Na citação de Strauss, a busca pelos *patrimônios* parece representar uma espécie de reconciliação com o passado a partir da tomada de consciência sobre os atos cometidos:

Às nossas sociedades, responsáveis ou vítimas de tragédias horríveis, aterrorizadas pelos efeitos da explosão demográfica, o desemprego e outros males, um apego renascente ao patrimônio, o contato que se esforçam para retomar com suas raízes [...] dariam a ilusão, como a outras civilizações ameaçadas, que elas podem – de maneira totalmente simbólica, é obvio – contrariar o curso da história e suspender o tempo. (LÉVI-STRAUSS, 1983 *apud* GONÇALVES, 2015)

Pode-se dizer que o motivo para a patrimonialização dos bens da cultura industrial é oriundo primeiramente da destruição, mas também do risco da perda. As primeiras discussões sobre a preservação do patrimônio industrial surgem devido à enorme quantidade de prédios industriais destruídos na II Guerra Mundial. Posteriormente, o assunto ganha mais importância diante do risco das perdas, devido às profundas transformações tecnológicas no sistema de produção, pondo em risco a destruição de importantes prédios industriais na Europa.

A atribuição de valor aos vestígios da industrialização tem, portanto, suas origens após o término da II Guerra Mundial, durante o processo de reconstrução das cidades. Por volta de 1950, na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, surgem os estudos voltados para os vestígios da industrialização. Diante da diversidade de

vestígios a serem reavaliados, profissionais da arqueologia se inserem no campo da preservação. Afirma-se que esses estudos, desenvolvidos no campo da arqueologia, deram origem à expressão “arqueologia industrial” e abriram um novo campo de investigação centrado no conhecimento sob os aspectos materiais da Revolução Industrial (CLARKE, 1999 *apud* THIESEN, 2014). Posteriormente, os vestígios materiais da industrialização despertaram interesse a partir de outras perspectivas e desenvolveram novos conceitos sob outras disciplinas.

Em 1966, na França, surge o conceito de *Friches Industrielles*, proposto pelo geógrafo francês Jean Labasse, como um fenômeno consequente do processo de desindustrialização sob os aspectos espaciais, sociais e econômicos. Ele associou o conceito de *friches sociales* (vazio social) ao de ciclo industrial ou descentralização industrial. Esse fenômeno caracteriza-se por “um espaço construído ou não, desocupado ou muito sem utilização, antes ocupado por atividades industriais ou outras atividades ligadas à indústria” (Service Technique de l’Urbanisme – STU) e pode ser consequente das guerras, mas também das mudanças na estrutura econômica e tecnológica (MENDONÇA, 2001).

Ainda na França, no final da década de 1970 e início de 1980, ampliou-se o interesse em torno da temática dos vestígios materiais da industrialização, o qual se somou à demanda de estudos de planejamento urbano e ações governamentais, com o objetivo de reverter problemas econômicos e espaciais gerados por velhas regiões e subúrbios industriais desativados. A partir de então, desenvolveram-se estudos e publicações sobre ações de reabilitação de *friches industrielles* em determinadas regiões da França. Além disso, os estudos britânicos e franceses sobre *friches* foram referência para o desenvolvimento dos estudos de reabilitação de antigas áreas industriais (MENDONÇA, 2001).

Na década seguinte, após a queda do Muro de Berlim, em 1989, a capital da Alemanha apresentou aos planejadores urbanos e construtores um grande desafio para reverter os problemas espaciais e sociais gerados pela destruição (HARTOG, 2013). Embora o caso da reconstrução de Berlim não tenha como objetivo a reabilitação de antigos espaços industriais, ele compartilha de aspectos que compõem um problema comum, envolvendo atribuição de valores, processos de patrimonialização e projetos de reutilização, que estão intrínsecos à complexidade da produção do espaço urbano.

Durante seu processo de reconstrução, Berlim “tornou-se um ponto de passagem obrigatório, [...] um laboratório, um lugar de ‘reflexão’. Ela suscitou inúmeros comentários e múltiplas controvérsias [...]” (HARTOG, 2013, p. 29). O desafio para a reconstrução da cidade se apresentou através de decisões e ações que se relacionam diretamente com o tempo, que se tornou um problema explícito. As questões abordadas tratavam de quais os vestígios do passado deveriam ser preservados e que relações manter com o passado; o que esperar do futuro; como viver no presente; “O que destruir, o que conservar, o que reconstruir, o que construir, e como?” (HARTOG, 2013, p. 30).

Essas questões relacionadas a valores, preservação, reuso e ativação patrimonial são de fato controversas e exigem reflexão e planejamento. De acordo com Choay (2006), a reutilização caracteriza uma ação paradoxal, audaciosa e difícil, quando se quer valorizar um patrimônio, sem que para isso o seu destino seja o de museu, pois, segundo a autora, Riegl e Giovannoni mostraram repetidas vezes que, na prática de reutilização, o bem é "poupado aos riscos do desuso para ser exposto ao desgaste e usurpações do uso" (CHOAY, 2006, p. 219). Para a autora, "não existem na França reconversões mais destrutivas que as destinadas ao uso administrativo ou a escritórios" (CHOAY, 2006, p. 221).

Em relação às condições materiais de utilização prática de um patrimônio, Riegl analisa a existência de duas categorias opostas de valores: "de rememoração" (*Erinnerungswerte*), ligados à memória e ao passado; e "de contemporaneidade" (*Gegenwartswerte*), ligados ao presente (CHOAY, 2006, p. 168). Dentre esses valores de contemporaneidade está o valor de uso, um valor tangível atribuído à possibilidade prática de utilização ou reutilização de patrimônios históricos. A análise de Riegl revela que estes valores são contraditórios e possuem exigências simultâneas, porém as soluções a serem priorizadas dependerão dos contextos social e cultural em que estão inseridos (CHOAY, 2006).

Para Del Rio (1990), a inclusão do patrimônio histórico no processo de planejamento urbano faz parte do contexto do crescente descontentamento da comunidade, submetida aos ambientes resultantes do modelo de planejamento modernista, que visavam à maximização dos investimentos. A consciência sobre os excessos do consumismo, nas décadas de 1960 e 1970, representou uma espécie de ressurgimento do Humanismo para as áreas da Arquitetura e Urbanismo no mundo. A partir de então, temas como produção vernacular, urbanismo “espontâneo”,

patrimônio histórico, valores tradicionais e outras produções alternativas reaparecerem nos meios acadêmicos e profissionais, promovendo o início de uma mudança tanto por parte dos agentes promotores da produção do espaço como da própria comunidade (DEL RIO, 1990).

O reconhecimento oficial dos vestígios da cultura industrial, como parte integrante do patrimônio cultural, aconteceu somente em 2003, por iniciativa do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH), uma instituição organizada pela sociedade civil. A Carta Patrimonial de Nizhny Tagil²⁴ é o primeiro texto de referência internacional reconhecido para orientar a proteção e a conservação do Patrimônio Industrial. A Carta define patrimônio industrial como:

1. O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centro de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (TICCIH, 2003)

Dentre os valores atribuídos a esse patrimônio, que justificam a sua preservação, têm-se:

2.ii. O patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registro de vida de homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentido identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade de sua arquitetura, do seu *design* ou da sua concepção.

2.iii. Esses valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições. (TICCIH, 2003)

Considerando a possibilidade de reutilização de antigos espaços industriais, as recomendações da Carta para a manutenção e a conservação de um sítio são:

5.iv. A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade.

²⁴ O texto da Carta sobre o Patrimônio Industrial foi aprovado pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, que se realizou em Nizhny Tagil, Rússia, no dia 17 de julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao ICOMOS para ratificação e eventual aprovação definitiva pela UNESCO.

5.v. Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentado. O patrimônio industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração econômica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos. (TICCIH, 2003)

Posteriormente, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH) elaboraram princípios conjuntos para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Patrimônio Industrial, aprovando, em 28 de novembro de 2011, na 17ª Assembleia Geral do ICOMOS, o documento “Os *Princípios de Dublin*”. Esse documento praticamente mantém os preceitos da Carta de Nizhny Tagil mas, além disso, ele representa uma ação conjunta dessas duas Instituições em defesa do patrimônio industrial, reconhecendo sua natureza singular, os problemas e as ameaças que o afetam.

Recentemente, diante do panorama confuso e agitado da sociedade globalizada, as ações para a preservação do patrimônio industrial apresentam-se proporcionalmente mais desafiadoras. As complexas mudanças relacionadas ao mundo do trabalho nos aspectos das relações sociais, espaciais e tecnológicas e os laços cada vez mais fortes existentes entre patrimônio natural e patrimônio cultural, material e imaterial, objeto e contexto, gestão técnica especializada e participação cidadã, urbano e rural, local e global, singular e genérico exigem que se pense o patrimônio industrial a partir de um enfoque renovado, reconhecendo que ele se constitui de um mosaico multidisciplinar e requer a adoção de ações transdisciplinares no que diz respeito à sua preservação, no século XXI.

Por esse motivo, foi recentemente elaborada a Carta Patrimonial de Sevilla do Patrimônio Industrial (2018)²⁵. Esse documento considera as complexas variáveis que afetam os lugares de trabalho e reconhece que elas conformam um território dialético, no qual essas diversas variáveis são postas em contradição.

²⁵ A Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial 2018 foi apresentada em 21 de fevereiro de 2019, em Sevilha/Espanha. O documento propõe uma revisão sobre os paradigmas atuais e materializa as conclusões do VII Seminário de Paisagens Industriais da Andaluzia e de eventos anteriores, apresentando uma revisão crítica, transversal e multidisciplinar da mudança de paradigma que se produziu sobre o patrimônio industrial nas três últimas décadas e que, além de sua problemática específica, afeta também ao patrimônio cultural.

Estes espaços revelam as contradições entre usuários, proprietários, gestores, empresas, instituições, visitantes, organizações conservacionistas, acadêmicos e técnicos, em nível local, regional, nacional e internacional. Sabendo que, acima de tudo, devemos contribuir para a manutenção da essência (fragrância, atmosfera e memórias) dos bens industriais considerando sua autenticidade, legibilidade, continuidade, integridade, potencial, sustentabilidade e valor documental. [traduzido pela autora]²⁶ (TICCIH-Espanha, 2018)

Dentre os problemas e as perspectivas apresentados no referido documento tem-se a questão das intervenções arquitetônicas e paisagísticas nos espaços industriais, na qual o tema desta pesquisa se enquadra. A Carta recomenda a revisão dos critérios de intervenção para o estabelecimento de um consenso em que se possa conciliar a conservação de seus valores, a ativação de suas potencialidades e a sustentabilidade do projeto junto com a diversidade de novos usos.

O terceiro aspecto do problema apontado na pesquisa se refere à insuficiência dos instrumentos de gestão urbana e de preservação patrimonial municipais para garantir a conservação adequada desse patrimônio industrial, permitindo intervenções que causam prejuízo aos valores e à autenticidade desses bens. Essas intervenções contrariam as recomendações feitas pelas cartas patrimoniais dedicadas à salvaguarda deste tipo específico de patrimônio.

A prática de reutilização dos antigos prédios industriais para o desenvolvimento de atividades acadêmicas e administrativas da UFPel se caracterizou como uma solução conjunta para conciliar as antigas demandas espaciais da Universidade e a situação de subutilização das infraestruturas urbanas e superestruturas industriais obsoletas localizadas nos bairros Porto, Balsa e Caieira. Neste sentido, o reaproveitamento dessas infraestruturas para o desenvolvimento de novos usos representa uma ação de planejamento urbano sustentável, nos aspectos espaciais, econômicos e também sociais.

Quando a Universidade adquiriu esse patrimônio industrial localizado na antiga zona industrial da cidade, parte dele já se encontrava bastante destruído, por

²⁶ Todas estas variables conforman un territorio dialéctico, acerca del antes, el ahora y el después, de lo que convencionalmente entendemos como valores patrimoniales, y que, en estos espacios, ponen de manifiesto las contradicciones existentes entre los usuarios, los propietarios, los gestores, las empresas, las instituciones, los visitantes, las organizaciones conservacionistas, los académicos y los técnicos, en los ámbitos local, regional, nacional e internacional. Sabiendo que, ante todo, debemos contribuir al mantenimiento de la esencia (fragancia, atmósfera y recuerdo) de los bienes industriales desde su autenticidad, legibilidad, continuidad, integridad, potencialidad, sostenibilidad y valor documental. (TICCIH-Espanha, 2018)

consequência do processo de abandono, de degradação, da venda de maquinários pela massa falida, entre outros motivos. No caso do Frigorífico Anglo, onde atualmente está localizada a Reitoria, as Pró-reitorias, além de diversos cursos da UFPel, a descaracterização mais significativa ocorreu por parte da própria Universidade, ao demolir o interior do prédio para implantar o projeto de *Campus*²⁷ Universitário, identificado como “*Campus Anglo*”, eliminando praticamente todo o maquinário e suas configurações espaciais existentes, que juntos compunham a narrativa do processo produtivo do frigorífico. De acordo com a Carta Patrimonial Nizhny Tagil, “[...] o valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos” (TICCIH, 2003, 5.i.). As fotografias das Figuras 18 a 23 são registros obtidos durante as explorações urbanas, antes do processo de reutilização e também durante esse processo, mostrando o descarte do maquinário e eliminação dos esquemas de produção.

Figura 18: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista frontal.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 19: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista aérea.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

²⁷ A Universidade adotou a nomenclatura de *Campus* para identificar cada um de seus agrupamentos distribuídos em diferentes regiões da cidade. Neste caso, os *Campi* da UFPel não correspondem ao conceito original norte-americano, com exceção do *Campo* Capão do Leão.

Figura 20: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista interna do esquema de produção.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 21: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Vista interna do esquema de produção.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 22: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Reutilização por parte da UFPel.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

Figura 23: Fotografia do antigo Frigorífico Anglo. Descarte do maquinário.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 2004 - 2008.

A reutilização de bens do patrimônio industrial constitui a solução mais frequente e, na maioria das vezes, a mais sustentável para assegurar a sua conservação. Porém, recomenda-se que as intervenções físicas sejam necessariamente acompanhadas de conhecimentos especializados, amparados por documentação e instrumentos de gestão, a fim de garantir que os valores patrimoniais sejam adequadamente considerados (Princípios de Dublin, 2011). Questiono se o caso do Anglo se inclui naquele para o qual Choay (2006, p. 221) afirma ser

difícil garantir que a reutilização seja rentável, o que em geral só se consegue em prejuízo da funcionalidade. Neste caso, resta apenas uma casca vazia de seu conteúdo por 'curetagem': procedimento discutível quando se trata de

preservar a morfologia de uma malha urbana; procedimento inadmissível quando se resume ao sacrifício das estruturas e do ambiente interno de um edifício.

Considerando que o uso acadêmico proposto não seja compatível com o uso industrial da atividade frigorífica, ainda assim a possibilidade de reaproveitamento da estrutura fabril aparenta, superficialmente, ser possível devido à sua dimensão e à existência de grandes áreas com vãos livres, visualizadas em fotos do período do abandono. Neste caso, o processo de reutilização deveria ter levado em conta o estado de conservação das principais estruturas e dos maquinários existentes no local, considerando que “Os novos usos devem respeitar os elementos significativos existentes, como os equipamentos, os padrões de circulação ou a distribuição das atividades” (Princípios de Dublin, 2011).

Em caso de iminente obsolescência, desativação e/ou adaptação de estruturas e sítios de patrimônio industrial, os processos devem ser registrados, incluindo, por exemplo, onde os componentes têm de ser demolidos e a maquinaria removida. Tanto sua forma material quanto seu funcionamento e localização, como parte dos processos industriais, devem ser exaustivamente documentados. Os relatos orais e/ou escritos de pessoas ligadas aos processos de trabalho também devem ser coletados. (Princípios de Dublin, 2011)

O processo de reutilização marcou a ruptura do Frigorífico Anglo com sua função e identidade originais, com seus meios de memória e com sua história enquanto fábrica. Essa ruptura pode ser compreendida como “brechas (gap) entre o passado e o futuro”, conceito proposto por Hannah Arendt que significa o “estranho entremeio no tempo histórico, onde se toma consciência de um intervalo no tempo inteiramente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda” (HARTOG, 2013, p. 21). Para a comunidade, especialmente para aquela que possuía uma relação direta com estes antigos espaços de trabalho, essa ruptura pode representar um vazio sentimental, uma lacuna entre experiência (passado) e expectativa (futuro), categorias consideradas meta-históricas, por Reinhart Koselleck (HARTOG, 2013).

O Complexo do Frigorífico Anglo, a Alfândega, a Cotada, a Brahma, a Cosulã e o Moinho Santista, todos eles adquiridos pela UFPel, foram incluídos no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas²⁸. Essa inclusão representa o reconhecimento oficial

²⁸ O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foi criado pela Lei Municipal 4.568/2000 e atualizado pelos Decretos 4.490/2003 e 4.703/2004.

do município sobre o valor cultural que esses prédios possuem para a história da cidade. O reconhecimento desse patrimônio em âmbito local é contemporâneo ao seu reconhecimento em âmbito global, já que a Carta Patrimonial de Nizhny Tagil foi aprovada em 2003.

Conforme avaliação da Secretaria Municipal de Cultura, todos os prédios industriais inclusos nesse documento estão enquadrados no Nível 2 de preservação, que é assim definido pelo III Plano Diretor de Pelotas:

II - Nível 2: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam a preservação de suas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, ou seja, a preservação integral de sua(s) fachada(s) pública(s) e volumetria, as quais possibilitam a leitura tipológica do prédio. Poderão sofrer intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas. Sua preservação é de extrema importância para o resgate da memória da cidade. (PELOTAS, 2008)

Observa-se que, na legislação proposta pelo município, os bens do patrimônio industrial estão enquadrados em um nível de preservação que se fundamenta apenas nas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, permitindo intervenções internas, sem nenhuma restrição. Comparando o que propõe a carta de Nizhny Tagil com as legislações municipais, especificamente com o III Plano Diretor de Pelotas, de 2008, podemos afirmar que existe uma incompatibilidade de concepções sobre os valores do patrimônio industrial e de recomendações para sua conservação. Ressaltando novamente a carta de Nizhny Tagil, temos que

5.i. A conservação do patrimônio industrial depende da preservação da sua integridade funcional, e as intervenções realizadas num sítio industrial devem, tanto quanto possível, visar à manutenção desta integridade. **O valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos.** (TICCIH, 2003 – grifo da autora)

A proteção legal prevista pela Carta diz que:

4.i. sua proteção legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico com pelo seu valor ecológico. (TICCIH, 2003)

Embora a reutilização do patrimônio industrial na cidade de Pelotas se caracterize como uma solução repleta de aspectos positivos, identificam-se essas incompatibilidades. O fato de não haver distinção entre os diferentes tipos de

patrimônio nas legislações municipais, tratando todos como iguais e discriminando apenas os diferentes níveis de preservação, demonstra que não há reconhecimento, por parte do município, sobre os conceitos, valores e especificidades que definem o patrimônio industrial.

Mesmo existindo instrumentos legais que regulem as intervenções tanto sobre os espaços urbanos quanto sobre os bens patrimoniais, eles não garantem uma preservação efetiva deste tipo específico de patrimônio nos aspectos materiais e imateriais. As lacunas²⁹ materiais resultantes dos processos de degradação e das intervenções equivocadas, bem como as lacunas imateriais existentes nas memórias e nos sentimentos das pessoas que possuíam algum vínculo com esse patrimônio demonstram a necessidade de reconsideração das ações de salvaguarda. Tendo as Cartas Patrimoniais de Nizhny Tagil (2003) e de Sevilla (2018) como documentos de referência global, é possível perceber as insuficiências existentes na legislação municipal que resultam em um processo de preservação falho.

Considerando que a autonomia universitária, prevista no Art. 207 da Constituição Federal de 1988, é um direito que atribui a cada instituição a capacidade de auto-regulamentação e autogestão didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, dotando de autonomia as universidades para que elaborem os instrumentos normativos e de gestão do seu próprio patrimônio, considerando também que o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFPel propõe a integração entre as políticas de extensão e as políticas públicas, e propõe também a política de preservação e fomento do patrimônio cultural e artístico edificado, museológico, acervístico e imaterial, espera-se que a Universidade possa desenvolver diretrizes de preservação voltadas ao seu patrimônio cultural edificado, o que pode vir a ser ampliado para a preservação do patrimônio industrial de todo município.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), vigente entre o período de 2015 a 2020, tem dentre seus diversos objetivos estratégicos: “Conceber e implantar um processo de planejamento espacial para a UFPel”. O PDI foi dividido em cinco eixos temáticos: (1) Gestão Institucional; (2) Gestão acadêmica: ensino, pesquisa e extensão; (3) Assistência estudantil; (4) Gestão de pessoas; (5) Infraestrutura. No eixo temático (5) Infraestrutura, em que se pressupõe que esteja contemplado o patrimônio

²⁹ A lacuna é uma interrupção no tecido Figurativo, a qual deve ser tratada visando ao restabelecimento da unidade potencial da obra, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra no tempo (BRANDI, 2004).

edificado da Universidade, tem-se que “É responsabilidade da Universidade ampliar e qualificar a sua estrutura física, com base na relação entre a área construída e a capacidade de manutenção dessa estrutura, por meio de um plano de qualificação e de recuperação” (UFPEL, 2015).

Dentre os objetivos específicos do eixo temático (5) Infraestrutura, estão: (I) Elaborar Plano Diretor Institucional; (II) Elaborar zoneamento e definir parâmetros urbanísticos para os *campi*; (III) Planejar e qualificar áreas públicas, de circulação e proteção ambiental; (IV) Prover edifícios adequados às atividades institucionais, primando pela flexibilidade de uso, durabilidade, baixo custo de manutenção, eficiência energética e integrados à paisagem; (V) Manter em bom estado de conservação os equipamentos, as edificações, a infraestrutura urbana e o ambiente natural; (VI) Ampliar a segurança da comunidade acadêmica e do patrimônio (bem material) da UFPel. Observa-se que o documento não faz menção alguma sobre o patrimônio cultural edificado, que requer um tratamento diferenciado em relação aos demais patrimônios edificados da universidade.

Ao longo dos seus cinquenta anos, a Universidade Federal de Pelotas constituiu um patrimônio edificado bastante diversificado. São bens culturais que carregam consigo histórias e memórias dos diferentes contextos socioeconômicos vivenciados pela cidade de Pelotas. Por isso, é fundamental que a UFPel considere, em seu Plano Diretor Institucional, diretrizes que reconheçam a especificidade desses patrimônios culturais e, neste caso, dos seus patrimônios industriais, para garantir a construção de uma infraestrutura universitária melhor conservada e integrada com o patrimônio industrial preexistente do lugar.

2.4 O uso do método

Este subcapítulo apresenta o método, a metodologia e os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho. O objeto de estudo possui como pano de fundo o processo de reutilização do patrimônio industrial caracterizando-se por isso como o tema da pesquisa. A prática de reutilização de antigos espaços industriais para o desenvolvimento de usos acadêmicos e administrativos tem sido adotada na cidade, não só pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mas também pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), que em 2013 adquiriu a antiga fábrica de sabão e

velas F. C. Lang S.A. para instalar seu projeto de reitoria. Considerando que o patrimônio industrial adquirido pela UFPel não se encontra restrito aos bairros Porto, Balsa e Caieira, este trabalho constitui-se em um estudo de caso, que analisará o patrimônio localizado nesses bairros, ou seja, na "Zona do Porto".

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois busca conhecer aspectos da relação dinâmica entre sujeito e objeto, com o propósito de produzir conhecimentos que possam contribuir para transformar aquilo que está sendo visto como um problema. O problema da pesquisa se constitui de três fatos, o que em síntese significa: que os instrumentos de gestão, elaborados pelos meios políticos ou técnico-administrativos, não são suficientes para promover a preservação adequada do patrimônio industrial; que a falta de participação da comunidade envolvida com esse patrimônio, representando a sociedade-civil, enfraquece a legitimação desse processo de patrimonialização; e novamente, que a falta de participação da comunidade mantém oculto o potencial existente nas relações desenvolvidas entre os sujeitos e o lugar, dificultando a descoberta de novos conhecimentos e a construção de lugares mais diversificados e significativos. Diante disso, a pesquisa assume uma postura analítica dialética, que parte da realidade que se conhece no presente, volta ao passado para conhecer aspectos daquela realidade, vistos sob a ótica de presente, e retorna com novas reflexões, visando a um novo encaminhamento dessa realidade para o futuro.

O método de investigação do objeto é fenomenológico, pois se pretende descobrir dados originais sobre as relações desenvolvidas entre as pessoas e o lugar, especificamente sobre as memórias, os significados e valores, as percepções e os elos afetivos. Através do movimento dialético, a pesquisa busca encontrar aspectos da materialização do espaço e das relações fenomenológicas, até então desconhecidos. Estima-se que conhecer e trazer à tona diferentes aspectos dessas relações desenvolvidas entre os sujeitos e o lugar, ao longo do tempo, pode ser um caminho interessante para ampliar as possibilidades de criação de lugares mais significativos e diversificados para toda a comunidade, bem como para promover outras formas de preservação do patrimônio industrial, em suas escalas urbana e arquitetônica.

A análise sobre a materialidade inicia a partir da constatação das marcas impressas na paisagem do lugar, ou seja, aquilo que Santos (2006) chama de *rugosidade*. Essas marcas documentam os processos de transformação do espaço,

desencadeados pelo movimento dialético, que permite à sociedade se transformar a todo instante, avançando no curso da história, através da constante relação de contradições, tensões, superações e suprassunções. Pode-se dizer que a contradição é o germe, o princípio ativo, que desencadeia a dialética.

Para Schmid (2012, p. 4), o pensamento dialético significa:

o reconhecimento de que a realidade social é marcada por contradições e que somente pode ser entendida por meio da compreensão dessas contradições. No âmago da dialética, encontra-se um conceito cujo significado mais profundo aparece somente na língua alemã: *das Aufheben des Widerspruchs* (suprassunção da contradição). *Aufheben* significa: por um lado, negação e superação; por outro lado, preservação e colocação em um nível superior.

Hegel utilizou-se da polissemia de *Aufhebe* na língua alemã, que, por um lado, significa preservar, manter e, por outro, significa cessar, levar ao fim, além do conceito desse duplo sentido para desenvolver sua estrutura dialética – afirmação, negação e negação da negação – que se constitui numa dialética bidimensional (SCHMID, 2012). Esta estrutura também é reconhecida pela sequência: tese, anti-tese (antítese) e síntese (nova tese). Ela parte da identificação de uma contradição existente na realidade presente e vai em busca de uma solução para essa contradição, sem a pretensão de negá-la totalmente, mas, sim, de preservá-la por um lado e elevá-la a nível superior por outro. A solução encontrada (nova tese) contém outras novas contradições, impulsionando assim o movimento dialético, esse “Movimento é, por conseguinte transcendência” (LEFEBVRE, 1968, p. 36 *apud* SCHMID, 2012). A transcendência, ou suprassunção, não se caracteriza pela busca de uma verdade superior absoluta. Para Lefebvre, toda a proposição é ao mesmo tempo verdadeira e falsa: verdadeira quando é transcendida, e falsa quando é absoluta.

As análises, do espaço urbano delimitado pela pesquisa e das relações desenvolvidas pelos sujeitos com o lugar ao longo do tempo, ocorrem através do método regressivo-progressivo proposto por Lefebvre. O movimento regressivo-progressivo permite o trânsito em duplo sentido pelo curso da história, contribuindo para a compreensão de que o movimento dialético não conduz a história por caminhos predeterminados, os chamados determinismos históricos, pois, mesmo que o sentido de orientação do tempo histórico do passado para o futuro seja irreversível, “As épocas se interpenetram, estabelecendo vínculos recíprocos que alteram a trajetória e os significados do caminhar” (DUARTE, 2006).

A constatação dos problemas abordados pela pesquisa surge a partir da observação da realidade atual, a qual, de acordo com Lefebvre (2013), é complexa e deve ser decomposta em duas instâncias temporais para ser analisada e compreendida, uma horizontal e outra vertical. A instância horizontal trata do objeto inserido no contexto atual (presente), que precisa ser observado, descrito e classificado. A instância vertical trata do objeto nos contextos de datação (passado) e virtuais (futuro). O retorno ao passado possibilita a identificação de datas e das causas do surgimento do(s) objeto(s), explicando sua relação com o presente. A projeção para o futuro indica as possibilidades do que o objeto poderá ser, considerado como virtual porque ainda não é real.

Primeiramente, foi estabelecida uma relação entre as permanências e rupturas dos modelos socioeconômicos vivenciados pela cidade. Embora já apresentados, eles são brevemente retomados para compreender a relação entre a trajetória histórica do espaço urbano onde está situado o patrimônio industrial da UFPel. Essa relação mostra que permanências e rupturas se opõem apenas sob o ponto de vista analítico pois, em síntese, se complementam compondo o movimento dialético que permitiu a transformação do espaço ao longo dos séculos (DUARTE, 2006). Para Duarte (2006), permanência é o pano de fundo sobre o qual a ruptura acontece e se constitui no eixo temporal da continuidade dos processos sobre os quais se pretende identificar e registrar as rupturas. Sobre o conceito de ruptura, o autor explica que:

Ruptura indica uma descontinuidade, uma mudança súbita de orientação no curso previsível dos acontecimentos, um corte em relação a um conjunto de valores e expectativas estabelecidos numa determinada época, acompanhado de um salto em direção a uma nova conjuntura, a ser instituída a partir da superação da conjuntura precedente. (DUARTE, 2006)

Foi elaborado um croqui esquemático (Figura 24) a fim de representar graficamente a relação entre permanências e rupturas associada ao espaço e ao tempo em que se desenvolveu o objeto de estudo. Cada período representa uma conjuntura, que foi “instituída a partir da superação da conjuntura precedente” (DUARTE, 2006). É importante mencionar que a instituição de uma nova conjuntura não exclui totalmente a existência da conjuntura anterior, permitindo a coexistência de diferentes conjunturas no mesmo tempo e espaço.

Essa análise se inicia pelo período que antecedeu o Período Industrial na cidade e está diretamente ligada às charqueadas instaladas nas margens do Arroio Pelotas, a partir do final do século XVIII, cuja atividade era desenvolvida através da

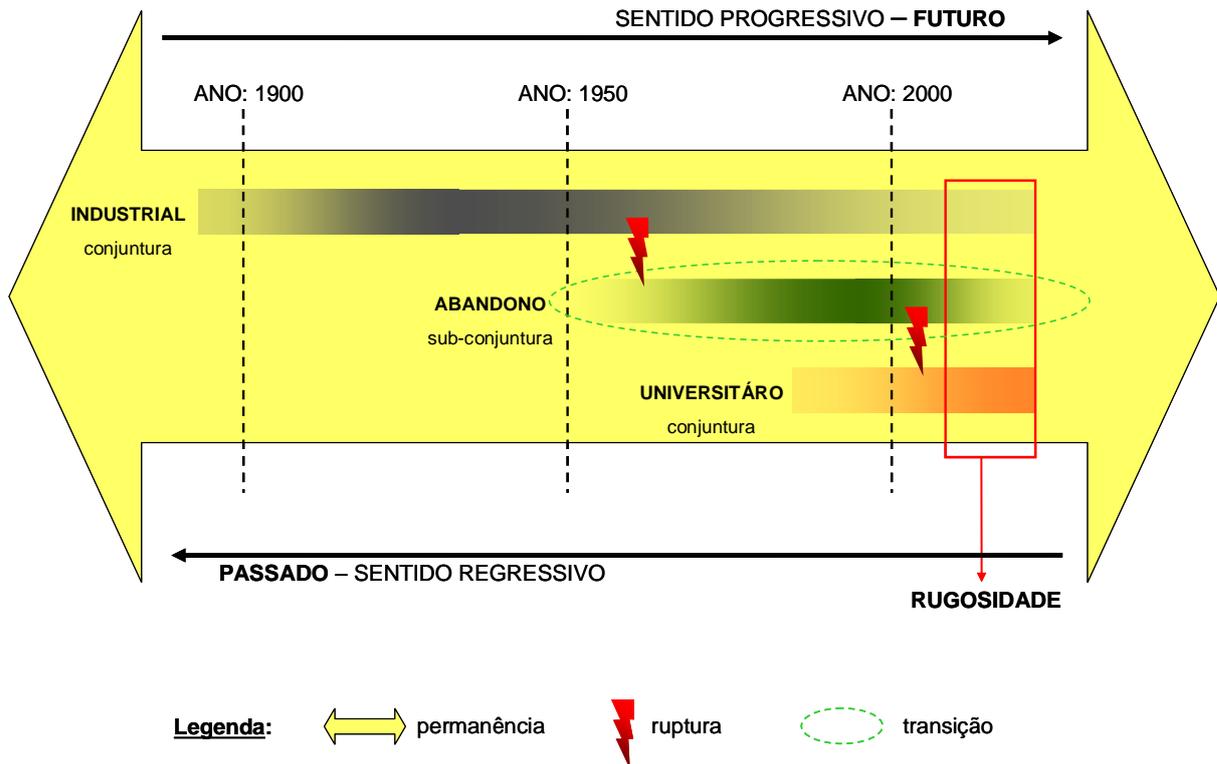
exploração da mão-de-obra escrava. Essa produção gerou muita riqueza e impulsionou a construção do espaço urbano da cidade, inclusive da estrutura portuária às margens do Canal São Gonçalo, para atender à grande demanda comercial do charque. A monocultura do charque, porém, foi gradativamente superada pela atividade industrial que se iniciou na cidade, impulsionada principalmente pelo crescente movimento de imigração e pela abolição da escravatura em 1888.

A atividade industrial se iniciou em Pelotas a partir da segunda metade do século XIX. As primeiras grandes indústrias da cidade foram implantadas por imigrantes alemães e foi no espaço urbano em torno do Porto (1832) e da Estação Férrea (1884) que se concentraram as atividades industriais desenvolvidas entre o final do século XIX e o final do XX. Dito isso, portanto, esses são o espaço e o tempo que caracterizam o Período Industrial tratado neste trabalho.

A industrialização na cidade foi responsável pelo desenvolvimento de novos meios de transporte, pela modernização do sistema de saneamento, pelo crescimento populacional e pela modificação do zoneamento urbano (BRITTO, 2011). Essa conjuntura foi gradativamente superada por novas técnicas, novos modelos econômicos e espaciais e pela transferência da Zona Industrial do Porto para o novo Distrito Industrial. Com isso, diversas fábricas nos bairros Porto, Balsa e Caieira foram tornando-se obsoletas e seus espaços ociosos.

A falência das fábricas se iniciou a partir da segunda metade do século XX. O Período do Abandono se caracteriza pela ociosidade das fábricas no local e, pelo fato desse período não ter gerado usos oficiais, foi considerado nessa análise como uma subconjuntura, podendo ser compreendido também como um período de transição. “Os períodos de transição nos ajudam a clarificar a interdependência estabelecida entre ruptura e permanência. Em tais períodos, experimentamos a sensação de viver em dois mundos simultâneos. Trata-se da transição entre o que já foi e o que ainda não é” (DUARTE, 2006). A intensa degradação dos prédios, sofrida nesse período, e a ausência de usos oficiais destes espaços configuraram uma condição favorável para a instituição da conjuntura precedente. A nova conjuntura, instituída no início do século XXI, se caracteriza pela reutilização das infraestruturas urbanas e das estruturas fabris existentes no referido espaço, pela Universidade Federal de Pelotas, unindo demandas municipais e institucionais numa ação conjunta de sustentabilidade urbana e de expansão física da UFPel.

Figura 24: Esquema gráfico da relação entre permanências e rupturas do espaço urbano em estudo.



FONTE: Autora, 2020.

Na Figura 24, o espaço construído é representado pela seta amarela de duplo sentido e se constitui basicamente pelo patrimônio industrial do local. Ele é o pano de fundo, é a base que sustenta e registra os usos e atividades que definem cada um dos diferentes períodos. Ele é o elemento permanente do processo de transformação do espaço. Cada período é representado por uma escala de cores, sendo que a intensidade da cor representa a intensidade da atividade ao longo do tempo. Conforme um período vai perdendo, o período precedente vai ganhando intensidade, possibilitando a visualização das interpenetrações de um período no outro.

Sobre as possibilidades aventadas para o espaço no futuro, Duarte (2006) diz que “Não se trata de uma profecia, mas de um processo possível/impossível, comandado pelo futuro. Um futuro já em construção”. Para Lefebvre (2013), o movimento de vir-a-ser do urbano constitui um objeto virtual, aquele que ainda não é real, mas que pode ser de certa forma antecipado a partir das realidades existentes. O autor propõe o método transdutivo, ou “utopia experimental”, que corresponde ao sentido progressivo do seu método regressivo-progressivo, para constituir este objeto virtual. Com isso, “O passado é resgatado como uma das condições para a realização do presente que, por sua vez, vive, pressente e antecipa o futuro” (DUARTE, 2006).

Neste movimento de vir-a-ser do urbano, que busca no passado elementos para serem ressignificados no presente e conduzidos ao futuro, encontram-se distintos passados que permitem diferentes interpretações e narrativas, contribuindo para a promoção da diversidade do lugar. De acordo com Ricoeur (2007), as ruínas, os restos, entre outros vestígios, que documentam o passado vivenciado pela área, podem ser interpretados como “rastros documentais” ou “marcas” do passado, sobre os quais é possível reconstruir narrativas, através de seu reconhecimento e (re)interpretação, gerando, assim, memórias, documentos e também novas histórias. De acordo com o autor,

Todos os rastros estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade. Então, é preciso dotar o rastro de uma dimensão semiótica, com valor de signo, e considerar o rastro como um efeito-signo da ação do sinete sobre a impressão (RICOEUR, 2007, p. 434).

A possibilidade de reinterpretação de uma paisagem e da criação de novas narrativas permite a criação da diversidade no meio urbano, atributo defendido por Janes Jacob (1961). A autora defendeu a diversidade como um atributo fundamental para garantir a qualidade de vida das cidades. Essa diversidade se propõe através da criação de usos e atividades economicamente eficazes de forma combinada e que possibilite a geração de fluxos de diferentes grupos em diferentes horários, garantindo um trânsito permanente de pessoas. Isso garante a vitalidade das ruas, dos bairros e das cidades, o aumento da segurança, além de possibilitar a priorização do pedestre em relação ao automóvel. Outra proposta defendida pela autora é a manutenção de prédios antigos, garantindo que haja uma combinação de edifícios de diferentes épocas e estados de conservação, e que esta diversidade deve possuir consistência (ALMEIDA, 2017).

Em entrevista sobre o patrimônio industrial, a preservação e a incorporação deste patrimônio ao meio urbano, realizada com Cristina Meneguello³⁰, foi-lhe

³⁰ Cristina Meneguello possui graduação e mestrado em História, doutorado-sanduiche na Universidade de Manchester (Reino Unido), com a tese intitulada “Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana”, pós-doutoramento no Istituto Universitario Architettura di Venezia – Università Venezia (IUAV), Itália, em 2005, e na Universidade de Coimbra, Portugal, em 2008. Atualmente, é docente do Departamento de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, vinculada à Pós-Graduação em História na linha Cultura, História e Patrimônio. Foi por quatro anos presidente do Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-Brasil) e atualmente é Diretora Associada do Museu Exploratório de Ciências – Unicamp. Tem experiência de pesquisa nas áreas de História, Cultura Visual e Preservação do Patrimônio e atua, principalmente, nos seguintes temas: patrimônio industrial, preservação, história da imagem e dos meios de comunicação de massa, história urbana e da arquitetura.

perguntado se a incorporação das ruínas industriais estimularia leituras mais densas por parte comunidade, ao que respondeu:

Bem, se vocês fizerem esta pergunta a um planejador urbano, a um arquiteto urbanista ou a um cidadão, imagino que todos vão responder que ruínas são sintomas de decrepitude, que enfeiam a cidade, emperram os melhoramentos urbanos e que devem, consistentemente, ser consertadas ou substituídas, cedendo lugar a usos mais significativos. Mas como vocês fizeram a pergunta a mim, tenho que admitir que acredito no caráter “pedagógico” das ruínas urbanas e industriais e acho que elas têm muito o que ensinar sobre a forma ansiosa como concebemos as nossas cidades como locais em que todos os espaços devem receber usos claros. Acredito na necessidade por espaços de respiro e de reflexão que estes espaços proporcionam nas cidades e recentemente escrevi um texto denominado “Vazios Urbanos”, que falava exatamente sobre isso. Para mais além, arrisco que as ruínas industriais têm a mesma capacidade de nos ensinar sobre o passado que têm as ruínas da Antiguidade. Elas nos falam da obsolescência das nossas tecnologias e formas de produção, falam dos recentes processos de desindustrialização e de informatização do trabalho e do emprego, falam em como a tecnologia se transforma predando e incorporando tecnologias anteriores. Revelam até mesmo os ocultos processos sociais, políticos e econômicos por meio dos quais se obtém o valor da terra urbana. Fico um pouco sozinha nesta posição algo iconoclasta, mas não isolada. Se pensarmos nos “Monuments of Passaic”, de Robert Smithson ainda em 1967, que falavam de coisas que se tornavam ruínas antes mesmo de serem plenamente construídas; ou nos grupos de exploração urbana que existem há décadas e visitam e fotografam espaços industriais abandonados, vemos que a percepção destes espaços do modo como são – em estado de ruína – é uma percepção possível que subverte as lógicas de beleza e utilidade a que estamos acostumados. O geógrafo Tim Edensor estudou a fruição destas ruínas como um “anti-turismo” e as qualificou de transgressoras e preñhes de significados. Contrastando com a ideia de que todo espaço possui uso e função, estas ruínas industriais funcionariam como um lembrete, um monumento aos nossos excessos e desperdícios. Visualizá-las nos permitiria intuir que formas de produção, saberes e ofícios foram extintos. A desordem que elas propõem nos tiraria de nosso ilusório conforto.

De acordo com as ideias desses autores, a subconjuntura do abandono, compreendido também como um período de transição entre o industrial e o universitário, deixou um legado que pode ser potencialmente reconsiderado, contribuindo para garantir a diversidade e o caráter do lugar.

Com isso, a pesquisa busca verificar a existência de diferentes memórias, significados e percepções em relação ao patrimônio industrial e ao lugar onde está inserido, vinculadas a esses diferentes períodos pelos quais os bairros passaram ao longo das últimas décadas. A pesquisa também busca verificar se as experiências individuais vividas pelos sujeitos, dentro e fora das fábricas (conjuntura industrial) / ruínas (sub-conjuntura do abandono) / Universidade (conjuntura universitário), incluindo o espaço urbano no cenário dessas vivências, contribuem para a formação de uma memória coletiva e identidade dos grupos. A confirmação da hipótese se dará

através do movimento dialético, que irá em busca de aspectos da materialização do espaço e das relações fenomenológicas até então desconhecidos, verificando se existem aspectos materiais (suportes físicos) e imateriais (afetos, valores e sentimentos) que são relevantes para a comunidade, e que não estão sendo levados em consideração no processo de planejamento da área e também nas práticas de reutilização desse patrimônio.

Para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, propôs-se uma combinação de instrumentos de coleta de dados, formando um conjunto de narrativas orais e visuais que se complementam. A ideia de compor esse conjunto de narrativas complementares se baseou na contribuição que a arte literária presta à visibilidade das experiências em relação aos lugares (TUAN, 2013). Baseou-se também no fato de as imagens funcionarem como suportes de narrativas. Manguel (2001) afirma que qualquer imagem oferece ou comporta uma leitura, por mais limitada que possa ser, desde as sombras na parede da caverna de Platão, incluindo as cartas do tarô por meio das quais o viajante Calvino lia narrativas universais em *O castelo dos destinos cruzados*, até as folhas de chá no fundo de uma xícara na qual os sábios chineses acreditam poder ler as vidas.

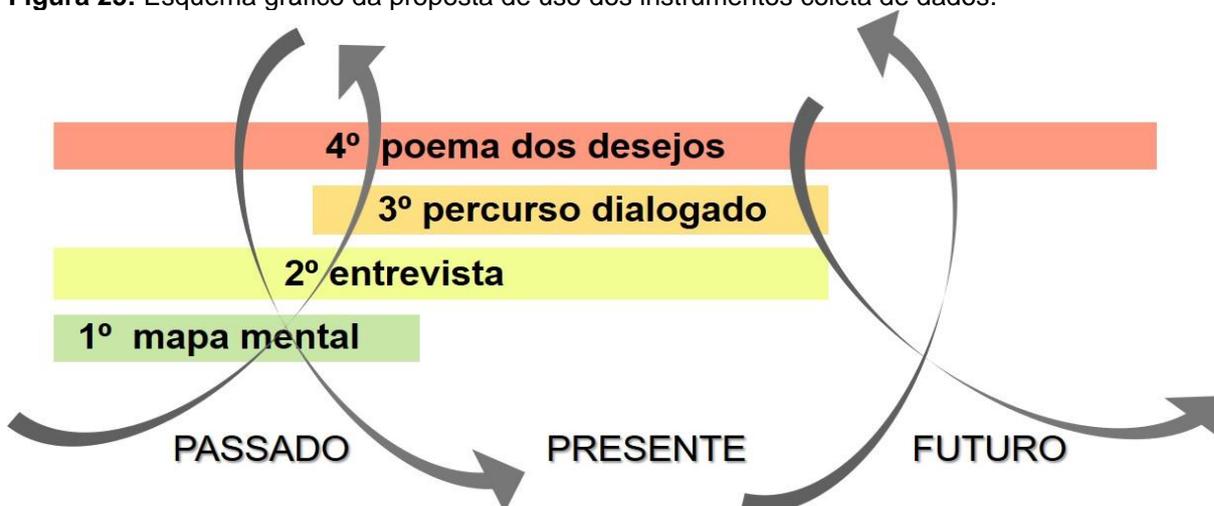
O recente uso da oralidade como recurso metodológico na historiografia brasileira permite conhecer, através da narrativa de pessoas comuns, a história a partir de outras perspectivas, que não a das fontes autorizadas ou dos documentos oficiais, dando espaço para que elas possam transmitir seus conhecimentos e contribuir para o complemento da história (ALBERTI, 2012). Produzir uma narrativa significa contar uma história, explicar um acontecimento, transmitir uma experiência ou ensinamento, através da capacidade elementar de comunicação humana. Conforme Barthes (1993), a narrativa começa com a própria história da humanidade e, desde então, nunca existiu lugar, tempo ou povo sem narrativa. Ela é inerente à vida, é internacional, trans-histórica, transcultural (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008), de modo que narrativa e memória estão diretamente relacionadas. Ricoeur (1998, p. 44) relaciona esse conceito de memória à narratividade ao afirmar que:

A passagem da memória à narrativa impõe-se assim: lembrar-se, de forma privada assim como de forma pública, é declarar que “eu estava lá”. O testemunho diz: “Eu estava lá”. E esse caráter declarativo da memória vai se inscrever nos testemunhos, nas atestações, mas também numa narrativa pela qual eu digo aos outros o que eu vivi.

Para Benjamin (1987), a narrativa desempenha uma função elementar como patrimônio da humanidade. Considerando sua dimensão utilitária, seja pelo ensinamento moral, por uma sugestão prática, um provérbio, ou uma norma de vida, a finalidade da narrativa pode ser compreendida como “um grande conselho”. Esse compartilhamento de experiências através da sabedoria dos bons narradores vem ensinando a humanidade a realizar feitos e enfrentar dificuldades, enfim, sobreviver. A arte da narrativa está em saber transmitir o conhecimento, o qual, de acordo com Pratz (1998), é o verdadeiro patrimônio cultural que a humanidade pode conservar e transmitir.

Inicialmente, a pesquisa pretendia investigar diferentes sujeitos que desenvolveram relações diretas com esses lugares. Porém, no decorrer do trabalho, foi recomendado à pesquisadora que se dedicasse apenas ao grupo dos antigos trabalhadores, com o propósito de viabilizar a pesquisa e não tornar a investigação muito extensa. Esse grupo foi priorizado por motivos cronológicos, já que essa é a população mais antiga e se encontra numa faixa etária com maiores índices de problemas de saúde, esquecimentos e falecimentos. Essa proposta foi atendida e os instrumentos de coleta de dados foram desenvolvidos visando exclusivamente a essa população. Os instrumentos escolhidos são considerados já consagrados nos estudos sobre as relações pessoa-ambiente (RHEINGANTZ, 2009) e foram propostos na seguinte ordem: mapa mental, entrevista, entrevista caminhada/percurso dialogado, poema dos desejos (Figura 25).

Figura 25: Esquema gráfico da proposta de uso dos instrumentos coleta de dados.



FONTE: Autora, 2019.

A primeira atividade proposta foi o mapa mental. Este método se baseia nos estudos desenvolvidos por Kevin Lynch, na década de 1960, para conhecer as qualidades visuais e físicas, a Legibilidade e a Imaginabilidade, que o participante identifica na paisagem dos bairros. O participante deve desenhar um “mapa”, mostrando os elementos existentes no percurso que fazia para ir de sua casa até a fábrica onde trabalhava. As qualidades visuais e físicas podem ser identificadas na imagem gráfica produzida, baseado nas imagens mentais que ele resgata de sua memória.

A segunda atividade proposta foi a entrevista semiestruturada. A escolha por esta estrutura ocorreu na fase de preparação, durante a exploração do campo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008). Na ocasião, foi explicada a finalidade da pesquisa ao primeiro participante, o qual manifestou não saber exatamente sobre o que falar, indicando a necessidade de algum direcionamento. A entrevista foi estruturada com o objetivo de ativar lembranças de um passado mais longínquo, trazendo gradativamente o entrevistado ao momento presente, questionando-o sobre seu conhecimento em relação à atual situação do local e suas expectativas em conhecê-lo.

A terceira atividade proposta foi o *walkthrough*, que equivale a um passeio-entrevista ou percurso dialogado (RHEINGANTZ, 2009). Esta atividade consiste em um passeio, junto com o participante, pelo prédio que abrigou o seu antigo lugar de trabalho e também pelas ruas do entorno, buscando percorrer os lugares desenhados no mapa mental. Durante o passeio, são realizadas perguntas diversificadas, com a finalidade de complementar as informações fornecidas na entrevista. A atividade pretende conhecer a percepção do participante, experimentada no tempo presente. A ordem dessa atividade foi proposta posteriormente à entrevista para poder identificar com mais facilidade as mudanças ocorridas no ambiente, a partir da contradição entre aquilo que o sujeito informou na entrevista baseado exclusivamente na sua memória com aquilo que está sendo percebido diante dos seus sentidos *in loco*. As observações feitas pelo entrevistado são gravadas e outras anotações são registradas junto às plantas do prédio, que compõem o material anexo.

A quarta atividade foi o poema dos desejos (*Wish Poem*). Este instrumento foi originalmente proposto por Henry Sanoff, com o propósito de obter manifestações livres e espontâneas sobre as demandas e expectativas dos sujeitos em relação a determinado lugar (RHEINGANTZ, 2009). Para esta pesquisa, foi feita uma

adaptação, sendo elaborado um pequeno questionário com perguntas simples, que deve ser preenchido pelo sujeito após fazer uma reflexão sobre as contradições entre as lembranças do passado e a tomada de consciência do presente. As perguntas remetem aos sentimentos, do que gostou, do que não gostou, do que gostaria que tivesse sido preservado e dos desejos sobre como gostaria que fosse. O objetivo é conhecer os sentimentos em relação às mudanças percebidas e verificar se há interesse ou preocupação com o local no futuro. Nesta atividade reflexiva, o participante transita pelos três tempos, presente, passado e futuro, recorrendo à memória para elaborar seus pensamentos sobre o momento atual.

Esses instrumentos, combinados e ordenados dessa forma, chegaram a ser aplicados a um participante do grupo de antigos trabalhadores, com a finalidade de servir como um teste-piloto. Os resultados do teste foram apresentados à banca de qualificação, com o propósito de que esse método pudesse vir a ser aplicado nos demais participantes, caso fosse aprovado. Os demais participantes seriam alcançados através da técnica bola de neve (*Snow Ball*), que consiste numa sequência de indicações de pessoas, formando uma rede de contatos. Porém, a qualificação aconteceu dois meses após ser decretado o isolamento social por causa da pandemia provocada pelo Coronavírus (SARS-COV19). A banca de qualificação recomendou a revisão e adaptação do método de investigação, orientando o uso de instrumentos virtuais que possibilitassem a realização de pesquisa de forma exclusivamente remota. Devido às dificuldades de acesso aos voluntários da comunidade de antigos trabalhadores, a pesquisa voltou a ser ampliada para toda população prevista inicialmente e, após a revisão da metodologia, optou-se por construir encaminhamentos diferentes para cada comunidade.

A partir de então, para a população formada pela comunidade acadêmica foram elaborados dois questionários no Google Forms, tendo como público alvo alunos, professores e técnicos administrativos, cujas rotinas acadêmicas se desenvolvem nos *Campi* Anglo e Porto. O primeiro questionário teve o objetivo de obter informações gerais em relação à percepção dessa comunidade sobre os espaços construídos (antigos prédios industriais) e seu entorno (bairro). O segundo questionário teve o objetivo de obter informações de caráter mais pessoal e subjetivo, relacionadas às memórias em relação ao lugar. Considerando que a pesquisa defende a participação da comunidade no processo de planejamento, buscou-se divulgar a pesquisa e fazer um convite à participação, através dos meios de comunicação da internet, em redes

sociais, como Facebook e Youtube, nas páginas da UFPel e do projeto Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel.

Para a população de exploradores urbanos, optou-se por manter o mapa mental e por adaptar a entrevista incorporando questões relativas ao poema dos desejos, além de incluir a etapa de foto-elicitação. Mendonça e Viana (2007) utilizaram a entrevista com foto-elicitação (EFE) como método qualitativo para desenvolver pesquisa sobre ambiente físico em hospitais. A incorporação de fotografias à entrevista

propicia, de maneira agradável, à auto-expressão (*sic*) e possibilita que o informante seja capaz de explicar e identificar o conteúdo daquela fotografia, demonstrando ao entrevistador o seu conhecimento sobre o objeto pesquisado (COLLIER, 1973 *apud* MENDONÇA; VIANA, 2007).

Para esta pesquisa, entrevista e foto-elicitação constituem instrumentos de coleta de dados independentes, não havendo a necessidade de estarem atrelados um ao outro. Os autores mencionam que existem quatro tipos de relação entre pesquisador e pesquisado ao utilizar fotografias, dentre as quais esta pesquisa utiliza o “Tipo III – o pesquisador, como espectador, pode pedir ao sujeito (como demonstrador) que lhe mostre fotografias sobre determinado tópico ou período” (FLICK, 2004 *apud* MENDONÇA; VIANA, 2007). Será solicitado aos participantes que enviem fotografias de sua autoria à pesquisadora, para posteriormente falar sobre essas imagens.

Para a população de antigos trabalhadores, optou-se por manter o mapa mental e por adaptar a entrevista incorporando questões relativas ao poema dos desejos. Optou-se também por adaptar a etapa de foto-elicitação, incorporando objetos caso não houvessem fotos, criando-se assim a chamada etapa “foto/objeto-elicitação”. Essa etapa pode ser realizada na sequência da entrevista ou em outro momento. Na entrevista, é perguntado se o participante possui alguma foto ou objeto que guarda como recordação do tempo em que trabalhou na fábrica. Na etapa “foto/objeto-elicitação”, é solicitado ao participante que fale a respeito dos significados e das memórias existentes em relação à foto ou ao objeto.

A Tabela 1 mostra, de forma clara, quais os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados com cada um dos grupos de participantes.

Tabela 1: Demonstrativo dos instrumentos de coleta de dados efetivamente utilizados.

Grupo	Instrumentos utilizados
Comunidade acadêmica	Questionário 1 Questionário 2
Exploradores urbanos	Mapa mental Entrevista semi-estruturada Foto-elicitación
Antigos trabalhadores	Mapa mental Entrevista semi-estruturada Foto/Objeto-elicitación

FONTE: Autora, 2021.

3. CAPÍTULO II – AS DIFERENTES NARRATIVAS

Este capítulo apresenta o desenvolvimento da pesquisa, explicando como se desenrolou o trabalho de campo (remoto), mostrando os resultados obtidos e fazendo uma reflexão crítica desses resultados. A ordem de apresentação dos grupos proposta inicialmente, começando por antigos trabalhadores, passando pelos exploradores urbanos e finalizando pela comunidade acadêmica, foi alterada no decorrer do trabalho para melhor corresponder ao método regressivo-progressivo proposto por Lefebvre (2013). O desenvolvimento da pesquisa partiu da observação da realidade atual, ou seja, da conjuntura universitária, indo em direção ao passado, invertendo assim a ordem de apresentação dos grupos.

Sobre a identificação dos participantes, considerou-se o fato de que os questionários aplicados à comunidade acadêmica não solicitaram os nomes das pessoas, e por isso optou-se por descrevê-los da seguinte forma: (I) no questionário 1, pela sua ordem de preenchimento, seguido da sua categoria, e da data do preenchimento (participante nº, CAT, data); (II) no questionário 2, somente pela ordem de preenchimento (participante nº). O critério adotado para a identificação dos exploradores urbanos partiu de solicitação feita por dois participantes, para que suas identidades fossem preservadas, por isso eles foram descritos pelas iniciais de seus nomes, seguido de suas idades e data da entrevista. Os antigos trabalhadores não manifestaram objeção em se identificar e, por isso, foram descritos pelos nomes e sobrenomes, seguido pela idade e data da entrevista. Os depoimentos fornecidos pelos participantes foram mantidos exatamente da forma como eles escreveram e falaram, para não descaracterizar a sua linguagem individual. Todos os participantes autorizaram a publicação de suas informações para fins acadêmicos.

3.1 As narrativas da comunidade acadêmica

O acesso aos participantes deste grupo se deu primeiramente a partir de contatos de Whatsapp da pesquisadora, tanto individuais quanto de grupos, relacionados à comunidade acadêmica da UFPel. Para esses contatos foi

encaminhado um texto com a apresentação da pesquisa e o link de acesso ao primeiro questionário, elaborado no Google Forms, e foi solicitado o compartilhamento desse conteúdo com demais contatos pertencentes a essa mesma comunidade. A partir de então, elaborou-se um vídeo de apresentação da pesquisa e convite à participação da comunidade acadêmica, que foi divulgado por canais de comunicação da internet, redes sociais, como Youtube e Facebook, e nas páginas da UFPel³¹ e do projeto Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel³². O questionário, cujo link constava junto ao conteúdo divulgado, se constitui de quinze perguntas e foi elaborado com questões descritivas, para respostas curtas e respostas longas, e com questões de marcar, para respostas de única escolha e de múltiplas escolhas. Por isso, as respostas possuem diferentes configurações. O questionário encontra-se no apêndice, ao final do trabalho.

Embora a pesquisa tenha sido divulgada na internet, tendo alcance a toda comunidade acadêmica, o público alvo que interessa à pesquisa é formado por uma parcela de toda essa comunidade, referente aos discentes, docentes e técnicos administrativos, especificamente aqueles cuja rotina acadêmica (desconsiderando o cenário de pandemia) se desenvolve nos *Campi* Anglo e Porto. O primeiro questionário permite que as pessoas interessadas em continuar contribuindo com a pesquisa possam seguir numa próxima etapa, deixando seu contato para o envio do segundo questionário. A pesquisa contou com a participação de 62 pessoas. O quantitativo de cada categoria, do universo de participantes, está representado no gráfico que pode ser visualizado na Figura 26.

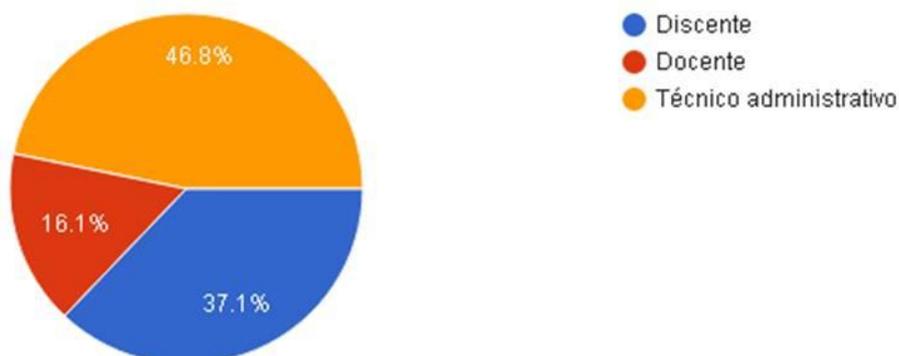
³¹ Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/10/29/pesquisa-analisa-reutilizacao-pela-ufpel-de-patrimonio-industrial-que-recebe-campi/>. Acesso em: 12/08/2021.

³² Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioidustrial/2020/11/04/o-lugar-que-recebeu-a-ufpel-memorias-ressignificacoes-e-percepcoes-do-patrimonio-industrial-compartilhado-entre-a-cidade-e-a-universidade/>. Acesso em: 12/08/2021.

Figura 26: Gráfico do percentual de participação de cada categoria da comunidade acadêmica.

1 - Você faz parte da comunidade acadêmica em qual categoria?

62 respostas

**FONTE:** Autora, 2020.

Os participantes que representam a comunidade acadêmica se caracterizam por indivíduos de diversas gerações, nascidos entre os anos 1950 e o ano 2000. A faixa etária dessa comunidade pode ser visualizada na tabela 2.

Tabela 2: Percentual de participação por faixa etária da comunidade acadêmica.

Faixa etária (idade)	Participantes (unid.)	Percentual (%)
20 a 29	15	24,19
30 a 39	19	30,65
40 a 49	15	24,19
50 a 59	6	9,68
60 a 70	7	11,29

FONTE: Autora, 2021.

Desde a implantação do processo unificado de seleção (Enem-Sisu), a Universidade vem recebendo cada vez mais estudantes de outras localidades, incluindo outros estados e até outros países. Essa crescente mudança de perfil dos estudantes é perceptível no cotidiano da cidade, já que os estudantes costumam frequentar diversos espaços de convivência, públicos e privados. O que não é tão perceptível, e que a pesquisa identificou, é que existe um percentual significativo de servidores provenientes de outras localidades, dentro do universo de participantes, indicando que a comunidade acadêmica possui um perfil formado por nativos e visitantes (TUAN, 1974). Do total de participantes, 31 pessoas (50%) são naturais de Pelotas e 31 (50%) são de outras localidades, conforme Tabela 3.

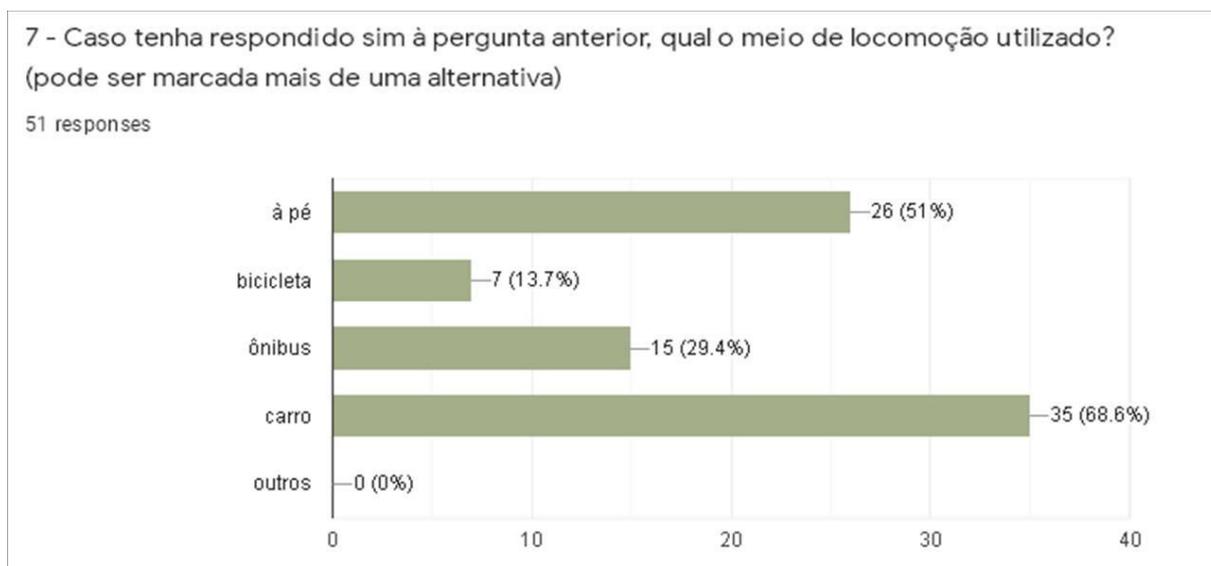
Tabela 3: Quantitativos de nativos e visitantes por categoria da comunidade acadêmica.

	NATIVOS		VISITANTES	
	Unid.	Percent.	Unid.	Percent.
Discente	9	14,52%	14	22,58%
Docente	7	11,29%	3	4,84%
Técnico Administrativo	15	24,19%	14	22,58%
Total participantes	31	50%	31	50%

FONTE: Autora, 2021.

De acordo com Tuan (1974), nativos e visitantes focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente e, por isso, é importante saber a origem dos indivíduos que compõem essa comunidade, principalmente quando se trata da percepção do ambiente e do desenvolvimento de planejamento espacial visando a atender a essa comunidade.

Do total de participantes, 46 (75%) responderam que “sim” quando questionados se costumam circular pelos espaços em torno dos *Campi* Anglo e Porto (pergunta 6). Porém, 51 (82,26%) responderam sobre quais os meios de locomoção que utilizam para circular em torno dos *Campi*, nas respectivas proporções conforme o gráfico apresentado na Figura 27.

Figura 27: Gráfico do percentual de meio de locomoção utilizado para a circulação em torno dos *Campi*

FONTE: Autora, 2020.

A pergunta 8 “Qual(is) a(s) principal(is) característica(s) que você atribui ao espaço entorno dos *Campi* Anglo e Porto (bairro)?” gerou respostas curtas e longas, além de muito diversificadas e interessantes. Para demonstrar esse conteúdo, optou-

se por construir uma “nuvem de percepções” formada por essas respostas, baseada no princípio da Nuvem de palavras, metodologia utilizada para identificar as palavras mais mencionadas por determinado grupo, ou por determinado discurso, dissertação ou narrativas. Neste caso, a nuvem de percepções foi elaborada de maneira a agrupar todas as palavras-chaves, expressões e até frases, mencionadas pelos participantes, sobre as principais características atribuídas ao lugar que recebeu a UFPel. A “nuvem de percepções” foi elaborada no programa *Corel Draw*, um programa de desenho, não sendo, portanto, construída a partir de metadados. Ela pode ser visualizada na Figura 28, e em tamanho maior no apêndice, ao final do trabalho.

Figura 28: Desenho da “Nuvem de Percepções” da comunidade acadêmica sobre o lugar no qual a UFPel se instalou.



FONTE: Autora, 2020.

As percepções foram agrupadas da seguinte forma: nas extremidades da esquerda e da direita, encontram-se os elementos preexistentes que constituem e caracterizam o lugar; à esquerda estão posicionados os elementos que qualificam o lugar, enquanto que à direita estão posicionados os elementos que desqualificam o lugar; no centro estão posicionados os elementos e as ações que buscam a requalificação do lugar, seja através da presença da Universidade, de movimentos artísticos, entre outras percepções. Observa-se que existe um equilíbrio entre os aspectos que qualificam e que desqualificam o lugar. Foram destacadas as palavras-chaves mais citadas pelos participantes e que podem ser consideradas as palavras que atribuem identidade ao lugar, as quais são: Tranquilo, Agradável, Residencial,

Antigo, Histórico, Industrial, Porto, Universidade, Abandono, Lixo, Sujo, Desleixado, Descuidado, Insegurança, Perigoso. A paisagem natural não foi reconhecida como um dos atributos dessa identidade.

Algumas respostas sobre as principais características atribuídas aos bairros em torno dos *Campi* foram reproduzidas na íntegra, devido à qualidade da informação e impossibilidade de se fazer representar apenas através da nuvem de palavras:

Acho interessante a reutilização desses espaços pela Universidade, pois oferecem uma nova perspectiva a um conjunto de prédios que em outros tempos congregaram atividades vinculadas ao cotidiano fabril da cidade. Neste sentido, apesar desse potencial, o principal sentido que atribuo a estes espaços seria como de um projeto inacabado, algo que se perdeu no caminho...Vejo uma Universidade dispersa em diversos espaços e com culturas acadêmicas e administrativas muito distintas. Acredito que a articulação entre os espaços adquiridos pela Universidade e a construção de uma universidade integrada ainda permanece em latência, pois há pouca integração entre os alunos e servidores dos respectivos *campi*. Acredito que esse fato se deve à falta de espaços de convivência, como livrarias, restaurantes e cafés que permitam incitar esse espaço de trocas. Também penso que a realização de atividades culturais deveria ocorrer com mais frequência. Entretanto, frente ao novo contexto de cortes orçamentários por parte do governo federal e das políticas de austeridade, acredito que essa perspectiva de promoção e incentivo à universidade pública de qualidade, que valorize a cultura e a promoção do patrimônio, seja ainda mais dificultada. (participante 21, TA, 27/10/2020)

O Anglo é dotado de todos investimentos e obras/manutenção que temos conhecimento, enquanto o bairro não recebe essa mesma atenção. Há regiões sem saneamento básico, por exemplo. Considero que o Anglo tornou-se uma entidade descolada da realidade local do bairro. Mesmo que de responsabilidades distintas (governo federal e prefeitura) não parece haver um estímulo ou desejo de integração. A construção de um muro entre *campus* e bairro demonstra isso. (participante 58, DI, 06/11/2020)

Considerando que o universo de participantes se constitui exatamente metade de nativos e metade de visitantes, decidiu-se elaborar duas novas nuvens de percepções (Figuras 29 e 30), uma para cada grupo. Isso porque, de acordo com Tuan (1974), o visitante é capaz de perceber méritos e defeitos de determinado lugar que já não são mais visíveis para o residente, devido à sua total imersão neste meio ambiente. Por outro lado, o ponto de vista do visitante é essencialmente estético, precisando de um esforço para provocar empatia em relação à vida e aos valores dos nativos (TUAN, 1974). Apesar do resultado não demonstrar diferenças muito significativas entre as duas nuvens de percepções, ainda assim existem aspectos que as distinguem.

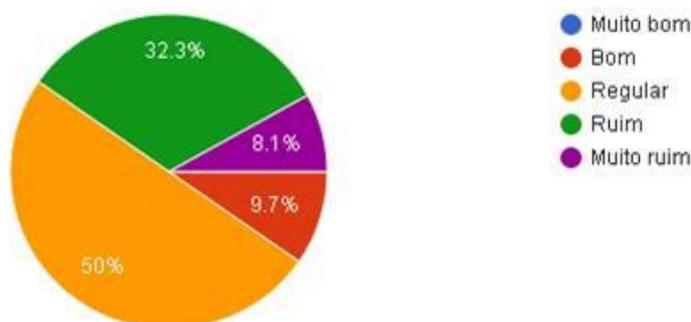
Analisando a nuvem de percepções dos visitantes, percebe-se que eles estão mais atentos às características preexistentes do lugar e principalmente ao seu caráter industrial, confirmando o que diz Tuan (1974) sobre o visitante ter um ponto de vista mais estético. Eles também estão mais atentos aos temas da segurança e do perigo, considerando que muitos podem estar longe de seus familiares e, com isso, se sentirem mais vulneráveis e inseguros. Portanto, tendem a redobrar sua atenção e percepção neste sentido.

De maneira geral, a opinião dos participantes sobre a qualidade dos bairros que abrigam os *Campi* Anglo e Porto não é boa, conforme se observa no gráfico da Figura 31.

Figura 31: Gráfico do Percentual de avaliação sobre a qualidade do espaço em torno dos *Campi*.

9 - Na sua opinião, como você avalia a qualidade do espaço no entorno dos Campi Anglo e Porto (bairro)?

62 responses



FONTE: Autora, 2020.

As respostas dadas pelos participantes sobre os principais aspectos a serem melhorados no bairro foram agrupadas por categorias e ordenadas por número de citações, conforme apresentadas na tabela 4.

Tabela 4: Categorias de análise/ Aspectos a ser melhorados no bairro.

Categoria de análise/ Aspectos a ser melhorados no bairro		Número de citações	Total de citações por categoria
Segurança		24	24
Planejamento Urbano	Revitalização/Requalificação urbana	7	20
	Infraestrutura	4	
	Planejamento urbano/espacial	3	
	Preservação/Valorização dos recursos naturais	2	

	Participação popular	1	
	Equipamentos urbanos	1	
	Modernização da área	1	
	Desenvolvimento do potencial portuário	1	
Mobilidade Urbana/ Infraestrutura Viária	Calçadas/Calçamento	6	17
	Ruas/Asfalto/Pavimentação	5	
	Infraestrutura viária	3	
	Ciclovias	1	
	Via de pedestre de ligação entre Campus Porto e o Canal São Gonçalo	1	
	Transporte	1	
Espaços comuns	Espaços comunitários	5	16
	Espaços de convivência	4	
	Espaços abertos	3	
	Espaços de convivência (praça/parques)	2	
	Áreas de lazer	1	
	Praça infantil	1	
Áreas verdes	Áreas verdes	5	14
	Arborização	5	
	Área verde em frente ao Anglo	2	
	Praças	1	
	Paisagismo	1	
Saneamento	Lixo/Mal cheiro/Limpeza/Restos de obra	9	14
	Educação sobre o destino do lixo	2	
	Drenagem pluvial urbana	2	
	Tratamento de esgoto	1	
Iluminação pública		10	10
Patrimônio Material/ Conservação	Conservação dos espaços	1	8
	Destaque do patrimônio cultural do local (marca estética)	1	
	Reutilização adequada das antigas indústrias	1	
	Explorar casarios	1	
	Desbravar a parte histórica do local	1	
	Conservação do patrimônio arquitetônico e urbano	1	
	Pinturas	1	
	Conservação dos prédios, ruas e calçadas	1	
Comércio e Serviços	Bares, cafés, restaurantes	1	5
	Livrarias, cafés, restaurantes, xerox, farmácia	1	
	Caixas eletrônicos, correio, comércio, supermercados	1	
	Comércios e serviços	1	
	Comércio para emergências	1	
Acessibilidade	Acessibilidade	2	4
	Acessos	2	
Universidade	Integração entre os bairros e universidade	2	4
	Conservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico dos Campi	1	
	Estrutura do Campus	1	
Diversos	Atrativos para a comunidade	1	3
	Eventos culturais	1	
	Mais vida para o local	1	

Algumas respostas sobre o que pode ou deve ser melhorado no bairro em torno dos *Campi* foram reproduzidas na íntegra:

Espaços precisam ser recuperados e também criados. Com planejamento, deveria haver a valorização dos recursos naturais e a proposição, via participação popular, do melhor aproveitamento das áreas de uso comum. Mas muito importante, também, é projetar uma marca estética para esses lugares, que identifique sempre o patrimônio cultural, o diferencial, aliado às melhorias. Exemplo: o terreno em frente ao Anglo pode ser renovado e atender às necessidades atuais da comunidade acadêmica e externa, mas ali está um passado que se relaciona à história industrial de Pelotas, que de alguma forma poderia ser resgatado e preservado... (participante 4, TA, 27/10/2020)

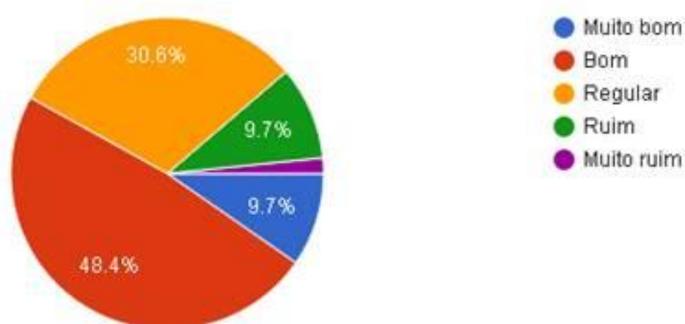
Maior proximidade com a vizinhança através de projetos sociais, para que juntos possamos valorizar as pessoas e as ações feitas por ambos. (participante 61, DO, 09/11/2020)

Por outro lado, de maneira geral, a opinião dos participantes sobre a qualidade dos espaços construídos é boa, conforme se observa no gráfico da Figura 32. Isso significa que a adaptação das antigas estruturas fabris para os novos usos atende de maneira relativamente satisfatória às demandas acadêmicas.

Figura 32: Gráfico do percentual de avaliação sobre a qualidade do espaço construído.

11 - Na sua opinião, como você avalia a qualidade do espaço construído (prédio) da unidade acadêmica/administrativa à qual está vinculado?

62 respostas



FONTE: Autora, 2020.

Mesmo que, de maneira geral, a opinião dos participantes em relação à qualidade dos prédios seja boa, não significa que não haja aspectos a serem melhorados. As respostas dadas pelos participantes sobre os principais aspectos a

serem melhorados nos prédios foram agrupadas por categorias e ordenadas pelo número de citações, conforme apresentadas na tabela 5.

Tabela 5: Categoria de análise/ Aspectos a ser melhorados nos prédios.

Categoria de análise/ Aspectos a serem melhorados nos prédios		Número de citações	Total de citações por categoria
Ampliação/ Qualificação do espaço construído	Mais espaço para salas de aula/estudo	6	20
	Espaços de convivência (qualidade)	4	
	Ampliação	3	
	Mais espaços de convivência (quantidade)	2	
	Saídas de emergência	1	
	Laboratórios de informática	1	
	Auditório com mais capacidade	1	
	Espaços para eventos	1	
	Corredores	1	
Iluminação e ventilação	Iluminação	4	13
	Iluminação natural	3	
	Ventilação	3	
	Ventilação dos banheiros (evitar mal cheiro no corredor)	1	
	Posição adequada das janelas	1	
	Salas de aula sem aberturas	1	
Reformas/ Manutenção/ Preservação/ Conservação	Conclusão das reformas	2	12
	Reformas/Reparos	2	
	Pinturas	2	
	Manutenção/ Política de manutenção para conservação dos prédios	3	
	Manutenção de janelas (mecanismos de abertura e fechamento)	1	
	Manutenção de equipamentos e mobiliários	1	
	Preservação	1	
Coberturas/ Infiltrações	Goteiras/Infiltrações	6	11
	Telhados	2	
	Limpeza de calhas	1	
	Cobertura/Clarabóia	2	
Planejamento/ Projetos	Melhor planejado	5	10
	Funcionalidade	3	
	Finalidade	1	
	Revisão de Projeto	1	
Espaços abertos	Áreas verdes/jardins	3	10
	Pátio	1	
	Entorno dos prédios	1	
	Calçamento	1	
	Espaços comuns/ Espaços de lazer	2	
	Estacionamento/Mais vagas para carro	2	
Conforto térmico e acústico	Isolamento acústico	4	8
	Climatização	2	
	Conforto/Isolamento térmico	2	
Acessibilidade	Acessibilidade	7	7

Instalações Elétricas/ Lógica/ Hidrossanitárias	Energia elétrica	1	6
	Rede elétrica	1	
	Internet	1	
	Qualidade da água	1	
	Abastecimento de água (banheiros sem água)	1	
	Esgotamento sanitário	1	
Estética/ Educação/ Arte	Estética	2	5
	Educação patrimonial	1	
	Menos depredação (mais consciência)	1	
	Pintura/revitalização dos prédios através de projeto arte/pintura	1	
Equipamentos/ Mobiliário	Ar condicionado	3	5
	Cortinas	1	
	Mobiliário	1	
Comunicação Visual	Sinalização	2	2

FONTE: Autora, 2020.

Algumas respostas sobre o que pode ou deve ser melhorado no espaço construído (prédios), foram reproduzidas na íntegra:

Melhorar a distribuição de espaços, pois no Anglo quem chegou primeiro garantiu espaço. A distribuição do espaço não é discutida é determinada pela Proplan que acha que sabe o que é o melhor para todos. Também observar o uso das salas de aula, pois professores solicitam reserva para todo semestre e às vezes não usam. Eu sei pois diariamente passo pelos corredores com as salas ociosas. (participante 26, DO, 27/10/2020)

Percebi que os estudantes da UFPEL desconhecem que aqueles lugares são patrimônio ou têm a potencialidade de serem patrimonializados. Acho que dentro da UFPEL devem começar projetos mais ativos sobre a história e memórias daqueles espaços. (participante 46, DI, 28/10/2020)

De acordo com os participantes, existem diversos aspectos que devem ser melhorados na infraestrutura dos prédios. A pergunta 13 (Figura 33) objetivou saber se a comunidade acadêmica tem conhecimento sobre o funcionamento pretérito dos prédios, a fim de observar uma possível consciência das relações entre causas e consequências dos problemas mencionados. Alguns participantes demonstraram estar conscientes dessa relação e consideraram que alguns aspectos dos problemas apresentados têm justamente a ver com a adaptação do uso fabril a um uso acadêmico, como podemos observar nas narrativas:

Difícil conciliar duas finalidades tão diferentes: a do passado e a do presente. A solução requer sempre adaptação... não sei se é assim que deve ser. Será que precisamos "forçar" isso? Por quê (*sic*) o prédio do Anglo não pode servir a outras finalidades? Especialmente pra aulas, se a construção não é apropriada. Se houve erro anterior de planejamento, penso que não cabe persistir. Para serviços administrativos também não serve, é extremamente

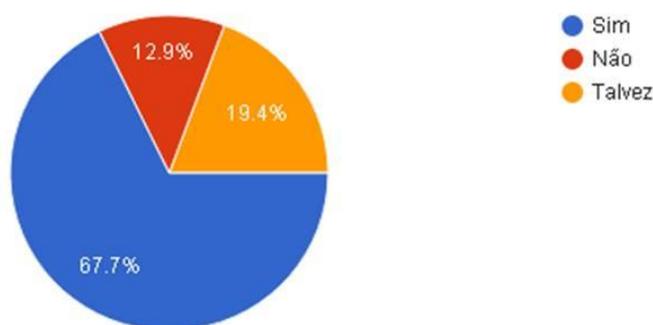
desagregador em relação às relações interpessoais. A Ufpel poderia rever tudo isso e projetar diferente. Alunos e servidores não merecem estar fechados em paredes. A vida verdadeira requer luz, ar, paisagens, relações... (participante 4, TA, 27/10/2020)

Sinceramente preferiria prédios que fossem feitos do zero, o que daria maior liberdade para os projetistas fazerem um trabalho sem limitações e com menos imprevistos. Porém imagino que sejam prédios históricos nos quais a demolição não seja viável. Neste caso é uma pena pela série de inconvenientes que a estrutura original dos mesmos nos proporciona. (participante 48, DI, 29/10/2020)

Figura 33: Gráfico do percentual de conhecimento sobre a atividade anterior nos prédios.

13 - Você sabe qual(is) atividade(s) era(m) desenvolvida(s) nos prédios da UFPel, localizados nos Campi Porto e Anglo, antes da atual atividade acadêmica?

62 respostas



FONTE: Autora, 2020.

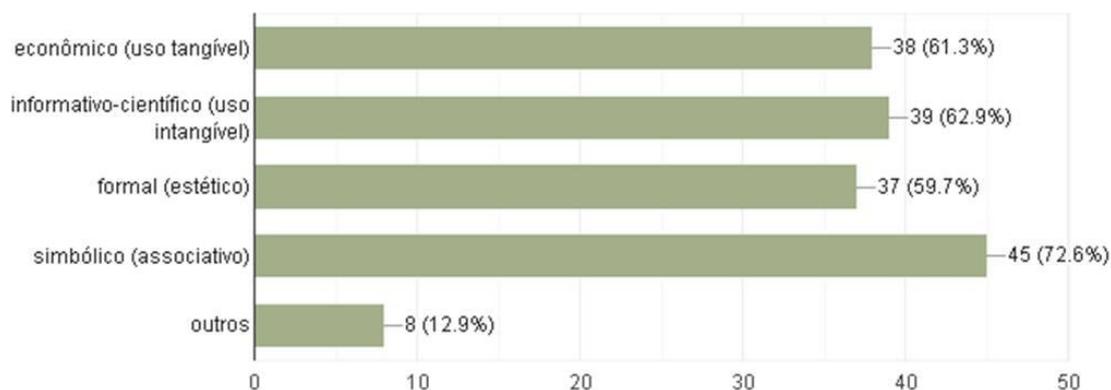
A pesquisa mostra que a maioria dos participantes tem conhecimento sobre as atividades industriais desenvolvidas nos prédios da UFPel antes da atual atividade acadêmica, pois aqueles que responderam “talvez”, quando solicitados a descrever o que sabiam ou o que ouviram falar, responderam corretamente à pergunta 14, sobre as atividades desenvolvidas em cada um dos prédios, totalizando 87,1%.

Os valores atribuídos pela comunidade acadêmica aos prédios da UFPel podem ser visualizados no gráfico da Figura 34. As opções de valores oferecidas à comunidade foram baseadas nas categorias/grupos propostos por Hernandez e Tresserras (2007).

Figura 34: Gráfico do percentual de atribuição de valor aos prédios da UFPel pela comunidade acadêmica.

15 - Você reconhece algum valor nos prédios da UFPel, localizados nos Campi Porto e Anglo? (pode ser marcada mais de uma alternativa)

62 respostas



FONTE: Autora, 2020.

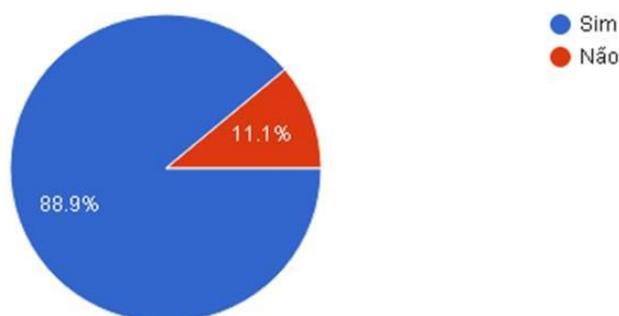
Os resultados apresentados até agora são provenientes do primeiro questionário encaminhado à comunidade acadêmica, o qual teve o objetivo de obter informações gerais sobre a percepção dessa comunidade sobre os espaços construídos da universidade – os antigos prédios industriais – e seu entorno – os bairros.

A seguir, serão apresentados os resultados provenientes do segundo questionário, o qual teve o objetivo de obter informações de caráter mais pessoal e subjetivo, relacionadas às memórias em relação ao lugar. Dos 62 participantes do primeiro questionário, 46 manifestaram interesse em continuar contribuindo para a pesquisa. Para esses, foi encaminhado por e-mail o segundo questionário. Dos 46, apenas 9 responderam. Nesta etapa, não foram identificadas a naturalidade nem a categoria dos participantes. Do universo de participantes, a maioria iniciou sua relação com o lugar por causa da Universidade, como pode ser observado no gráfico da Figura 35.

Figura 35: Gráfico do percentual que demonstra o início da relação entre comunidade e os bairros.

1 - Sua relação com os bairros, onde estão localizados os Campi Anglo e Porto, se inicia por causa de seu vínculo com a Universidade?

9 responses



FONTE: Autora, 2021.

Dos 9 participantes, 7 iniciaram sua relação com os bairros por causa da Universidade. Dos outros 2, apenas 1 respondeu, informando que sua relação iniciou porque sua mãe “trabalhava na Receita Federal, antiga Alfândega” (participante 1).

A pergunta 3, “Atualmente você utiliza ou usufrui de outros espaços nos bairros, além do espaço dedicado às atividades acadêmicas?”, obteve 6 respostas, das quais 4 responderam que não, enquanto que as outras 2 afirmaram que sim:

Sim, temos ido na praça na frente da Cotada. Não ficamos muito, pois temos medo, não tem outro lugar para ir... caminhamos pelas ruas então.
(participante 3)

Sim, alguns espaços comerciais como padaria, sapateiro, lavanderia. Principalmente porque estão no caminho até o meu local de trabalho.
(participante 6)

Quando questionados sobre as lembranças mais significativas que os participantes têm, associadas a esses bairros, a maioria das respostas está relacionada às atividades acadêmicas, enquanto que a minoria é relacionada com o uso residencial e comercial. As narrativas revelam principalmente os elementos que compõem a paisagem, natural e cultural, e os aspectos das ações práticas da vida acadêmica. Observa-se também alguma referência afetiva:

Os prédios antigos e o porto. De minhas aulas tenho nítida a memória dos espaços abertos e das águas, mas isso porque eu levava os alunos lá.
(participante 1)

A época que cursava Arquitetura, que frequentava o porto quase diariamente. (participante 2)

Boas lembranças, lugar aconchegante, boa vizinhança, comércio que nos atende. (participante 3)

Minhas lembranças são todas relacionadas à Universidade. Não apenas aos prédios onde acontecem as aulas, mas também à biblioteca e ao comércio ambulante que circunda a região. (participante 4)

Lembro do tempo que estava na faculdade de arquitetura. Em função da faculdade estar localizada nessa área, lembro de circular bastante por lá. Lembro também de fazer vários trabalhos nessa área. Posteriormente tenho lembranças quando já professora da UFPel. Tenho lembranças também de circular pelo espaço e de realizar trabalhos no bairro com os alunos. (participante 5)

A conformação urbana, tipologia das casas, a vegetação e os alagamentos. (participante 6)

Como exposto acima, não tenho maiores lembranças dos bairros. Estive mais envolvido por causa de minha pesquisa. (participante 7)

Residi por alguns anos próximo ao *Campus* Anglo, onde meu filho nasceu. (participante 8)

Quando questionados sobre quais as imagens dos bairros lhes vêm à mente se fecharem os olhos, os participantes responderam com imagens diversificadas, mas que no conjunto remetem a algumas das palavras-chaves obtidas na “nuvem de percepções”, como, por exemplo: Residencial, Antigo, Industrial, Porto, Universidade, Abandono, Desleixado, Descuidado. Porém, diferentemente do que aconteceu na “nuvem de percepções”, a paisagem natural aqui foi uma das imagens mais mencionadas, referindo-se ao Canal São Gonçalo e a elementos que fazem parte dessa paisagem natural, como os barcos de pesca. A imagem de pessoas também foi mencionada, diferentemente do que ocorreu na “nuvem de percepções”:

Galpões do Porto e Canal de São Gonçalo. O Canal é complicado, pois quase não tem de onde olhar e é o mais importante (na minha opinião). (participante 1)

Esquina Benjamin Constant com Cel. Alberto Rosa (ICH e FAUrb) (participante 2)

Na região onde moro, a imagem que vejo é cidade antiga mas bem conservada. Já em outros locais ou bairros, a imagem que tenho em mente é de locais atirados, pessoas que não cuidam de suas casas e nem do bairro onde moram. (participante 3)

As imagens são um misto dos prédios da Universidade e das pessoas reunidas ao seu redor. (participante 4)

As casas pequenas de porta a janela. Pessoas com cadeiras de praia tomando mate nas calçadas. E também prédios industriais grandes e abandonados. (participante 5)

As casas antigas. (participante 6)

A margem do São Gonçalo e os barcos de pesca. (participante 7)

Quadrado, porto, Praça da alfândega e seus arredores. (participante 8)

Bonde. (participante 9)

Quando questionados sobre quais os lugares mais significativos dos bairros, os participantes mencionaram principalmente o Canal São Gonçalo e o patrimônio industrial, referindo-se tanto aos prédios isoladamente quanto em conjunto, e tanto àqueles adquiridos pela Universidade quanto aos não adquiridos, como, por exemplo, os galpões do Porto. As praças também são mencionadas de forma significativa. Em minoria, os pequenos comércios locais também foram considerados significativos:

Galpões do porto e os espaços abertos (doquinhas, foz do Santa Bárbara, praças e ruas). Acho que há duas questões associadas e contraditórias: o patrimônio ambiental é o mais rico e é barrado pela urbanização e arquitetura. A urbanização e a arquitetura são importantes, mas não são preservados. É uma dupla questão. (participante 1)

Com meu olhar de hoje, acredito que a Praça "da Alfândega" e o próprio Porto. Vejo um potencial de espaço social/lazer incrível. Espero que o projeto feito para aquele espaço seja concretizado. (participante 2)

Os lugares do comércio: mercadinho, padarias, etc. Não temos praça. (participante 3)

Os lugares mais significativos para mim são os prédios do ICH I e da biblioteca, pois fazem parte da minha memória como estudante de graduação e dos meus primeiros passos como pesquisadora. (participante 4)

Os prédios da Faculdade de arquitetura, da Cotada, do ICH, da Cervejaria Brahma e a Praça da alfândega. (participante 5)

Hoje penso no Anglo, pois reúne o prédio imponente da UFPel hoje, antigo frigorífico, água do canal São Gonçalo e maciços verdes remanescentes. A fábrica da Brahma também, pela imponência, ocupa um quarteirão inteiro e em ruínas hoje. (participante 6)

A mesma descrita anteriormente, a paisagem industrial. (participante 7)

Sinto falta de praças e espaços públicos nos bairros do porto. (participante 8)

Praças. (participante 9)

A pergunta 7 "Quais valores você atribui a esses bairros e ao patrimônio do local?" foi elaborada para saber quais seriam os outros valores atribuídos pelos

participantes, diferentes daqueles sugeridos pela pesquisadora na pergunta 15 do primeiro questionário. Para a referida pergunta, os participantes responderam:

Não sei se entendi a pergunta. Mas vou responder valor histórico, cultural, ambiental e econômico. (participante 1)

Histórico (mais óbvio), social e paisagístico. (participante 2)

Facilidade de acesso, tranquilidade, ruas e calçadas largas. (participante 3)

Penso que esses bairros têm um evidente valor afetivo, mas também um valor histórico, enquanto testemunhos do modo de vida de parte da comunidade que vive em Pelotas. (participante 4)

Valores principalmente sentimentais por me trazer lembranças de outras épocas. (participante 5)

Valor histórico e com grande potencial de utilização. (participante 6)

Lugares para preservação da memória. (participante 7)

Turístico, identidade histórica. (participante 9)

As respostas, em sua maioria, referem-se ao valor histórico, o qual equivale ao grupo de valores informativo-científico e à categoria de valor de uso intangível (HERNÁNDEZ; TRESSERRAS, 2007). O valor histórico de um monumento, ou bem patrimonial, está no seu potencial para representar determinada etapa dentro da trajetória evolutiva de algum processo criativo ou produtivo da humanidade (RIEGEL, 2008). De acordo com as ideias de Riegel (2008), pode-se atribuir valor histórico àquilo que esteve em plena atividade e não está mais, pois foi superado pelo novo, sendo que este não teria surgido sem aquele, ficando clara sua contribuição dentro da cadeia evolutiva. Neste sentido, é plenamente compreensível a atribuição de valor histórico ao bairro e ao patrimônio do local, porque a conjuntura da atividade industrial foi superada pelas novas conjunturas, conforme apresentado no Capítulo I.

Os valores afetivo e sentimental – expressos na fala “por (me) trazer lembranças de outras épocas”, mencionada por diferentes participantes – se relacionam, de acordo com os conceitos propostos por Tuan (1974; 2013), aos elos afetivos e sentimentos que se desenvolvem entre os sujeitos e o lugar, através das suas experiências com ele. Esses valores equivalem ao grupo de valores associativos e à categoria de valor simbólico. Ressalta-se, neste caso, que a evocação dos significados contidos em outras épocas pode conter um caráter subjetivo.

O valor turístico e o potencial de reutilização equivalem ao grupo de valor econômico, esse inclusive mencionado literalmente por um participante, e à categoria

de valor de uso tangível, devido à utilização prática e ao retorno econômico proveniente desse uso. Os valores paisagístico e ambiental, neste caso, podem ser considerados estéticos e formais, devido ao prazer que eles proporcionam aos sentidos.

A última pergunta do questionário “Na sua opinião, o patrimônio local é preservado de maneira satisfatória? Comente.” foi respondida, em sua maioria, como insatisfatória para a preservação do patrimônio local:

Não. Apenas a Universidade preserva alguns prédios, ao que eu saiba. E o patrimônio ambiental é absurdamente abandonado, descartado e desconhecido. (participante 1)

Não, além de muitos prédios sem uso, falta investimento público na questão urbana. (participante 2)

Não, muitos locais precisam ser reformados ainda. (participante 3)

Penso que a aquisição dos prédios pela Universidade já foi um bom começo, mas é preciso olhar para esses bairros de modo mais abrangente e considerar a preservação do patrimônio como parte das políticas públicas que visam uma melhor qualidade de vida para as pessoas que vivem e frequentam esses bairros. (participante 4)

Não. Mas acredito que atualmente o patrimônio está sendo tratado com mais respeito e alguns poucos exemplares conseguem ser preservados com certa dignidade. (participante 5)

Não. É muito difícil a sua preservação como uma totalidade. O que se vê são casos pontuais e não permanentes. A situação nunca se consolida de fato e de direito. (participante 6)

Infelizmente, não. Creio que os moradores nunca se identificaram mais profundamente com o local. (participante 7)

Não, por ser bem dispendiosa a preservação de prédios históricos creio que grande parte do patrimônio local está se deteriorando. Caso a UFPEl não assumisse e utilizasse alguns prédios históricos, os mesmos estariam na mesma situação. (participante 8)

Não. Não lembro de nenhuma administração municipal que priorizou satisfatoriamente aqueles espaços. (participante 9)

As narrativas demonstram que, de maneira geral, a opinião dos participantes é de que o patrimônio local não é preservado de maneira satisfatória. Apesar de verem como positiva a iniciativa da Universidade neste processo de preservação através da reutilização de exemplares pontuais do patrimônio industrial, eles entendem que deveria haver uma ação conjunta do poder municipal em relação à preservação da infraestrutura urbana e do meio ambiente.

A conjuntura atual, identificada pela pesquisa como período universitário, se caracteriza pela expectativa de revitalização da área, intensificada em virtude da inserção da Universidade Federal de Pelotas. Por isso, de acordo com Lefebvre (2013), esse período materializa a *representação do espaço*, através do planejamento institucional, que busca adaptar os espaços das antigas fábricas às novas demandas de uso e expansão física da Universidade. Essas adaptações são *concebidas* por técnicos e projetistas da Instituição, a partir de teorias e abstrações do conhecimento. A *prática social* se materializa através das atividades acadêmicas desenvolvidas nestes espaços e também pelas relações sociais desenvolvidas entre todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, as quais são *percebidas* pelos sujeitos, conforme declarado nos seus relatos. Aspectos atribuídos aos *espaços de representação*, pouco ou quase nada foram observados nos relatos, indicando que esses espaços são muito pouco *vividos* pela comunidade acadêmica. Isso pode estar relacionado à percepção de insegurança e de perigo, impedindo que os lugares sejam *vividos* de forma mais espontânea e desimpedida.

O “espírito” do período universitário, fazendo uma analogia ao “espírito da época”³³, representa a consciência existente sobre o processo de reutilização do patrimônio do local e sobre a existência de valores de rememoração (*erinnerungswerte*) e de contemporaneidade (*gegenwartswerte*) (CHOAY, 2006, p. 168) envolvidos neste processo. A “nuvem de percepções” confirma o reconhecimento de elementos da paisagem relacionados aos valores de rememoração: Antigo, Histórico, Industrial. Por outro lado, ela também confirma o reconhecimento de aspectos que caracterizam os problemas da contemporaneidade, relacionados à prática social: Perigo, Insegurança, Universidade. A “nuvem” também confirma que os três períodos propostos pela pesquisa, Industrial, Abandono e Universitário, são pertinentes, pois os elementos que representam cada um desses períodos se destacam na paisagem e são facilmente percebidos pela população.

³³ O “espírito da época” (*zeitgeist*) significa os sentimentos e ideais compartilhados coletivamente entre os sujeitos históricos de um determinado período da história (BURCKHARDT, 1991).

3.2 As narrativas dos exploradores urbanos

O acesso aos participantes deste grupo teve início a partir de uma lista de contatos de dezesseis pessoas, fornecida por um amigo. Inicialmente, foi encaminhado e-mail para essas pessoas, das quais apenas três retornaram. Buscou-se contato através do Facebook com seis delas, das quais apenas duas retornaram, totalizando os cinco participantes que representam este grupo. A estrutura metodológica proposta, formada pela elaboração do mapa mental, entrevista e foto-elicitación, não se realizou completamente com os cinco participantes, devido a motivos pessoais apresentados pelos mesmos. Os resultados obtidos foram: entrevista realizada com quatro (4) participantes; perguntas da entrevista respondidas por e-mail com um (1) participante; mapa mental realizado com quatro (4) participantes; e foto-elicitación realizada com apenas um (1) participante. As entrevistas foram realizadas pelo Google Meet ou por vídeo chamada do Whatsapp, com o auxílio de um gravador. A entrevista se constitui de quatorze perguntas e encontra-se no apêndice, no final do trabalho. Durante a elaboração do mapa mental com o primeiro participante, observou-se a quantidade de informações fornecidas durante a elaboração do desenho e, por isso, optou-se por gravar a narrativa dos participantes seguintes sobre os seus mapas, o que só foi possível de ser realizado com um participante.

O perfil dos participantes que caracteriza o grupo dos exploradores urbanos é de uma geração de nascidos entre fins da década de 1970 e início da década de 1980, graduados (ou com graduação incompleta) pela Universidade Federal de Pelotas, que na sua maioria foram moradores da “Zona do Porto” ou simplesmente “zona”, como o local é chamado por eles. As narrativas produzidas pelos participantes contam interessantes aspectos da sua relação com o lugar, muitas vezes interpretada como uma forma subversiva de ser e estar no meio urbano. Elas demonstram um intenso elo afetivo desenvolvido por eles através da prática de exploração urbana ou através das relações cotidianas como moradores do bairro ou da cidade, em busca de lugares de lazer. As narrativas também demonstram conhecimento e apropriação desses espaços, além de conhecimento sobre o processo de transformação da paisagem. Também, é possível identificar valores, significados e ressignificações que foram atribuídos por esses sujeitos aos lugares.

Os trechos a seguir demonstram a maneira como se inicia a relação desses sujeitos com o lugar, sendo algumas diretas e outras indiretas:

Comecei a morar no Porto pela primeira vez com 8 anos de idade, desde os meus 8 anos. Depois disso eu morei um tempo em [...] depois voltei a morar em Pelotas e voltei pro Porto. Então tô aqui há bastante tempo, aqui no Porto. [...] eu me lembro de ir comprar cerveja na fábrica da Brahma. Só que neste momento ela não funcionava mais como fábrica, ela funcionava apenas como depósito e venda de cerveja ao público [...] mas eu lembro de ir lá com meu pai comprar cerveja de engradado (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020).

[...] eu não sou natural de Pelotas, eu me mudei pra lá quando eu tinha por volta de 14 anos, e quando eu era criança eu morava em [...] do lado de uma fábrica de conservas [...]. Então a minha primeira memória com relação ao Porto ela já remete a uma... alguma coisa que me era familiar, da mais tênue infância assim, dos primeiros anos da minha vida mesmo, porque eu ouvia assim a chaminé da fábrica, ouvia os trabalhadores, e essa fábrica também foi à ruína ainda quando eu era criança. Então, depois eu encontrei essas ruínas multiplicadas né, nesse cenário do Porto, daí o... eu retorno uma coisa da infância assim sabe... (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

Desde criança eu tive contato com fábricas, ouvindo histórias assim da minha mãe, de quando ela trabalhava na zona do Porto, na Oliveira, também tem essa relação com a fábrica do Lang, que sou vizinho, sempre tive essa visão da chaminé. Isso eu era criança, eu tinha aproximadamente uns 5 ou 6 anos quando me dei conta assim que aquilo ali era uma fábrica, né... (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020).

E eu morei dois períodos da minha vida nessa região, entre 1988 e 1992, e entre 1999 e 2004. Então são dois períodos completamente diferentes, um é um período de adolescência, que é entre os meus 12 e 16, e outro que é um período que eu já sou um homem mais adulto, 20 e poucos, acho que entre os 22, 24, até 28 mais ou menos [...] Mas a minha relação com o Porto, como eu já te falei, ela começa já em 87, mesmo morando pouco distante do Porto, o Porto era o lugar assim das brincadeiras, a gente descia geralmente pela rua Uruguai e ali eu vou fazer vários amigos, ao redor da rua Uruguai principalmente. Ela era meio que a espinha dorsal (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020).

Desde a infância, eu morei em 3 locais ali. Foi meu bairro durante muitos anos, na infância eu morava na rua 15 de novembro, edifício América, antigo Cinema América (R.G, s/informação, 21/03/2021).

Os trechos a seguir foram agrupados devido à menção de um significado atribuído de forma comum por todos os participantes. As respostas proveem de diferentes perguntas, cujos conteúdos referem-se a: quando, como e por que se inicia a relação com o bairro (pergunta 1); ao que foi (representou) a “zona do porto” (pergunta 4); comentar sobre as experiências vivencias, incluindo lugares preferidos, práticas, sensações etc. (pergunta 5).

[...] eu lembro da praça da Alfândega desde muito criança, de ir pra lá. Dos Armazéns do Porto, era um lugar que eu gostava muito de caminhar e que a gente ia pra lá por diversos motivos, desde muito criança. E eu me lembro de ficar muito chateado, há uns... não sei se 10 anos, mas já há uns bons anos

atrás quando aquela região foi fechada, colocaram uma série de grades assim, que agora impede a gente de caminhar pela frente dos galpões dos Armazéns do Porto. Acho uma pena mesmo que a empresa que agora gere o Porto tenha feito isso assim. Gostava um monte de caminhar ali, lembro de sentar pra tomar um mate, um lugar que não se pode mais ir. Tem... eu entrei no Anglo antes dele virar universidade federal... e depois de ter sido frigorífico algumas vezes, mas não muitas. É a cervejaria Haertel, conhecida vulgarmente como a fábrica da Brahma, que era o nosso **playground** né. [...] Tinha toda uma série de lugares que a gente escalava [...] (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020. Grifo da autora)

A zona do Porto foi pra mim um lugar de recreação assim, por muitos anos, o lugar que eu ia, primeiro pra explorar, pra conhecer um bairro novo, porque até então eu só conhecia o Areal e o Fragata, que era o bairro dos meus avós, e o Fragata eu não conheço muito bem. Mas assim, quando eu comecei a sair sozinho, sem meus pais, assim pegar a minha bicicleta e ir pra qualquer lugar, eu ia pro Porto justamente por esse **playground** que era pra mim as fábricas abandonadas, por muito tempo foi isso. (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020. Grifo da autora)

Então, desde criança né [...], tendo vindo morar aqui na Zona do Porto, eu lembro de andar de bicicleta pela zona e tal, e perceber que era uma zona antiga, que tinha muitos prédios antigos, alguns abandonados e tal, eu lembro de perceber esta característica assim, isso me chamava muito atenção [...] E na fase mais de adolescente eu lembro de entrar em alguns desses lugares assim, essas fábricas que tinha [...] Olvebra ali perto do Quadrado, a fábrica da Brahma, depois o Anglo, lembro de frequentar esses lugares assim, mais na fase da adolescência pra fase adulta, e que era como uma espécie de...como que eu vou dizer, eram lugares que a gente usava pra lazer, [...] ao invés de ir para uma praça, ir para um parque, ir para uma praia, a gente ia para uma fábrica dessas sabe, comprava uma bebida e ia pra lá, levava um violão pra tocar, uma bebida pra tomar, uma coisa pra comer, jogos, enfim, e ficava lá a tarde toda, conversando tirando foto, explorando o lugar, esse tipo de coisa, [...] então eu considerava esses lugares assim, uma espécie de **playground**, era o **playground** de gente grande, [...] eram lugares mágicos, [...] como quem vai pra natureza, como quem vai pro mato sabe, só que sem sair do próprio bairro, sem sair da cidade, a gente conseguir ia pra esses lugares assim e ter uma experiência totalmente imersiva assim, longe completamente de toda a vida cotidiana [...]. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020. Grifo da autora)

Como eu te falei, eu cresci na vizinhança de uma fábrica, e quando essa fábrica faliu, ela virou meu quintal [...]

[...] bom aquilo virou um **playground** mesmo né, enquanto a universidade não se apossou das coisas a gente invadia tudo que era espaço possível assim [...] (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020. Grifo da autora)

[...] a lembrança de infância era quando meus primos me levavam para caminhar na região, andávamos horas por tudo, as lembranças legais que lembro era quando andava em cima de tubos ao lado moinho pelotense, acho que era material para ampliação ou algo do tipo, mas eram tubos enormes de ferro, andava por cima, por dentro, chutava eles pra escutar o som. (R.G, s/informação, 21/03/2021).

Nos relatos, os participantes falam sobre algumas experiências vivenciadas que constituem as suas memórias individuais, nas quais é possível identificar a existência de significados sociais e culturais compartilhados consensualmente, como é o caso do *playground*, significado atribuído ao bairro como um todo, mas

especificamente à antiga Cervejaria Haertel ou “fábrica da Brahma”. Um dos participantes menciona que “A zona do Porto foi pra mim um lugar de recreação” (D.M.V., 2020), enquanto outro salienta que é o “*playground* de gente grande” (A.M.L., 2020). Esses relatos demonstram que os participantes têm conhecimento do significado do termo inglês *playground*, que representa o parquinho infantil ou pracinhas de recreação infantil, e se apropriam desse significado pré-existente em outra língua e referente a outro período do desenvolvimento humano, a infância, incorporando-o à sua realidade, brasileira de língua portuguesa e no período adulto.

Essa ressignificação que os integrantes do grupo atribuíram ao lugar, como o seu *playground*, um atributo reconhecido de forma comum e coletiva do grupo, pode ser identificado como um valor simbólico, já que contém em si esse caráter associativo, de um significado pré-existente incorporado em outro contexto ou outro tempo. Identifica-se também o valor de uso, já que o *playground* satisfaz as necessidades coletivas do grupo.

Os trechos a seguir também foram agrupados devido ao potencial de evocação atribuído a uma imagem ambiental, de forma coletiva. As respostas proveem de diferentes perguntas, cujos conteúdos referem-se a: lembrança de lugares em funcionamento (pergunta 2); comentar sobre as experiências vivenciadas, incluindo lugares favoritos, práticas, sensações etc. (pergunta 5); que imagem te vem à mente quando fecha os olhos (pergunta 8).

Lugares favoritos: [...] eu não gostava muito do Quadrado não, mas eu chegava bastante lá, e... mas lugar favorito mesmo é a praça da Alfândega e o... a Cervejaria, mais o Galpão. Trajetória assim: a Uruguai, a Tamandaré e a Benjamim, um pedacinho da Barroso depois do *Campus* lá da Católica e aquela parte lá da fábrica do... da fábrica não, dos silos do **Power**. Ali bate um sol interessante no entardecer, pra terminar a pedalada por ali e tal. (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020. Grifo da autora)

[...] a praça da Alfândega que eu gosto muito também dali, sempre gostei de ficar naquela zona ali, andar de bike por ali, bah... aquela parte lá que eu não sei o nome daquilo, mas acho que é um engenho que tá escrito **Power** bem grande assim, é...gosto muito daquela parte lá, pra mim aquilo é muito peculiar, sabe, aquela ponte que tem, que passa grão ali e aquela coisa toda, durante a minha... durante a minha faculdade de artes eu fiz algumas cadeiras de fotografia, e eu tentava entrar nesses lugares depois assim, até lugares que eram ocupados pedia licença pra ver se eu conseguia tirar foto [...]

Se eu fechar os olhos ah, eu acredito que é o **Power**, por mais que eu tenha ido na Brahma muitas vezes, eu penso assim naquela... nos telhados, eu penso... deixa eu ver aqui... no escrito **Power** grande assim, e passar por baixo ali, tudo isso, aqueles silos que tem ali na volta. (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020. Grifo da autora)

Eu lembro que o Moinho Pelotense ele tinha, e tem ainda um sistema que conecta ele com o outro lado da rua, uma passarela gigante que é só pra esteira, pra andar os sacos de grão, e aquilo me fascinava de longe assim, **Power** gigantesco, dá pra ver de muito longe. Lembro inclusive de ter sonhos com isso. [...] Moinho Pelotense ele é um prédio muito bonito, a construção da fachada dele é lindo, né [...] (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020. Grifo da autora)

O Moinho Pelotense nunca parou, sempre achei incrível o visual da região. (R.G, s/informação, 21/03/2021).

Apesar do Moinho Pelotense não ser um patrimônio industrial adquirido pela UFPel, ele faz parte do conjunto que compõe a paisagem industrial da “Zona do Porto”, fortalecendo o caráter do lugar, do qual a UFPel faz parte. A imagem da sua esteira com a palavra Power foi mencionada por todos os participantes como sendo um dos lugares mais significativos e lembrados, demonstrando o potencial de evocação de sua imagem. Considerando esse potencial evocativo, pode-se dizer que ela possui um potencial de imaginabilidade (LYNCH, 1997) e é portadora de valor forma e estético, por demonstrar eficiência na compreensão e memorização de sua imagem pelo grupo.

A Figura 36 é proveniente da etapa foto-elicitación e mostra a imagem de uma parte da “Zona do Porto”, na qual é possível ver o Moinho Pelotense e sua esteira com o escrito Power. A narrativa produzida sobre essa imagem revela a intensidade dos sentimentos e pensamentos relacionados à experiência que a prática da exploração urbana proporciona ao participante. Ela está carregada de emoções provenientes de diversas associações feitas pelo sujeito, que relacionam os estímulos oferecidos pelas manifestações da natureza (dia nublado, chuvoso) com significados e ressignificações atribuídos à *Dark City*, e à sua plena percepção e entrega ao momento presente. No trecho em que ele diz “[...] eu tenho várias fotos que eu fiz nesse dia, tava um dia nublaaaado assim, um dia lúgubre, *Dark City* totaaaal, total, total, tava muito lindo aquele dia, completamente nublado [...]”, observa-se essa carga de emoção e, com isso, percebe-se que o objeto ou lugar atingiu realidade concreta, pois sua experiência com ele é total, mediante seus sentidos, e principalmente com sua mente ativa e reflexiva (TUAN, 2013).

Figura 36: Fotografia. Cotada 01 – Fotografia retirada do último andar da Cotada, com vista para o Moinho Pelotense (Power) e Anglo ao fundo.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 05/10/2009.

Essa foto foi interessante porque já tava em meio desse processo aí da UFPel começar a comprar esses prédios abandonados e isso tava me deixando apavorado assim, porque eu imaginava que isso ia se acabar né, eu ia perder o acesso a esses lugares, e a Cotada era um lugar que eu nunca tinha conseguido entrar [...] e aí invadi a Cotada e aí passei a tarde inteira lá dentro sabe, [...] eu subi pelas escadas e fui lá pra cima, e foi de lá que eu tirei essa foto, eu tenho várias fotos que eu fiz nesse dia, tava um dia nublaaaado assim, um dia assim lúgubre, *Dark City* totaaaal, total, total, tava muito lindo aquele dia, completamente nublado, a luz tava maravilhosa esse amarelão que ficou as fotos assim, eu perdi um tempo ainda calibrando a câmera pra ficar bonito mesmo, e pá, peguei umas fotos muuuito massa lá dentro, e quando eu cheguei na parte mais alta que dava pra chegar, eu tive essa vista assim da Zona do Porto com o Anglo lá no fundo e aí começou a chover e aí foi quando eu bati essa foto. Tu vê que as ruas tem água empoçada, tu vê que o Anglo lá no fundo já tá meio ofuscado assim, meio nebuloso assim por causa da água da chuva e aí pega todos esses prédios abandonados ali da zona e tal, pega até o coleginho aqui no primeiro plano e tal, a caixa d'água do coleginho, depois os galpões do Porto, o Moinho Pelotense ali, o **Power**, pô pego tudo assim, então essa foto bah, foi uma coisa que eu sempre quis ter, um retrato da Zona do Porto bem bonito assim, num dia perfeito, com aquela chuva, com aquela iluminação. Então essa é a história desta foto, [...] nada mais importa, tu tá ali vivendo aquele momento sabe, tu tá totalmente focado no presente, [...] porque aquele momento tá sendo tão legal, tão grandioso que tu pensa “não, durante muito tempo eu vou lembrar disso assim, então eu tenho que aproveitar esse momento e registrar o que eu puder assim”, então eu fiz isso, [...] as vezes a gente tem que se esforçar um

pouco, nesse dia eu fiquei muito feliz porque deu tudo certo. (A.M.L., 44 anos, 25/08/2020)

Outras imagens que caracterizam bem o lugar foram mencionadas pelos integrantes do grupo, demonstrando as particularidades, os significados, os elos afetivos e as emoções que despertam em cada um:

E então circular por esta região já me trouxe assim uma paisagem, que é na própria extensão da palavra assim pitoresca, ela é um retrato. O paralelepípedo, o prédio abandonado, o trabalhador talvez um pouco já mais idoso, o silêncio, o cheiro de mofo, a umidade, a pátina, essas aberturas assim que são enormes, “porque janelas tão grandes?” Tudo é um porquê, tudo é a história e tudo é o passado então. (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

Eu acho que de cima da ponte de Rio Grande, olhando a cidade inteira. Dá pra ver bem os edifícios como o Moinho Pelotense, a Cotada, a fábrica da Haertel, [...] E eu gostava da imagem da cidade, ela parecia uma cidade, quando a gente vê de longe ela parece muito mais urbana do que ela é de perto. Eu gostava de subir lá, eu subo lá desde pequeno. [...] e a gente subia lá só pra olhar e tal, eu andava de skate como eu te falei, eu descia de skate da ponte. Se fechar os olhos e pensar numa cena seria daquele lugar assim. (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020)

Com certeza assim a torre da Brahma, a chaminé ali da Brahma, com a torre e um sol se pondo atrás, aquele monte de tijolo, aquele visual da chaminé com aves pousando em cima e aquele musgo nas paredes, aquele tijolo antigo, da Brahma, isso seria uma imagem fortíssima assim. Lembro do prédio do Anglo, né, com seus salões enormes em ruínas e suas colunas, suas paredes, escadarias, vielas, passarelas e tudo mais, todo o conjunto do prédio do Anglo abandonado assim, era uma coisa monumental, fantástico assim, um lugar de sonhos pra mim. Quando entrei lá as primeiras vezes eu fiquei embasbacado, passava dias inteiros lá dentro, saía porque já tava com fome sabe, [...] era incrível, incrível, [...] então é esse o tipo de imagem que eu tenho assim da... a Brahma com todas as suas belezas [...] e o Anglo pelo seu conjunto, pela sua monumentalidade, prédio gigantesco, com toda essa carga histórica assim, tudo isso em abandono bah isso forma uma... é poesia visual, é incrível. Isso é o que mais me chama atenção. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)

Lynch (1997) diz que a imagem mental de determinado ambiente pode variar significativamente entre os seus diferentes observadores, porém o autor defende que, mesmo com essas diferenças individuais, há imagens que são consensuais entre membros de um mesmo grupo. Para ele, são essas imagens “que interessam aos planejadores urbanos dedicados à criação de um ambiente que venha a ser usado por muitas pessoas” (LYNCH, 1997, p. 8).

Os trechos a seguir reúnem conteúdo que demonstram como a estética do abandono se relaciona com a contracultura, ou cultura subterrânea (o *underground*), e como ela influencia/influenciou a construção da identidade de cada indivíduo do grupo. As respostas proveem de diversas perguntas, uma delas inclusive é

proveniente da narrativa produzida durante a elaboração do mapa mental de um dos participantes:

A Zona do Porto construiu meu caráter sabe, [...] foi um lugar muito receptivo, foi um lugar que me moldou [...], poder ter o prazer de viver num lugar como era a zona do Porto antes sabe [...] o berço do *underground* local da cidade, muita banda surgindo, muito festival, muito evento, galpão do rock que também era num desses prédios antigos aí, uma antiga fábrica, então a Zona do Porto tem um papel cultural assim muito forte na cidade. [...] então a Zona do Porto foi palco pra tudo isso sabe, foi fundamental assim, poder dizer “pô cresci numa zona que é assim, que é desse jeito sabe”, que é cheia de prédios abandonados, com essa característica sombria, tudo cinza, não tem colorido, um lugar cinzento, sombrio, soturno, lúgubre, [...] isso se aproxima muito com o conceito de *Dark City*, [...] esse paralelo entre essas duas estéticas, [...] por toda essa influência que o entorno teve né, que a Zona do Porto teve sobre todo esse movimento, sobre tudo o que acontecia aqui. Então dá pra dizer assim que eu vivenciei tudo isso, eu participei disso ativamente, e foi uma fase importantíssima na minha formação como indivíduo, [...] Então eu vejo nisso um papel super importante. [...]

[...] o entorno, o ambiente, o meio onde tu vive faz a pessoa que tu é, e ter toda essa influência, toda essa informação visual que tem aqui na zona sabe, corroborando com todo esse movimento, com toda essa estética que a gente buscava enquanto movimento gótico, *dark*, enfim, que teve muita importância no começo dos anos 2000, principalmente, então isso teve papel fundamental assim... É uma coisa que colaborava com todo esse movimento como eu falei na resposta anterior. Então dá pra dizer que a zona do porto teve esse papel porque esteticamente tinha tudo a ver com o que se fazia, com o que se pensava, enfim. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)

eu acho que eu sou um pouco distinto dessa galera que viveu no Porto pela questão da contracultura e do *underground* e tal. Não que eu não tenha vivido e aproveitado bem essa fase, mas eu acho que fiz isso mais por ser amigo deles do que por mim mesmo. O meu... a minha questão com o Porto, pelo lado da ruína né, que..., que é... ruína é memória, é passado né, nunca deixou de colocar uma pergunta assim do tipo “o que era aqui? O que foi aqui? Né, quem trabalhou aqui?” [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

[...] eu gosto de resgatar em alguns desenhos meus o cenário do Porto. Eu tenho uma banda, [...] eu ainda não terminei essas ilustrações, mas a gente quer fazer uma linha de camisetas assim [...] e uma das ilustrações é como se fosse a fábrica da Brahma monstruosa assim, tomada pela vegetação e isso se transformou num... sabe, tipo num monstro, uma coisa assim. Querendo ou não eu tenho assim... o Porto tá bem relacionado com a minha vida. [...] Acabo cultivando, acaba que é um cenário que pra mim é legal assim, porque eu gosto da cidade de Pelotas e eu gosto da estética da ruína, gosto desse lance depredado, gosto dessa... como te falei é uma coisa que agregou muito na minha poética visual sabe, como artista plástico, embora não formado, me considero. Eu acho que é importante pra mim e gosto de cultivar, gosto de manter vivo isso em mim. (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020)

[...] tinha vezes que a gente chegava e aquilo lá tava uma festa, tinha 30, 40 pessoas no lugar, em grupinhos separados assim, [...] Mas o que era mais comum era a gente levar violão pra lá, e como a gente era muito ligado à uma coisa muito subterrânea, muito *underground*, a gente tocava umas músicas assim bem estranhas, tinha umas bandas que a gente gostava, tipo *Anathema*, [...] a gente tocava umas coisas super obscuras nesse lugar. E acho que a gente tinha um certo orgulho né de ser obscuro em diversos sentidos, de ser diferente assim, da turma dos metaleiros, dos góticos, sei lá,

bem interessante. Esse lugar [Brahma] então ele é o... a fábrica abandonada que tem o maior número de lembranças. [...] a gente tem muitas histórias lá [...] A gente... só faltou a gente fazer um show lá, se a gente tivesse conseguido puxar energia... é que a gente também assim... essas festas assim que aconteciam lá não eram uma coisa proposital sabe. E a gente começou a ir lá num grupo de alguns amigos, daqui a pouco esse grupo ficou maior, e ficou maior, e ficou maior, aí esses amigos foram chamando outros amigos, e as vezes numa mesma noite chegavam lá cinco ou seis grupos de pessoas diferentes entendeu? E todo mundo que ia novo pra lá era uma aventura né, pô no meio da madrugada, numa fábrica abandonada, no meio do Porto da cidade, era uma aventura, e pra nós era extremamente interessante, a gente se sentia os mestres do lugar assim, as vezes a gente fazia... dava uma de *cicerone* né, ía mostrar pras pessoas todos os lugares que tinham lá dentro assim. Tinham alguns buracos muito perigosos, eu caí num ou outro, mas nunca me machuquei feio. [...]

Ela [zona do Porto] é uma parte fundamental da minha identidade pessoal né, e também da identidade coletiva de um grupo, com quem eu convivi por muito tempo. (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020)

De acordo com Norberg-Schulz (2008), pode-se dizer que os participantes se comportavam como verdadeiros habitantes do lugar, devido às relações que desenvolveram com ele. As vivências e experiências relatadas confirmam que eles eram capazes de se orientar, ou seja, de saber *onde* estavam, e também de se identificar, ou seja, de saber *como* estavam naquele lugar (NORBERG-SCHULZ, 2008).

A estética do abandono surge a partir da degradação dos prédios, que por sua vez é uma consequência da superação da conjuntura do modelo de industrialização da cidade. Os musgos, a pátina e a ruínas são registros visuais que estão expostos como elementos sensíveis dessa estética, os quais transmitem uma emoção barroca, que significa o drama da degradação e do abandono. Em alguns trechos é possível perceber que os participantes se apropriam das qualidades estéticas do abandono e de seus significados, ressignificando-os em suas práticas culturais e de lazer. Os valores estéticos (formais), associativos (simbólico) e de usos tangível e intangível, existentes no período do abandono, serviram de inspiração para a produção de bens materiais e imateriais, como fotos, ilustrações, músicas, vídeos, festas e comportamentos, os quais integram o movimento de contracultura vivido pela cidade de Pelotas, desde final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

A Figura 37 também é proveniente da etapa foto-elicitação e mostra a imagem de um porão na fábrica da Brahma. A narrativa produzida sobre essa imagem mostra a admiração do participante pela estética do abandono e de que maneira ele utiliza essa estética para a produção de bens materiais e imateriais dessa cultura

subterrânea, além de confirmar o seu conhecimento e percepção de natureza topológica em relação ao lugar.

Figura 37: Fotografia. Brahma 037 – Porão da Brahma.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 07/01/2005.

[...] esse lugar aí ficava em baixo mais ou menos, não era exatamente embaixo da chaminé, mas era mais ou menos por ali por perto da chaminé da fábrica da Brahma. Isso aí era uma espécie de porão sem janelas assim, onde a luz do sol só entrava por um buraco, uma espécie de claraboia que era um buraco que tinha no teto e por ali entrava água da chuva também. Então esse lugar por ser totalmente selado ele acabou enchendo d'água, e aí em certos momentos do dia entrava essa luz do sol maravilhosa por cima desse buraco no teto, que refletia na água, então essa água, nessa parte de baixo da foto é todo reflexo da água mesmo, é o espelho, essa foto é uma espécie de espelho d'água. Claro que aquilo lá tava cheio de lixo, [...] um lugar bem sujo assim, [...] sei lá o que tinha naquele chão, mas era podre, só que pô o visual desse lugar era muito bonito, [...] essa imagem aí virou capa de um dos CDs, [...] que a minha banda lançou, [...] então esse lugar ficou imortalizado assim dessa forma, [...] Então a importância que esse local específico tem pra mim, a sala escura da Brahma com a água no chão e tal, e esse musgo na parede e essa luz maravilhosa entrando, um lugar assim esteticamente muito bonito. (A.M.L., 44 anos, 25/08/2020)

A narrativa demonstra que o lugar possui valor estético e formal, os quais proporcionam prazer aos sentidos. A qualidade de imortalidade, atribuída à sala escura da Brahma, confirma que as experiências em determinado lugar podem ser

intensificadas e até carregadas de emoções se esse lugar oferecer estímulos que reforcem o seu caráter, tornando-o distinto, fácil de ser identificado e lembrado (TUAN, 2013). Com isso, confirma-se a suposição de que o aparecimento de novos elementos sensíveis, provenientes da degradação dos prédios durante o período do abandono, tenha intensificado o caráter do lugar, proporcionando experiências estéticas diversificadas.

Os trechos a seguir demonstram de que forma os integrantes desse grupo reconhecem esses espaços como patrimônios. As respostas proveem de uma mesma pergunta, a de número 13: “Para ti, as antigas fábricas e outros espaços do bairro podem ser considerados patrimônios? Por quê?”

Com certeza! É!...Primeiro porque o mundo pertence à classe trabalhadora, e esse é um espaço onde os trabalhadores viveram a sua história e foram duramente penalizados porque se tornaram obsoletos. [...] ali no Porto é a memória do trabalhador. A história do trabalhador. [...] é patrimônio sim, é memória. É identidade, trajetória, história. (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

[...] acho que são patrimônios pela história, pela vivência das pessoas que passaram por ali, gerações né, tanto quanto em funcionamento quanto como espaço, o espaço em si, concreto armado, que possibilita que pessoas andem ali. Acho que isso gera uma história por lugar, eu acredito que é patrimônio. Justamente por ser tão frequentado, eu acho que tem uma carga afetiva ali, até para as pessoas que moram ali, né... Então eu acho que deve ser preservado de alguma forma, ressignificado, mas preservado, ao invés de destruir e criar uma zona residencial por exemplo como a gente vê acontecendo né, eu acho que pode aproveitar o que já tá feito, sabe, acredito que aí no futuro isso vira um símbolo da... justamente da ressignificação da coisa sabe. Eu sempre penso na geração futura, o que vai acontecer, o quê que vão lembrar, como vão lembrar, eu prefiro que o que tá em ruína seja lembrado de forma positiva, não só como uma coisa que foi depredada e esquecida, por mais que eu goste da exploração da ruína eu sei que uma hora isso se extingue essa coisa, não tem mais o que ser explorado ali, então que seja ressignificado assim. Então eu acredito que deve ser mantido como patrimônio. (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020)

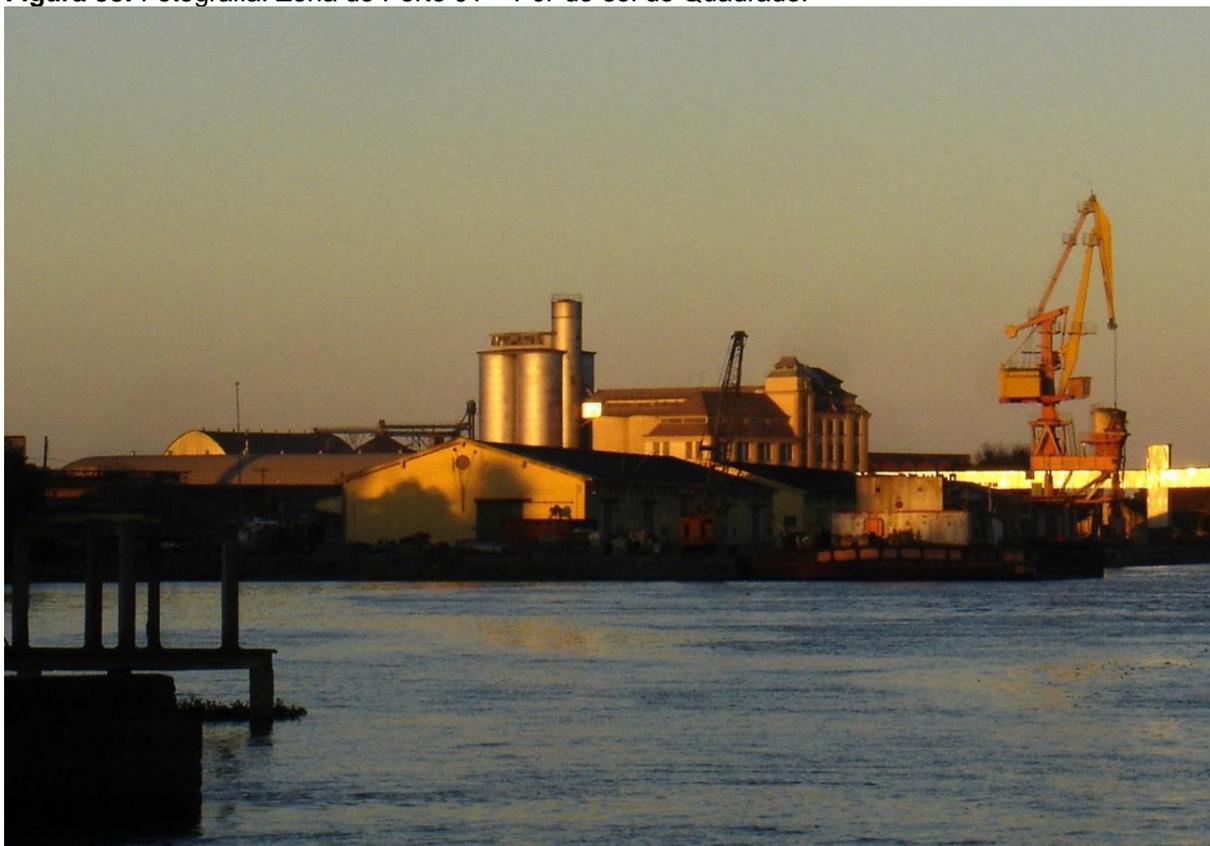
Então, pra mim aquele bairro tem dois tipos de patrimônio clássico né, definido dentro da academia, o patrimônio material da região ele é sem sombra de dúvida muito ligado às grandes fábricas, às ruas de paralelepípedo, aos casarões antigos né...Esse patrimônio material todo ele cria uma certa paisagem, ele compete com uma paisagem natural que já existe né, do Canal, das planícies né, e essa paisagem ela ajuda a definir o lugar. Mas também tem um outro tipo de patrimônio, imaterial, que tem a ver com as memórias de um conjunto de pessoas que cresceu e viveu nesse lugar e os usos que se dava pra esse lugar né, principalmente os usos de lazer, no nosso caso assim, os barzinhos, as festas noturnas e diurnas mesmo que tinha e a importância das fábricas como patrimônio, se elas são consideradas... elas são, sem sombra de dúvida patrimônio. E acho que elas são patrimônio das duas formas clássicas de patrimônio, tanto material como imaterial, porque elas são lugares de memória pras pessoas que trabalharam, pras pessoas que conviveram, pra pessoas que como eu, né, transgrediram a utilização original desses espaços né... E eles são patrimônio material,

claro, cada pedra colocada pela humanidade neste maldito planetinha é parte da memória. (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020)

Antes eu considerava patrimônio, agora não mais, tanto faz que fabrica funcionou ali ou aqui, hoje não funciona mais então ou que se faça algo cultural ou de útil com elas ou nem precisariam existir mais, algo funcional com alguma utilidade pratica seria melhor. (R.G, s/informação, 21/03/2021).

Os relatos mostram que existe um pleno entendimento de que estes espaços são patrimônios, material e imaterial, tanto pela paisagem natural e pelo espaço construído, espaço concreto com características industriais, e pelas memórias do trabalho e dos trabalhadores quanto pelo espaço construído, de caráter residencial e urbano diversificado, e pelas memórias da comunidade em geral relacionadas ao lugar. As Figuras 38 e 39 também são provenientes da etapa foto-elicitación e suas narrativas demonstram o reconhecimento em torno do patrimônio industrial da “Zona do Porto”, e as ressignificações atribuídas a esse reconhecimento.

Figura 38: Fotografia. Zona do Porto 01 – Pôr-do-sol do Quadrado.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 07/09/2010.

Essa foto mostra o típico pôr-do-sol no Quadrado, né, patrimônio imaterial da Zona do Porto. Isso aí é como o nosso Guaíba, bem dizer é o pôr-do-sol, nosso pôr-do-sol do Guaíba é isso aqui, porque o Laranjal não tem um pôr-do-sol legal, então é esse que nós temos, é o pôr-do-sol na Zona do Porto, olhando a ponte de Rio Grande por um lado e pro outro olhando esse visual

que nós temos aqui. [...] Eu gosto desta foto porque ela pegou uma luz maravilhosa assim de pôr-do-sol, tanto que o photoshop nesta foto é mínimo [...] Pegou bem o pôr-do-sol na Zona do Porto e a luz refletindo nas telhas metálicas lá do Power, os armazéns do Porto, o guindaste novo em funcionamento inclusive funcionando ali, o barco lá estacionado no cais, a estrutura aqui abaixo à esquerda, estrutura do Clube Náutico Gaúcho, que eu pude vivenciar bastante também, treinei, eu tive aula de remo lá no Clube Náutico, treinei remo, saía pra andar de caiaque no São Gonçalo, uma outra maneira muito legal de vivenciar a Zona do Porto: navegar de caiaque sozinho por essas águas assim, coisa que eu tô voltando a fazer inclusive, que é andar de caiaque. Então esse visual assim pô...quem mora aqui no Porto admira, então eu escolhi essa foto por isso, por ser uma foto bonita e por ter essa atmosfera de tranquilidade assim, de calma, porque o Quadrado mesmo é um lugar de lazer, não só do Porto como da cidade inteira né, todo mundo vem pra cá, inclusive tá sendo difícil manter isolamento social lá no Quadrado, [...] todo mundo sentado sem máscara, ouvindo música sabe, aquilo ali tá um caos hoje em dia, porque o pessoal chega final de semana precisa fugir pra algum lugar, e o Quadrado aqui é a nossa praia, e eu acho muito legal isso, o fato de a nossa praia ser uma praia de concreto. Não é uma praia de areia, é um lugar de concreto, um lugar industrial, então isso reforça essa característica industrial assim decadente da Zona do Porto. (A.M.L., 44 anos, 25/08/2020)

As narrativas demonstram interessantes formas de reconhecer o patrimônio local. Sobre a imagem da Figura 38, o participante diz que “Essa foto mostra o típico pôr-do-sol no Quadrado, né, patrimônio imaterial da Zona do Porto”. Essa expressão atribui valor imaterial ao fenômeno natural do pôr-do-sol, associado à imagem luminosa refletida pela materialidade do patrimônio industrial da “Zona do Porto”. Além disso, ele faz referência ao pôr-do-sol do Guaíba, considerado “o pôr-do-sol que virou símbolo em todo o Brasil”³⁴, ao dizer que “Isso aí é como o nosso Guaíba, bem dizer é o pôr-do-sol, nosso pôr-do-sol do Guaíba” (A.M.L., 2020). Essa referência pode ser entendida como uma resignificação, pois demonstra que o participante tem conhecimento do significado atribuído ao pôr-do-sol do Guaíba, que representa um símbolo regional, e apropria-se desse significado pré-existente atribuído à cidade de Porto Alegre, incorporando-o na sua cidade.

Outra referência que pode ser entendida como uma resignificação é quando o participante diz “o Quadrado aqui é a nossa praia, e eu acho muito legal isso, o fato de a nossa praia ser uma praia de concreto. Não é uma praia de areia, é um lugar de concreto, um lugar industrial, então isso reforça essa característica industrial” (A.M.L., 2020). A própria narrativa do participante explica bem essa resignificação, e o termo “praia de concreto” exemplifica esse intercâmbio de características entre lugares tão

³⁴ Jornal do Comércio. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/galeria_de_imagens/2018/07/639287-orla-do-guaiba-em-porto-alegre-muito-alem-do-por-do-sol.html. Acesso em: 06/12/2020.

diferentes: a praia de areia, que compõe uma paisagem natural, *versus* o lugar industrial de concreto que compõe uma paisagem cultural (SANTOS, 1996; NORBERG-SCHULZ, 2008).

Figura 39: Fotografia. DSC03267– Frigorífico Anglo.



FONTE: Acervo de A.M.L. Data: 21/06/2005.

[...] Então essa foto aí eu posso te dizer que ela é do mesmo dia da Cotada, essa foto foi tirada lá de cima da Cotada. [...] Ou estou enganado agora? [...] Agora estou na dúvida, [...] mas eu tenho quase certeza que ela foi de cima da Cotada também, porque eu me lembro que quando eu subi lá eu tirei umas fotos do Anglo lá de cima, [...] e ainda com os dizeres do Anglo na parede né, aquilo ali era característico sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo aí, quando a UFPel apagou isso aí, tipo, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da Zona do Porto sabe, como quem chega na lua e crava a bandeira sabe, [...] é a mesma coisa que... sei lá, alguém chegar lá e tirar o letreiro de Hollywood sabe, tira o letreiro de Hollywood e escreve lá Pepsi, sei lá, Coca Cola, imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era pô, era característico da zona, e todo mundo olhava pra isso, e via isso, e quando vê, de repente: UFPeel! [...] enfim, pelo menos a chaminé eles tiveram a decência de manter, né... mas aquela roda, quase coloquei uma foto da roda inclusive no... chegou a ir pras semifinais assim, a foto da roda, daquela sala da grande roda de ferro. Mas essa daí pega o lugar inteiro assim, então essa aí acabou ganhando, por ter essa visão mais ampla assim do lugar e tal. [...] ele parece que era um monumento da zona, esse prédio muito grande, onde tu tava na Zona do Porto tu enxergava ele né, então esse lugar sempre teve muito presente no imaginário dos moradores do lugar, sempre teve ali marcando sua presença, imponente, colossal, grande e... pô tá registrado pra gente poder lembrar como era. [...] O lugar onde é o Anglo assim... na beira do canal, a visão que se tem das peças mais altas lá, olhando pro Canal São Gonçalo... pô, é muito legal! Então junta, né, a própria natureza da nossa região assim, que é muito bonita, muito característica, com o lance de banhado, da beira do canal, das aves e mais tudo o que acaba sendo praticamente um retrato do que é Taim, desse bioma... E também esse patrimônio industrial assim acaba fazendo parte né, tá aí há tanto tempo...Pra

uma pessoa da minha idade isso aí sempre teve aí, desde que eu me conheço por gente, aqui na zona, ele sempre teve aí, bem desse jeito como tá aí assim, então essa foto eu considero uma relíquia, ela guardou muito bem esse momento assim [...]. (A.M.L., 44 anos, 25/08/2020)

Na narrativa sobre a imagem da Figura 39, o participante demonstra plena compreensão do caráter do lugar, reconhecendo as qualidades peculiares que o identificam, provenientes da própria natureza do entorno e pelos elementos construídos pelo homem (NORBERG-SHULZ, 2008). Nesse reconhecimento também está presente a atribuição de valor estético e formal e, mais uma vez, observa-se que as características que definem o lugar oferecem diversos estímulos, que intensificam as experiências e sentimentos, tornando o seu registro “uma relíquia” (A.M.L., 2020).

No trecho abaixo, o participante demonstra possuir conhecimento sobre as mudanças ocorridas na paisagem, especificamente daquelas realizadas pela UFPel, sobre as quais manifesta insatisfação pela forma como elas ocorreram, sob o ponto de vista do coletivo e baseada na relação entre memória e esquecimento.

[...] os dizeres do Anglo na parede né, aquilo ali era característico sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo aí, quando a UFPel apagou isso aí, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da Zona do Porto sabe, [...] imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era pô, era característico da zona, e todo mundo olhava pra isso, e via isso, e quando vê, de repente: UFPeeel! [...] (A.M.L., 44 anos, 25/08/2020),

De acordo com a narrativa do participante, o letreiro cumpria uma função de sociotransmissor (CANDAU, 2018), pois sua presença na paisagem continha um significado que era reconhecido coletivamente pela comunidade e desempenhava um importante papel na formação da memória e no fortalecimento da rede de associações das lembranças e reconhecimentos. A crítica em relação ao apagamento do letreiro pela Universidade se justifica pelo fato de que sua ausência pode contribuir para o processo de esquecimento ao longo do tempo.

Os trechos a seguir demonstram de que forma os participantes percebem a inserção da UFPel no local e mostram divergência de opiniões a respeito disso. As respostas proveem de uma mesma pergunta, a de número 12: “Quais as outras possibilidades de uso que o lugar poderia ter? E quem deveria manter isso?”

Eu tô muito satisfeito com a chegada da Universidade Federal, e o fato da Universidade Federal ter sido quem se apropriou do lugar, porque quais eram as possibilidades? [...] esses grandes espaços das antigas fábricas sendo vendidos pra Universidade Federal pra mim é o melhor destino possível pro lugar, pra mim é perfeito. Pra mim o lugar tem vocação pra isso, para um grande *campus* universitário. Acho sensacional e eu entendo que a Universidade Federal... ela tem mostrado muita responsabilidade com esses

lugares, tentado manter as principais características arquitetônicas, tentado dar a esses espaços, né, um... e pra prover eles de espaços de convivência, entender que esses espaços eles não são só dos estudantes e professores e funcionários da Universidade, que pertence à comunidade como um todo... agora estão botando um calçadão na frente do ICH né, [...] (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020)

[...] eu acho que a UFPel tem feito um bom trabalho em ressignificar as coisas, mas eu acho que eles podiam ter um projeto piloto pra isso, assim né... Acho que algum órgão público, mas com um planejamento adequado a isso [...] Eu acho que esse espaço amplo da zona do Porto, eles podiam ter explorado de forma mais cultural do que é agora, porque são espaços enormes sabe, são espaços que tem uma acústica boa, então usa pra música, ou pra... sei lá, um teatro, ou uma coisa assim. Porque eu vejo que a cidade é uma cidade...eu vejo não né, é uma cidade muito ligada à cultura assim, e eu acredito que o trabalhador precisa disso assim, já que ele não tem mais nem o lugar de trabalho, que seja então um lugar de lazer, talvez. Então explorar mais esse lance de lazer, de cultura, espaços de convivência, criar parque. E acredito também... eu tenho uma visão muito... hoje em dia, muito ecológica das coisas, então eu acho que poderia ter espaços verdes maiores. Sei que eu gosto muito do espaço cinza e destruído da ruína, mas eu acho que se a natureza voltasse com força ali seria melhor, ia ser um espaço que ia respirar mais sabe, outro nível de cidade acho que poderia ter, de qualidade de vida também. Utópico né... (risos) (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020)

Sem lógica, sem uma visão empresarial de finalidade. Assim só como espaço, mas sem oportunismo. Porque subsidiariamente a isso, no máximo a ideia de um espaço de criatividade, como em outras regiões (palavra não identificada) existe essa coisa da indústria cultural, tem um livro chamado Cidades Criativas... Como é que é o nome da mulher, cara? [...] Poxa, não tô lembrado, mas na zona do porto de Buenos Aires aconteceu isso. Dedicar esse espaço assim pra universitários tá, ok, mas é um pouco o que acabou fazendo a UFPel e eu não me agrado. Então eu acho que a ausência de um olhar gerenciador seria o melhor destino pro Porto. (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

[...] aqueles que a UFPel pegou pra restaurar assim, muitos descaracterizaram completamente né, tu já não consegue mais ver... tem que forçar um pouco assim pra tu conseguir enxergar aquela coisa que tinha antes, chegar lá e ficar fazendo aquele exercício de imaginação “pô, isso daqui era assim...sabe”, muita interferência nesses prédios, então já não é mais aquela visão assim...Mas claro ainda existem muitas ruínas por aqui e tal, ainda existem prédios em ruínas e isso ainda preserva suas características estéticas assim, que eu acho muito interessante, mas, não se tem mais aquela experiência como era antes assim, eu não consigo ter daquele jeito, até de poder acessar esses lugares, poder andar, então uns estão com outro uso, hoje que... uma outra função, e pessoas trabalhando lá e cuidando, enfim, então já se torna uma outra coisa né, vira um outro tipo de espaço. [...]

Eu gostaria que pessoas com preocupações mais culturais, estéticas pudessem ter tido um olhar sobre esses lugares e visado preservar essas características que esses lugares tinham sabe, mesmo dando um uso assim, [...]

então eu acho que eu gostaria de ter visto um trabalho de preservação destes lugares, mantendo todas as características e colocando esses lugares em funcionamento para o uso da comunidade local assim, não “pruma” instituição fechada, como vai, por exemplo, a UFPel pra lá e fecha, compra um prédio desses, ele fecha, né, deixa de servir a comunidade em geral, assim pra servir a comunidade estudantil, eu não tenho mais acesso a esses lugares como eu tinha antes, por exemplo. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)

lá na região do porto deveria ser a área boemia da cidade, assim ficaria localizada e restrito lá, mais fácil de manter, mais tranquilo em relação ao barulho, quem deveria manter é a prefeitura, cobrar taxas dos bares e restaurantes para manter a limpeza e segurança do local, a UFPEL também deveria contribuir com verbas e funcionários para algo como cultural uma prestação de contas social pela desgraça que tornaram a região, é muito fácil se instalar em prédios cuidar apenas do interior desses e excluir toda sua responsabilidade pela parte externa de alunos, fruxo (sic) de carros gente transporte, lixo gerado em toda região e principalmente não oferecer segurança para região e moradores que não tem nada a ver com a universidade só erdaram (sic) os vários prejuízos, ufpel tem que ter o contraponto para a região que se instalou. (R.G, s/informação, 21/03/2021).

Os relatos mostram que existem diferentes pontos de vista sobre a inserção da Universidade Federal de Pelotas na “Zona do Porto”. Existem os pontos de vista de dois entrevistados que veem como bastante positiva, e de três entrevistados que não veem a vinda da Universidade de forma tão positiva. Como resposta de outra pergunta, um dos participantes diz que

isso aqui virou meio que um Brasil, um retrato do Brasil e perdeu aquela característica puramente local que tinha [...] virou uma outra coisa assim, virou uma coisa que, pra mim, hoje já não tem mais graça nenhuma, tanto que eu penso em sair daqui sabe (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)

Pode-se dizer que, no processo de transformação da área, a inserção da Universidade Federal de Pelotas se configura como uma síntese (nova tese), ou seja, uma nova realidade que apresenta possibilidades de reverter os problemas causados pelo abandono da área. Os diferentes pontos de vista dos participantes demonstram a continuidade da contradição durante o atual período universitário, que impulsiona o movimento dialético, permitindo avançar no curso do tempo.

De acordo com Lefebvre (2013), pode-se dizer que, no período do abandono, a *representação do espaço*, abandonado, foi uma consequência passiva e não ativa, pois o abandono não foi um desígnio planejado nem concebido. Por outro lado, neste período, visto como um problema devido à ausência do estado ou ausência de investimentos públicos e privados, os antigos espaços de trabalho se transformaram em verdadeiros *espaços de representação* e foram intensamente *vividos* por uma parcela muito pequena da comunidade. A *prática social* se materializou através de experiências incomuns, como a exploração urbana (urbex), e da utilização desses espaços para atender às necessidades coletivas dos indivíduos do movimento *underground Dark City*.

Esse fenômeno só foi possível justamente pela ausência dos agentes controladores do espaço e pela presença de uma comunidade específica que “[...]”

como eu, né, transgrediram a utilização original desses espaços [...]” (R.P.A., 2020), permitindo-se ser e estar no meio urbano de forma mais livre e criativa. A prática desenvolvida pelo grupo pode também ser interpretada como uma experiência transurbana (CARERI, 2013), a qual permite que todo território seja caminhável, rompendo com a dicotomia do espaço público e espaço privado, motivando a conquista do espaço e a apropriação da cidade através dos caminhos mais desafiadores, buscando a essência do *flâneur* (categoria cunhada por Walter Benjamin) e da liberdade do ser.

Os mapas mentais (Figuras 40 a 41) demonstram, através da narrativa visual, as experiências que os exploradores urbanos tiveram com o lugar, reforçando ideias que eles apresentaram nas suas narrativas orais.

Figura 40: Desenho dos mapas mentais elaborados por A.M.L., em: 11/08/2020.



Mapa do bairro

Mapa da Brahma

Mapa do Anglo

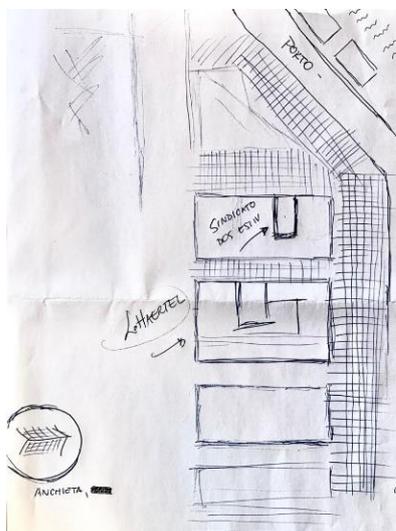
FONTE: Autora, 2020.

O fato de A.M.L. produzir três mapas mentais, um do bairro, um da Brahma, e um do Anglo, confirma que estes eram seus lugares favoritos, indo ao encontro de sua declaração sobre esses serem os lugares que lhe evocam as imagens mais fortes:

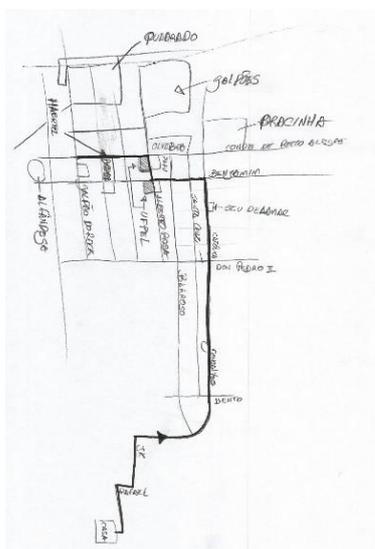
Com certeza assim, a torre da Brahma, a chaminé ali da Brahma, [...] isso seria uma imagem fortíssima assim. [...] então é esse o tipo de imagem que eu tenho assim da... a Brahma com todas as suas belezas [...] e o Anglo pelo seu conjunto, pela sua monumentalidade, prédio gigantesco, com toda essa

carga histórica assim, tudo isso em abandono bah isso forma uma... é poesia visual, é incrível. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)

Figura 41: Desenho dos mapas mentais elaborados pelos demais participantes pertencentes ao grupo de exploradores urbanos.



Mapa do bairro elaborado por
A.M.R. em 25/09/2020



Mapa do bairro elaborado por
D.M.V. em 11/02/2021



Mapa do bairro elaborado por
R.G. em 08/03/2021.

FONTE: Autora, 2020.

O mapa de A.M.R. destaca o paralelepípedo e o sindicato dos estivadores. Para este participante

o mundo pertence à classe trabalhadora, e esse é um espaço onde os trabalhadores viveram a sua história e foram duramente penalizados porque se tornaram obsoletos. [...] ali no Porto é a memória do trabalhador. A história do trabalhador. (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

Sobre o paralelepípedo ele diz:

Na representação eu sou obrigado a colocar o paralelepípedo, o granito recortado e não o asfalto né, porque a experiência de caminhar na madrugada ali e ver o granito refletindo né, como o asfalto não faz, o asfalto faz algum reflexo na poça d'água, mas o granito reflete em toda sua extensão, então é uma rua que... a Conde de Porto Alegre, ou a Benjamim e tal, elas sempre foram bem iluminadas né, diferentemente sei lá de Pelotas inteira, ela tem ainda essa reminiscência. (ruído da obra) Eu sei que a neblina não muda a cor das coisas né, mas eu já consigo... ela densifica, a neblina densifica a luz né, e aí fica tudo meio sépia, e aí a gente se perde numa névoa, a luz ainda é amarela lá né. [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (A.M.R., 34 anos, 25/09/2020)

O mapa de D.M.V. mostra elementos diversificados, incluindo antigos espaços fabris, ruas, prédios da Universidade, bares, refletindo a relação diversificada que o participante desenvolveu com o lugar:

Então eu tenho todas as minhas melhores lembranças são lá, de conhecer pessoas novas, de ir descobrindo a minha vida, de descobrir os meus próprios gostos, de lugares assim pra sair pra tomar uma cerveja, dos bares que foram abrindo ali naquela zona, até casa de show que foi abrindo em lugar que era fábrica, no caso do galpão do rock que eu acredito que era uma fábrica, uma coisa assim, uma fábrica de rapadura pelo que eu já ouvi falar. [...]

Eu andei muito pela Barroso, assim, pela Barroso de ponta a ponta [...] esses caminhos eu percorri tipo *zilhões* de vezes [...] andei muito, fiz todo esse percurso assim. Tá uma coisa que eu andei tanto lá que eu nem sei te dizer qual o caminho, porque cada dia era um caminho entende, mas assim, a gente andou em todos os caminhos né. [...]

Eu acho que pra mim representa assim que teve uma ressignificação dos lugares, ressignificação dos lugares até da minha vida, porque de lugar que eu ia pra me divertir, passou pro lugar que eu ia pra estudar, depois passou pro lugar que eu não ia pra não ser assaltado, sabe, eu separo nesses três momentos assim. (D.M.V., 36 anos, 10/10/2020)

O mapa de R.G. é o único que mostra a Cosulã, indo ao encontro do fato de que este foi o único participante que mencionou essa fábrica, porque possui lembranças bem significativas associadas a ela:

Lembro da Cosulã, os depósitos eram onde hoje é o ICH UFPEL e Instituto de Artes e Design UFPEL. Lembro mais da loja de insumos da cooperativa que funcionava onde hoje é a Arquitetura UFPEL. A loja era no segundo andar e a escada ainda hoje está ali, o cheiro de ovelha estava sempre presente pois tinha muita lã, vendiam ponchos, chapéus, milho em grão, plantadora, pá, remédios. Ia sempre com meu avô, ele trocava os créditos de lã por produtos nessa loja. (R.G, s/informação, 21/03/2021).

As ausências, do estado, de investimentos e de usos oficiais, não significam ausência de utilidade. A ausência de usos oficiais possibilitou que as ruínas industriais fossem vivenciadas pelo seu caráter pedagógico (MENEGUELLO, 2014) e artístico. Assim como “uma obra contemporânea não transforma o mundo em arte, ao contrário, solicita o espaço do mundo em comum para nele se instalar como arte” (TASSINARI, 2001, p. 76), as ruínas industriais se manifestaram no meio urbano utilizando-o como suporte para sobreviverem na forma de arte, proporcionando espaços de reflexão e fruição, através dos novos elementos oferecidos para serem experimentados e reinterpretados.

3.3 As narrativas de antigos trabalhadores

O acesso aos participantes deste grupo teve início a partir de indicações de pessoas do convívio da pesquisadora que conheciam alguém que tinha vínculo com antigos trabalhadores das extintas fábricas que foram adquiridas pela UFPel. O primeiro contato com os participantes ocorreu através de ligação telefônica, em cuja ocasião foi explicada a finalidade da pesquisa e o funcionamento de todas as etapas. Dos cinco (5) contatos feitos, a pesquisa contou com a participação de três (3) pessoas para este grupo.

O primeiro participante da pesquisa foi o Sr. Gerson Jesus Pereira, que trabalhou na fábrica Cotada S. A., de 1977 a 1992, como motorista e vendedor. Sua participação ocorreu no final de 2019, quando foi submetido à primeira versão da combinação de instrumentos de coletas de dados, realizado como um teste-piloto para verificar a eficiência da sequência em que os instrumentos foram propostos. Essa versão foi apresentada à banca durante a qualificação da pesquisa, porém foi recomendada a sua revisão em virtude das restrições impostas à população devido à pandemia provocada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2).

Os outros dois participantes foram o Sr. Vitor Hugo Baade Huckembeck e a Sra. Maria Elizabete Huckembeck Silveira, os quais foram submetidos à segunda versão da combinação de instrumentos de coleta de dados. O Sr. Vitor Hugo trabalhou no Anglo de 1971 até 1982, em diversos setores da fábrica, como ele mesmo diz:

Eu trabalhei lá de serviços gerais, fui conferente, balancista, porque lá tinha vários setores que a gente ia passando, é... trabalhei no escritório, trabalhei no departamento pessoal e cheguei a encarregado de 30 pessoas, depois disso, aí sim, foi terminando as coisas e a gente foi todo mundo embora. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

A Sra. Maria Elizabete Huckembeck Silveira também trabalhou no Anglo, de 1972 a 1975, no laboratório e no escritório de contabilidade.

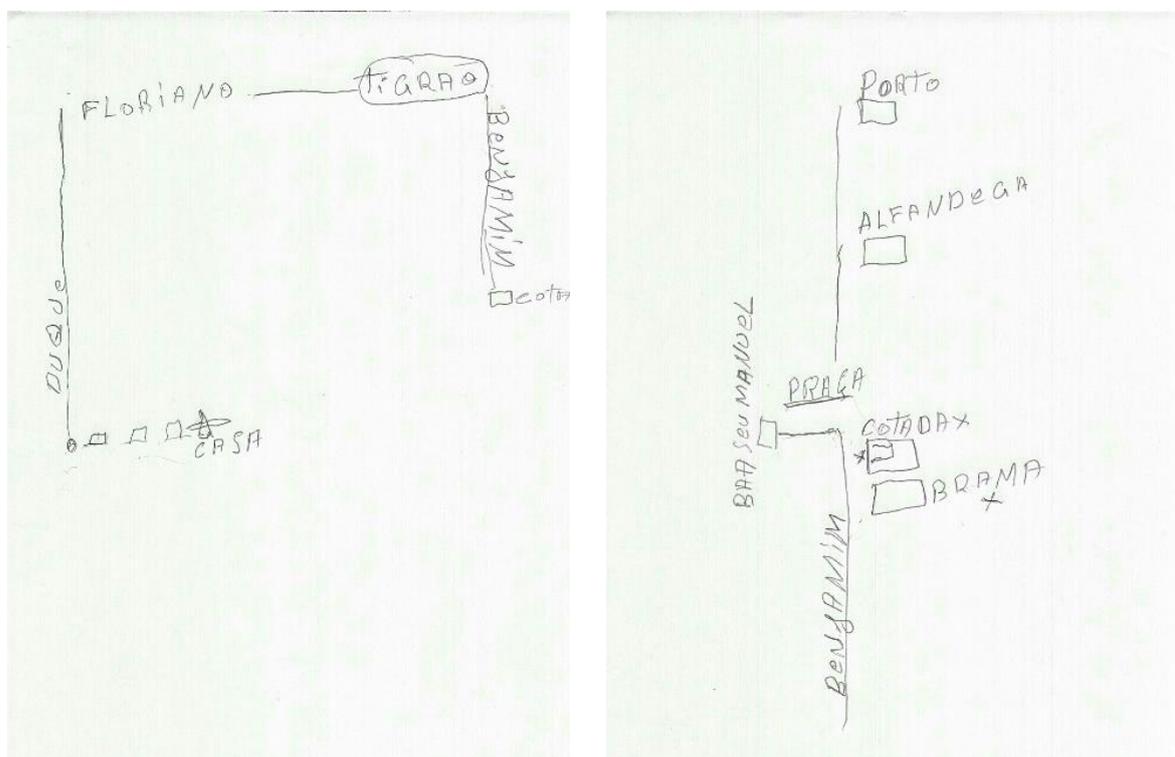
Eu trabalhei no laboratório de biologia, que fazia as análises da água, das carnes que ia ser exportada, então tinha que ter tudo, tudo uma... um controle né, [...] depois passei pro escritório, trabalhava na parte de contabilidade, [...] e saí quando tava... foi o ano que começou a decair o Anglo, saí em agosto de 75. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

A primeira etapa da pesquisa (elaboração do mapa mental) foi a mesma para todos os participantes deste grupo, independentemente da versão da combinação de instrumentos de coletas de dados. Os mapas foram elaborados em diferentes

circunstâncias, os do Sr. Gerson foram produzidos e comentados em sua casa na presença da pesquisadora, enquanto que os dos irmãos Huckembeck foram produzidos sem o acompanhamento da pesquisadora, e comentados por chamada do Whatsapp.

Os mapas mentais do Sr. Gerson foram elaborados no dia 03 de dezembro de 2019 (Figura 42). Inicialmente, ele relatou sua dificuldade para desenhar, mas foi incentivado pela pesquisadora a tentar. Ele produziu dois mapas: o primeiro, à esquerda, indicando o percurso que fazia de casa até o trabalho, ao longo do qual “pegava” dois ônibus, já que era morador do bairro Fragata; e o segundo, à direita, mostrando o entorno da Cotada, com os elementos mais significativos para ele.

Figura 42: Desenho dos mapas mentais produzidos pelo Sr. Gerson Jesus Pereira, 03/12/2019.



FONTE: Autora, 2019.

O mapa mental do Sr. Vitor Hugo foi apresentado no dia 26 de janeiro de 2021, através de chamada do Whatsapp. Na época em que trabalhava no Anglo, Sr. Vitor morava na casa de seu pai, no bairro da Balsa, muito próximo ao Anglo, e por isso ele produziu apenas um mapa mental, contendo o percurso que fazia de casa até o trabalho, os prédios que compunham o Complexo Anglo e o seu entorno imediato (Figura 43). A narrativa produzida durante a explicação do mapa mental foi bem

faz referência a outros elementos que compõem o espaço em torno da fábrica (Figura 44). A narrativa produzida durante a explicação do mapa mental, também através de chamada do Whatsapp, foi rica de informações, tanto do espaço construído como dos percursos, das rotinas de trabalho na fábrica e de suas relações interpessoais. Os trechos a seguir demonstram essa relação estabelecida entre o espaço construído, o percurso, a rotina de trabalho na fábrica e as histórias do lugar:

Aqui seria a casa da minha mãe, [...] daí daria uns 10 minutos, nem isso, acho que 5 minutos até a entrada do Anglo, porque dali da minha casa eu enxergava tudo o que se passava, principalmente lá na parte mais alta, onde era a matança, a picada, a gente enxergava o pessoal até descendo, que é aqui, onde hoje é a faculdade, aqui assim. [...] tinha uma escada que a gente via todo o pessoal descendo né, dali onde eu morava se via tudo, né. [...] quando eu saía de casa pra ir trabalhar, geralmente era horário que passava os bois que iam subir pra matança, então eles fechavam né, tinha que controlar o horário porque fechavam o portão, aí fechava e não tinha como entrar na Gomes Carneiro, então a gente sempre saía mais cedo. Saía as 06:45h pegava as 07:00h, quinze minutos tranquilo, se tava fechado dava tempo de passar os bois e depois a gente ia pro serviço. [...] eles entravam era por trás de onde hoje é a biblioteca. [...] Essa parte escura que eu fiz aqui, bem aqui assim ó, essa parte escura seria indicando a rampa [...] que eles subiam pra ir pra matança. Essa parte que eu fiz mais escura, que tem pro lado das mangueiras, e subindo pra matança, ali ele ia subindo né, que a gente chamava rampa, porque a matança era no segundo andar. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

[...] eu cheguei a trabalhar dois ou três anos no laboratório de bioquímica da firma né, que ficava neste prédio, neste prédio aqui que eu... que ainda existe ali, não sei se dá pra ver... é o primeiro prédio que tem à direita, é o que ainda tá em pé. Ali embaixo era o escritório, em cima era a... o laboratório, engenharia e inspeção federal. [...] eu botei só escritório. Eu fiquei na dúvida porque aí tem escritório, engenharia, laboratório e inspeção federal e a parte térrea toda era escritório, Mas aí dá pra botar, aqui nessa parte dá pra botar o... que funcionava o laboratório, inspeção federal e a parte de engenharia. Eu trabalhei três anos ali. É, bem aqui, ó. É que eu não to enxergando porque é muito pequenininho. É o primeiro prédio né. É o que ainda tá em pé ali na... é. Depois daquele prédio tinha outro igual, tinha um outro do mesmo tamanho, que seguia pra dentro da firma, tinha outro prédio ali que... ali tinha vários setores, era a chaparia que eles chamavam, que era onde os guris entregavam uma chapa, que eles entregavam pro funcionário, cada um tinha um número, aí tu pegava teu número ali, principalmente o pessoal da... lá de dentro da fábrica, eles pegavam a chapa ali e entregava lá quando chegavam no setor do serviço, tinha tipo de um escritório e era entregue pro chapeiro como eles chamavam. E era assim, como se fosse um livro de ponto, e ele que tomava nota do horário que o funcionário chegava e a hora que o funcionário saía. Quando o funcionário saía ele entregava aquela chapa, aí ele vinha lá de dentro da fábrica e entregava ali na chaparia. Só chegava ali e atirava dentro de uma janelinha assim, atirava a... é o número. Todo o funcionário tinha um número né, na verdade. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

[...] esse galpão que eu botei aqui ó, diz repartição pública, esse aqui, mais em cima, ó, esse aqui, isso aqui era herança de uma charqueada, que depois a prefeitura usava pra guardar os burros, os burros e as carroças, eu não sei... acho que tu não conhecesse como era feito a... não tinha banheiro... como era recolhido a... os dejetos das casas, dos banheiros, não sei se tu

exemplificam o fato de os participantes recorrerem à lembrança dos seus desenhos. Na ocasião da entrevista, os participantes não estavam com os desenhos em mãos.

Ali no desenho que eu fiz, saindo da casa do meu pai, ali, eu fiz um... eu saio em frente e depois logo em seguida eu dobro à direita, depois dobro à esquerda pra chegar até a firma, existe um lugar ali que tá em branco, não tem nada, **não desenhei nada**. Aquilo ali hoje tem uma vila ali, hoje existe casas e ruas ali, **eu deixei em branco, não fiz aquilo ali**. Ali era um campo do... da prefeitura, aonde eles botavam os burros que carregavam os lixos da cidade né, aquilo ali era só um campo, aquilo ali tinham uns bebedouros de água ali que eles botavam os animais ali, e ficavam os animais ali. Hoje, que até na esquina **eu desenhei ali** que tinha uma associação, que era uma associação de bairro, que era um terreninho que eles tinham doado para a associação, que era a única coisa que tinha na época. Ali eu fiz coisas que tem hoje e outras que só tinham há um tempo atrás, por isso que eu deixei aquela parte em branco, **não desenhei nada ali**. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos – grifos da autora)

Tinha um trem que entrava dentro da fábrica, não sei o quê que ele levava ali dentro, não me lembro porque isso aí não é do meu tempo, mas ele fazia uma curva ali, passava pela Gomes Carneiro e, no caso, ele subia em direção à Juscelino né, ali no pepino, pelo lado do pepino ele subia em direção ao centro, e tinha... onde era o desembarque dos animais que vinham de trem, eles desembarcavam já lá nas mangueiras lá em cima, **que no desenho não aparece**, porque o terreno do Anglo era bem maior né, que hoje ali tem casas, tem apartamento aonde era as mangueiras né, então ele desembarcava lá na... mais perto do cruzamento da Garibaldi, lá eles desembarcavam os animais, já desembarcavam nos currais que eles tinham lá né, nas mangueiras. Tinham baitas quadrados assim, deixavam conforme iam chegando iam botando os animais ali. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos – grifo da autora)

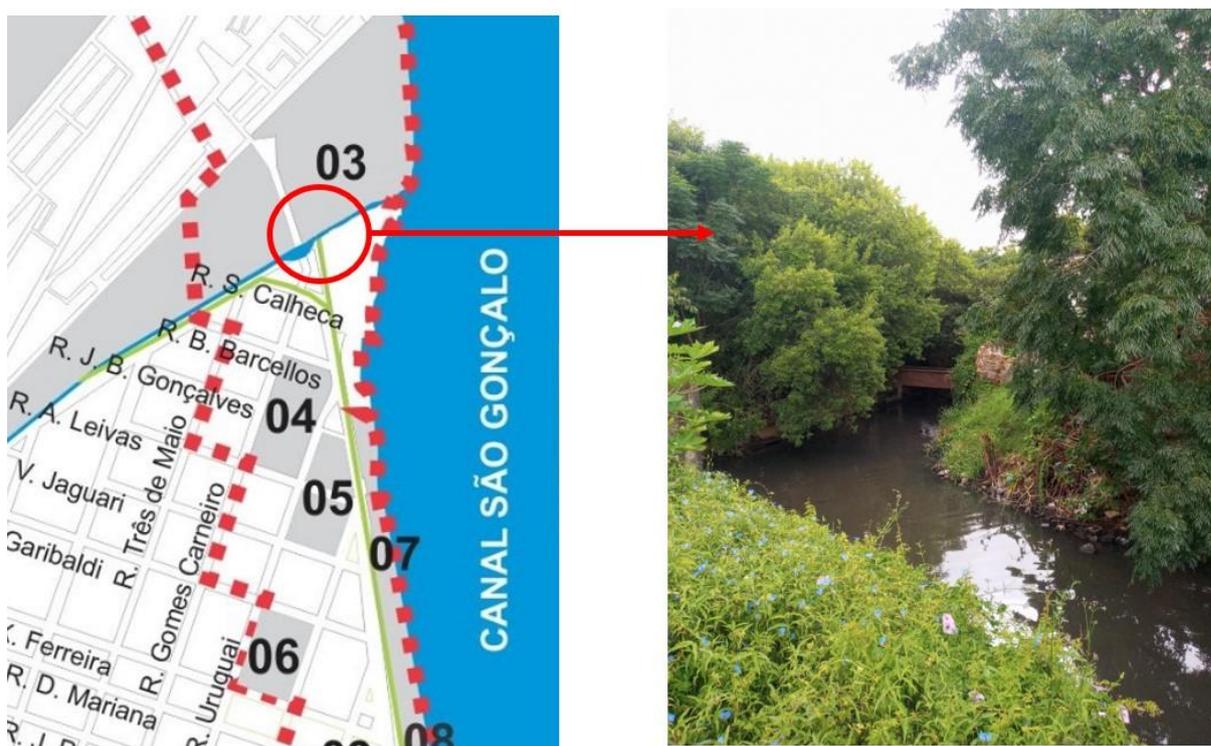
Nesse trecho da entrevista, a Sra. Maria Elizabete relata suas lembranças sobre o trem e o seu trajeto, tanto entrando dentro da fábrica quanto fazendo a curva e subindo em direção à Avenida Juscelino Kubitschek, para desembarcar os bois nas mangueiras, e também sobre o tamanho original do terreno do Anglo. O recorte do mapa de Salaberry (2012), na Figura 45, mostra todos esses elementos abordados pela participante: a linha verde que representa o trajeto dos trilhos do trem e a mancha cinza sob o número 03, que representa a área do terreno do Anglo. Complementando o relato da Sra. Maria Elizabete, que afirma não saber o que o trem levava para dentro da fábrica, o Sr. Vitor, ainda quando questionado se ele se lembrava de como era o entorno da fábrica, diz que:

Até que eu lembro também, até tem lá nos fundos, acho que ainda existe ainda a ponte do trem que entrava lá dentro né. [...] Ali na casa de bombas, aquela ali na Gomes Carneiro, ali se olhar em direção ao arroio acho que ainda existe a passada do trem ali, a ponte velha do trem ali. [...] eu não lembro dele entrar lá dentro não, mas eu já tava na cidade e já conhecia isso aí, mas lá tinha horário pra ele entrar, ele só entrava pra carregar, o meu pai se lembrava disso lá, porque eles carregavam lá dentro né, aonde tem aquele galpão crioulo ali, que eu botei ali, aquilo é dos anos 60' e poucos, 70' né,

mas antes o trem chegava até ali. [...] faz muito tempo que eu não entro lá, mas deve de ter alguma coisa, até há pouco tempo ainda existia até a ponte ali que entrava lá pra dentro. Ele vinha pela Uruguai né, descia pela Uruguai ali o trem, na Uruguai ainda tem os trilhos né, na Uruguai ali tem, no Porto, na frente do Porto ele descia reto e ia até lá dentro lá. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

No mapa de Salaberry (2012) é possível visualizar o trajeto do trem, representado pela linha verde, confirmando os relatos da Sra. Maria Elizabete. A imagem à direita da Figura 45 mostra a ponte do trem que entrava no Anglo, conforme relato do Sr. Vitor Hugo. Ele também menciona que os trilhos ainda existem no local, desde a frente do Porto até o Anglo, porém não se trata da rua Uruguai, e sim do prolongamento da Rua Benjamim Constant.

Figura 45: Esquema gráfico formado pelo recorte do mapa de Salaberry (2012) à esquerda, e fotografia dos trilhos sobre o arroio Pepino à direita.



FONTE: Adaptado de Salaberry, 2012. Acervo da autora, 2021.

Em relação às imediações do Porto e ao entorno mais amplo para além da fábrica do Anglo, os irmãos Maria Elizabete e Vitor relatam não ter muito conhecimento. Quando questionados sobre isso, a Sra. Maria Elizabete disse “É, não assim, não era muito de andar na... mas ali na frente dali do Anglo era muito agradável”, enquanto que o Sr. Vitor Hugo diz:

Não lembro muito dali do lado do Porto assim... eu só me lembro disso daí, do Porto foi assim... muito pouco, muito vago assim a coisa, não lembro assim nada... é... me lembro, mas não, não, não lembro nada assim do Porto ali assim não, porque a gente não saía quase ali, embora quando eu guri não saía muito da volta não. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

A declaração dos irmãos sobre o desconhecimento em relação às imediações do Porto, assim como do entorno menos imediato em relação ao Anglo, remete ao “sistema de lugares” de Paolo Portoghesi (NORBERG-SCHULZ, 2008). Neste caso, de acordo com Norberg-Schulz (2008), pode-se dizer que o Complexo Anglo e a casa dos pais são para eles “o centro”, e no seu interior está “aquilo que é conhecido” para eles. A extensão espacial em diferentes direções em relação a este centro se distancia do seu conteúdo, perdendo gradativamente a sua identidade com ele. De modo diferente ocorre com o Sr. Gerson, que por morar em outro bairro possui um conhecimento mais seguro do entorno do seu local de trabalho:

[...] ali a gente passava ali era na Benjamim Constant, ali só a fábrica que tinha ali era a Cotada mesmo, as outras já era numa outra rua pra... à direita. [...] Acho que era a Irgovel e a Fábrica de Papel que tinha. [...] Ah, não me lembro direito onde que era, não tenho assim muita recordação. [...] Eu sei que tinha, que foi muito falada, era muito né...era muito conhecida, a fábrica de papel, a fábrica de óleo, né, eu conheço só de nome, né, a Fiação e Tecidos que eu sei que é lá pra baixo também, lá pro Porto, né, a Praça aquela que eu já tinha te comentado que tem, a Alfândega atrás da Cotada, né, e...o Porto né, mas são coisas que eu não tenho assim conhecimento né, profundo, e se conhecia de passagem assim é de... [...] É pois é, é o que a gente passava, que tinha ali o Porto, tu te lembra, que chegava os naviozinhos que não eram muito grande também porque não tinha profundidade na época né, então, e a Alfândega, e...qual era a outra coisa que tinha ali? E oficinas que tinha chapeamento, atrás mesmo da Cotada tinha uma oficina de chapeamento de veículos, mais adiante atrás da Alfândega lá tinha um negócio de tornearia, de mecânico torneiro, é o que tinha ali que eu lembro. E o barzinho do Seu Manoel! (risos) (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

Embora o Sr. Vitor tenha afirmado que não lembrava das imediações do Porto, observou-se uma contradição na sua narrativa, pois, em seguida, ele começou a falar sobre as lembranças que tinha, demonstrando ter conhecimento sobre o local:

E depois, o resto pra mim não mudou muito assim, não tem muita coisa diferente do Porto a não ser que o Porto tá parado, não tem mais nada né, [...] Lembro da Cotada trabalhando, lembro da... a "Tecido" lembro de trabalhar, a Peixaria, depois, a "Tecido" foi... fechou eu era criança, mas depois veio as peixaria “pralí”, que eu acho que hoje é da faculdade né, o prédio ali, esse prédio ali da Uruguai ali, [...] ali teve umas peixaria. Teve, teve peixaria ali naqueles prédios onde tá, tá tudo fechado, que acho que hoje é da faculdade também ali, que tinha umas oficina, coisa assim, abaixo da Alfândega aqui, mais pro lado do Anglo ali, eu acho que é da faculdade aqueles prédio que tão fechado ali, onde faziam o carnaval ali, por ali assim, ali era uma peixaria, aqueles prédio ali. Eu lembro da Cotada, do Moinho Riograndense, dessas coisa aí, eu lembro ainda. Até onde eu trabalho

também eu lembro, me lembro... até agora me lembrei de mais outra, até onde eu trabalho, na secretaria de obra ali era da CEEE. [...] É ali, bem ali na Gomes Carneiro ali, aquilo ali era... os caras sempre perguntam "o quê que era esse prédio aqui?", eles não sabem que aquilo é cheio de água por baixo né, tem os túneis que era das coisas de resfriamento dos... da usina né, e eu me lembro quando era pequeno eu passava ali com meu pai, me lembro até da posição do prédio ali né, e hoje eu trabalho ali. Aquilo ali é da prefeitura ali. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

Nos trechos a seguir estão contempladas as falas sobre quais as melhores lembranças que têm do período em que trabalharam nas fábricas, e se guardam alguma foto, documento ou objeto como recordação deste período. Suas respostas demonstram que as melhores lembranças estão associadas à satisfação com o cotidiano do trabalho, atribuição de muito valor ao trabalho em si, às responsabilidades e ao reconhecimento pessoal pelo trabalho realizado. Apesar de todo valor atribuído à essa relação com o trabalho, os participantes não guardam outras recordações materiais, além de suas carteiras de trabalho (Figura 46).

Bah, eu adorava, aquilo era tudo pra mim, o meu trabalho, era muito bom. Trabalho que trabalhava à vontade, não tinha ninguém dando ordem, a gente sabia o que tinha que fazer, qual era as rotas, quais eram as nossas responsabilidades, cada um sabia as suas, no meio do trabalho que a gente tinha, a gente fazia atender a clientela, procurava sempre atender bem a clientela, isso eles exigiam da gente, é o atendimento né, não ter atraso nas entregas, né.

[...]

Não, não tenho nada disso aí assim. Ah, lembrança que eu tenho era de que eu gostava de trabalhar, era um serviço bom, que a gente trabalhava com gosto, com prazer de fazer aquilo ali, era bom porque eu sempre gostei de caminhão de trabalhar com caminhão, então, pra mim aquilo ali era tudo. Senti muito quando saí (risos), é. Da minha vontade nunca saía, né. Pra mim tava gostando se tivesse trabalhando até hoje, funcionando, que era uma fábrica que dava bastante emprego pro pessoal, tinha acho que mais de duzentos funcionários. (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

As recordações que eu tenho, as melhores que eu tenho, fora os meus companheiros de trabalho, só encontrei gente boa, [...] é eu trabalhar lá, e ser reconhecido pelos meus patrões, lá eu fui reconhecido, então eu acho que quando a pessoa trabalha em algum lugar e ela é reconhecida de certa forma, eu acho que já é uma das boas recordações, [...] então eu acho que eles davam valor às pessoas, então eu acho que satisfação maior é essa, da pessoa ser reconhecida no trabalho, pelos patrões e pelos próprios companheiros de trabalho.

[...]

A única coisa que eu tenho do Anglo... sabe que eu não tenho foto, não tenho nada daquilo lá, nada, a senhora falou e eu até fiquei pensando, pô eu nunca... não lembro de ter tirado uma foto lá e se tirei ficou com alguém, eu não fiquei com nenhuma, eu não tenho nada. A única coisa que eu tenho, só minha carteira profissional, só, não tenho mais nada assim. [...] A carteira profissional não pode botar fora, embora aposentado tem que tá com ela guardada. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

Ah eu gostava, tanto do laboratório, quanto do escritório.

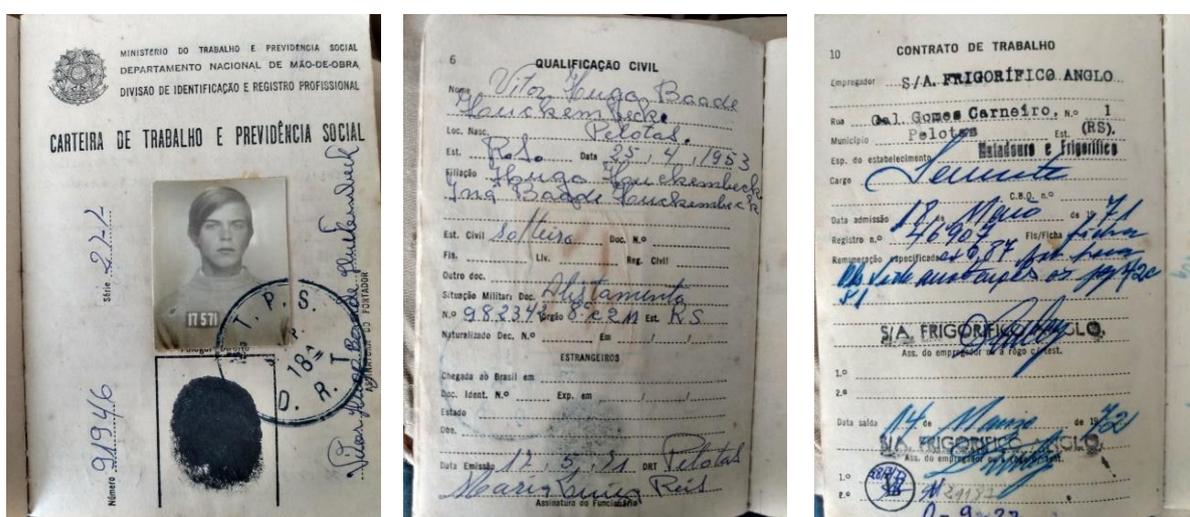
[...]

Era muito bom de trabalhar. Não sei, mas acho que muito poucos vão dizer que... se chegasse de casa em casa perguntando "quem é que trabalhou no Anglo?", todo mundo acho que vai dizer a mesma coisa, que era muito bom de trabalhar. Tudo muito certinho, bom. É indústria né, é indústria, é cumprir o horário e fazer o serviço, mas era bom.

[...]

Eu não tenho nada de lá assim. Uma pena mesmo, quando fechou, no laboratório mesmo tinha tanta coisa, balanças, pesinhos, aquelas coisas bem... mas eles levaram muita coisa pro Mato Grosso né, então... espero que não tenha ido nada fora. Mas lembrança que eu tenho é isso, porque foto não tenho, então, é uma coisa assim que quando a gente é nova não se pensa que vai se ter um passado né. (Sra. Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 66 anos)

Figura 46: Fotografias da carteira profissional do Sr. Vitor Hugo Huckembeck.



FONTE: Autora, 2021.

Durante a entrevista, a Sra. Maria Elizabete disse que não possuía nenhum objeto de recordação da fábrica, porém, durante a explicação do seu mapa mental, ela mencionou:

Eu tenho uma foto que aqui... esse galpão que eu botei aqui ó, diz repartição pública, esse aqui, mais em cima, ó, esse aqui, isso aqui era herança de uma charqueada, que depois a prefeitura usava pra guardar os burros, os burros e as carroças [...].

Após a entrevista, a participante encaminhou uma reconsideração à pesquisadora dizendo que “esse galpão onde eu disse que era de charqueada, não é. Meu marido falou que era da cavalaria do exército.” A foto a que a participante se referiu é da outra repartição pública desenhada no mapa que fica mais próxima ao Colégio Ferreira Viana, a qual pode ser visualizada na Figura 47. A fotografia mostra o prédio da Subprefeitura (Repartição Pública) com o trator que carregava os cabungos e que fazia a limpeza dos banheiros da cidade antigamente, e que a Sra.

Maria Elizabete guarda porque, no canto esquerdo da foto, sentado na soleira da porta do prédio, está o seu irmão Paulo Roberto.

Figura 47: Fotografia de uma das Repartições Públicas identificadas pela Sra. Maria Elizabete no seu mapa mental.



FONTE: Acervo da Sra. Maria Elizabete, proveniente do Acervo do Nelson Nobre.

Figura 48: Fotografias do Colégio Ferreira Viana, antes e depois.



FONTE: Acervo da Sra. Maria Elizabete.

Os relatos dos trabalhadores sobre a importância atribuída ao trabalho e às suas relações possuem valores de uso intangível e simbólico. Dentre essas experiências com o mundo do trabalho, foi perguntado sobre suas lembranças sensoriais, memórias olfativas e auditivas, entre outras provenientes dos sentidos. As respostas demonstram algumas lembranças afetivas e agradáveis, enquanto que outras nem tanto:

É, o cheiro da farinha, cheiro dos biscoitos, que era bom o cheirinho dos biscoitos, principalmente o cheirinho da bolachinha, do biscoito que era “bolachinha Maria” que chamavam né, aquele cheirinho gostoso que era. Era muito gostoso.

Ah, era legal de ver o trabalho ali em si, é... o pessoal “coquiando” o saco de farinha, né, outros era... jogando os pacotes de farinha pra empilhar, pra fazer as pilhas. (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

ah... sons como o apito da fábrica ninguém acho que vai esquecer, é... fim de ano então era notável... e fora os horários que eles tinham né de trabalho, então os horários ninguém se atrasava por falta de aviso né, tinha o apito da fábrica. Então era muito notado o apito dessa fábrica aqui nessa zona aqui era muito... todo mundo conhecia. E aquele cheiro tradicional de frigorífico né, é cheiro de gorduras, dessas coisas assim, coisas... cheiro do animal, isso aí era... de longe se sentia esse cheiro assim. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

[...] aquela sensação de ouvir os animais né, que não era longe, a gente ouvia os berros dos animais, as vezes eles não queriam ir e eles davam choque, tu ouvia (risos), é, não era muito bom de ouvir não (risos). [...] Não, não era bom não. Mas...fazia parte né. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

Uma vez eu fui na matança e me apavorei de ver (risos) foi pouco antes do boi entrar assim pras câmaras frias, a gente ia colher o material pra fazer análise né, era colhido, ia cortar com bisturi, pegava com uma pinça, e aí depois aqueles músculos tudo se mexendo (risos) eu fui só uma vez na matança e não quis ir mais (risos). Ah não, não gostei, eu vi eles matando, não, não gostei de ver. Tem que ter muita coragem (risos) [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

Sobre as relações pessoais e lembranças dos colegas de trabalho, observa-se grande dificuldade de recordação de seus nomes, porém os apelidos são mais fáceis de ser lembrados, como pode ser observado nos trechos a seguir. Além disso, há diversos relatos de falecimentos. A Sra. Maria Elizabete demonstrou ter mais facilidade para lembrar dos nomes dos colegas.

É esse mesmo que... é o Nico, chamam de Nico, Milton o nome dele, tá, era motorista dos caminhão também. E o Paulo que era irmão do Nico né, que é Hamilton o nome dele, Milton. É o Paulo também, que se chama Paulo Leal, também motorista. Então a gente lembra dos colega de trabalho assim. [...] Ah, tem muitos, tinha o Laudilino também, que já é morto também, muita gente já foi, né, gente nova, esses aí já foram já, Laudilino o nome dele, trabalhava lá dentro. De cabeça assim é difícil de lembrar de muita gente. [...] Luís, que também já é falecido também, e...tinha um, que eu não lembro o nome dele também, que era motorista das Kombi, eram três Kombi que tinha

lá, ...o Mandala, não lembro o nome dele, chamavam ele de Mandala, o apelido dele era Mandala, que a gente lembra que trabalhava junto. Também eram vendedores dentro de Pelotas. (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

Eu sou muito... (risos). A minha cabeça não me ajuda nos nomes das pessoas, mas eu conheci muitas pessoas assim, mas não lembro bem dos nomes, hoje eu não lembro mais das pessoas, lembro das pessoas mas acabo não lembrando dos nomes deles. [...] a gente conhecia muito as pessoas lá pelo apelido. A gente entrava lá e todo mundo tinha apelido, dificilmente a gente chamava alguém pelo nome, quase todo mundo era por apelido, então é por isso que as vezes eu não lembro do nome das pessoas. [...] Aonde o meu pai trabalhava, que era as câmaras fria lá todo mundo tinha apelido de bicho, todo mundo, era lagarto, jacaré, olho de pomba, pombinha, era assim que as pessoas eram conhecidas lá dentro. Então, se eu encontro eles na rua, os poucos que ainda estão vivos, a gente se chama pelo apelido, nunca se... não sabe o nome deles. Aqui perto da minha casa mora o papagaio, eu não sei o nome.... ah, o papagaio eu sei o nome dele! é Vilson! Esse trabalhava com nós lá. Então são poucos, esse porque mora aqui eu sei o nome dele agora, porque o pessoal daqui da zona não chamam ele de papagaio, chamam ele de Vilson, mas eu chamo de papagaio, até hoje. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

Tinha uma secretária da gerência que era Ivi, não me lembro do sobrenome, era Ivi o nome dela, o sobrenome dela assim eu não me lembro. A menina que trabalhava no lugar que eu peguei no escritório era Carmen Monteiro. O gerente, tinha... teve o Mister Huligan, teve o Mister James, teve o Darci Fonseca, era parente do meu pai, era primo do meu avô, foi gerente também, foi gerente lá em Goiânia, lá no Mato Grosso, e foi gerente aqui também, uma pena que ele morreu faz pouco tempo, mas já morreu, e... é, e no laboratório eu me lembro assim que tinha uma colega que trabalhava, era só duas pessoas no laboratório de biologia, era eu e Marilene (não entendi o sobrenome) que trabalhava comigo, eu trabalhava com ela. Tinha a Dona Jaci, a Dona Felicidade, que trabalhavam na outra parte do laboratório, que não era só de bioquímica né, tinham outras análises que eles faziam né, e não lembro de muitos não, já faz anos né (risos). Tinha o pessoal da chaparia, tinha o Vilmar, tinha o Seu Darlei que era do departamento pessoal. Tinha o médico, Dr. Ivanio Branco. Tinha o meu pai! Que era das câmaras frias, Hugo Huckembeck. Tinha o meu irmão que era do "cokefroze", o Vitor, que trabalhou na cons... não lembro se ele trabalhou na conserva, e trabalhou no "cokefroze. [...] É, não sei como é escrito. É, acho que eu tô falando certo. Era o que eu ouvia eles dizer. Cokefroze! Tinha o Dr. Osvaldo, Osvaldo que era do controle de qualidade, que era pai do Dr. Ivanio, era Osvaldo Branco. Dalí da inspeção federal eu não me lembro. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

Quando questionados sobre os lugares mais significativos na fábrica, ou no bairro e entorno, as narrativas produzidas geralmente relacionaram o lugar ao ambiente de trabalho e às suas rotinas de trabalho:

Ah... não tenho assim lembrança, a gente lembra dos setores que tinha lá, te lembra, isso aí não é difícil lembrar, mas assim que tu diz uma coisa que marcasse assim? [...] Tinha mais era a oficina lá, quebrava o caminhão a gente tinha que ir lá, né, as vezes a gente se desentendia lá com os mecânico (risos) que demorava pra arrumar o caminhão. (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

Embora o trecho tenha sido a resposta dada na íntegra pelo Sr. Gerson Pereira sobre os lugares mais significativos, ao final da sua entrevista ele fala da praça em frente à Cotada [Praça da Alfândega] e da beleza do lugar, e menciona ainda o bar do Seu Manuel:

Mas era um lugar bonito ali, lugar amplo, bonito, espaçoso, era um lugar muito legal ali, ... a pracinha na frente ali [...] É...não tenho assim mais recordação que não seja da fábrica mesmo, é que a gente não transitava ao redor da fábrica, mais sempre o foco era aquele, era entrada e saída, (risos) entrada e saída né, não tinha, o mais que a gente saía fora da fábrica era ir no barzinho do Seu Manuel fazer um lanche, que a gente ia carregar os caminhão então a gente ia lá tomar um café, ia ali se reunia com a turma ali, normalmente os vendedor fim de semana se reunia todo mundo pra carregar, ou sábado principalmente, sexta e sábado. (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos)

O bar do Seu Manuel foi desenhado pelo participante no seu mapa mental, confirmando ser um dos lugares mais significativos para ele. Durante o percurso dialogado, realizado no dia 10 de dezembro de 2019, Sr. Gerson fez questão de ir até o bar, que ficava num sobrado verde, localizado na rua Domingos Rodrigues, quase esquina com a Rua Benjamim Constant, que está atualmente fechado e aparentemente abandonado. Nesse dia, ele afirmou que o bar é um lugar pelo qual ainda alimenta boas lembranças e mantém uma memória afetiva especial. A fotografia do antigo bar do Seu Manuel (Figura 49) foi produzida durante o percurso dialogado.

Figura 49: Fotografia do sobrado verde que abrigava o bar do Seu Manuel, em 10/12/2019.



FONTE: Autora, 2019.

Ainda sobre os lugares mais significativos na fábrica, ou no entorno, observa-se, no trecho da narrativa do Sr. Vitor Hugo, a relação de afeto com os diversos espaços da fábrica e com a sua rotina de trabalho. São sentimentos e lembranças que se relacionam com o conceito de *topofilia*, “Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1974, p. 107). O participante novamente recorre às suas lembranças fazendo referência ao seu desenho do mapa mental:

Pra mim a fábrica toda, em qualquer lugar que eu tivesse taria bem, todos locais eu taria bem, eu me sentia bem em qualquer lugar, inclusive nos locais que... **um dos locais que eu desenhei lá no fundinho**, no último prédio lá em baixo, aquilo lá não existia mais nada quando eu fui pra lá, lá era a fábrica da salsicha, quando eu fui pra lá não fabricavam mais, então eu tinha muita curiosidade e eu ia lá seguido lá, eu ia entender como é que funcionava a coisa lá, porque naquela época eu tava com 18 anos eu queria só saber das coisas, então eu ia muito, eu procurava saber quais locais que tavam fechados e procurava saber como é que funcionava aquilo lá. Porque tinha muitos lugares lá que a gente não... que as vezes eram fechados e a gente não podia entrar. Mas lá a gente sempre pedia a chave, pedia pra um, pedia pra outro, ia lá pra conhecer, sempre procurei conhecer todos os cantinhos que existiam eu procurava conhecer. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos. Grifo da autora)

[...] ali na frente dali do Anglo era muito agradável ali na frente, tinha um mato, e ainda continua tendo um mato né, mas era um lugar bem agradável, tinha bancos, era uma sombra boa. Era um lugar bom da gente ficar, pra gente ir né. Agora sim né, agora já não é mais. [...] O ambiente de trabalho né, ali o lugar que a gente trabalhava era muito bom, pessoas boas, tudo eram colegas, era muito tranquilo, muito bom. (Sra. Maria Elizabete Silveira, 66 anos)

Sobre as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo, o Sr. Gerson, por ser morador do bairro Fragata, alegou não ter tido mais oportunidade de transitar pelo local e, por isso, desconhecia a situação atual da Cotada e do seu entorno. Os demais participantes atualmente moram no Porto e no Navegantes e alegam ter mais acesso e conhecimento sobre a situação atual do Anglo e do seu entorno. Porém, todos os participantes afirmam que nunca mais entraram dentro dos prédios e desconhecem as mudanças ocorridas em seu interior.

O Sr. Gerson foi o único que participou do percurso dialogado, realizado no dia 10 de dezembro de 2019, percebendo diretamente as mudanças ocorridas no interior do prédio, diferentemente dos demais participantes. Ao entrar no prédio, ele lembrou imediatamente que ali onde hoje é a recepção ficava antigamente “a moega”, local onde era descarregado o trigo, o qual durante a entrevista ele teve dificuldade em

lembrar. Durante o percurso no interior do prédio, o participante relatou se sentir perdido diante das intervenções realizadas para adaptação aos novos usos das atividades acadêmicas. Falou diversas vezes sobre o local estar muito diferente. Ao percorrer os três pavimentos, explicou quais elementos e outras estruturas existiam em cada andar procurando descrever o processo produtivo, porém, não identificou, no interior do prédio, nenhum vestígio que confirmasse as informações fornecidas na entrevista. Ao final do percurso dialogado, foi-lhe entregue o Poema dos Desejos, com perguntas que deveriam ser respondidas após refletir sobre o que viu durante o percurso dialogado.

O poema dos desejos demonstra uma prevalente nostalgia nos sentimentos livremente expressos pelo participante (Figura 50). Em suas respostas, ele declara que, mesmo satisfeito com as modificações realizadas pela Universidade, ele gostaria que a fábrica estivesse em funcionamento, ressaltando diversas vezes que “gostaria de ver tudo como era antes”. Na sua opinião, a Cotada pode ser considerada um bem patrimonial “porque é um prédio antigo e para muita gente deixou muita recordação” (Sr. Gerson Jesus Pereira, 65 anos).

Figura 50: Poema dos Desejos, em 12/12/2019.


UFPEL

 Programa de Pós-graduação
 Memória Social e Patrimônio Cultural
 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Pesquisadora: Daniela Vieira Goularte
 Entrevistado: Gerson Jesus Pereira, 65 anos, antigo trabalhador da fábrica Cotada S.A.

POEMA DOS DESEJOS

Refleta sobre o que viu durante o percurso dialogado e responda.

1) Do que mais gostou de ver? Porque?
 GOSTEI DA MODIFICAÇÃO
 PORQUE ACHEI LINDA A MODIFICAÇÃO

2) Do que menos gostou de ver? Porque?
 APEZA DE ACHALINDO O QUE FOI FEITO
 EU GOSTARIA DE VER TUDO COMO ERA
 ANTES

3) Como gostaria que estivesse o local?
 EU GOSTARIA DE VER A COTADA FUNCIO-
 NANDO COMO ERA OS ANOS ATRAS

4) Gostaria que alguma coisa tivesse sido preservada?
 A SIM GOSTARIA DE VER TUDO COMO ERA
 ANTES A FABRICA ERA MUITO LINDA
 A BARRAS MÁQUINAS TUDO FUNCIONANDO

5) Na sua opinião, a Cotada pode ser considerada um bem patrimonial? Explique.
 SIM EU ACHO PORQUE É UM PRÉDIO ANTIGO
 E PARA MUITA GENTE DEIXOU MUITA RECORDAÇÃO
 GAO

Autoriza o uso dessas informações para fins estritamente acadêmicos?
 Gerson Jesus Pereira

FONTE: Autora, 2019.

Para os demais participantes, a etapa do Poema dos Desejos foi incorporada à entrevista. Quando questionados sobre como gostariam de ver o local hoje, o Sr. Vitor Hugo perguntou: “Sem a opção do frigorífico?”, ficando subentendido que gostaria que o frigorífico ainda existisse, já que, em resposta à outra pergunta, feita anteriormente, respondeu: “É um local muito bom de se trabalhar, eu digo até hoje eu queria que ele existisse, tem muita gente que fala mal das multinacionais, mas eu queria a multinacional pra estar trabalhando” (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos). Quando a pesquisadora confirma que a pergunta sobre como gostaria de ver o local é sem a opção do frigorífico, o Sr. Vitor Hugo responde: “Eu não sei, mas eu acho que da maneira que está eu acho que tá muito bem. O uso do espaço, sendo a faculdade que tá sendo usada eu acho que... a faculdade que tá usando isso eu acho que tá bem representado. Espero só que eles melhorem aquele outro lado ali né” (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos).

Para a mesma pergunta, a Sra. Maria Elizabete respondeu:

Ah, eu gostei quando a Universidade veio “prali” né, porque a gente tava vendo que dia a dia tava se terminando né, já tinham... é, casa abandonada né, sabe como é que é, cada um tira um pouquinho, tira isso, tira aquilo, quando vê tá tudo caindo né. Só fiquei com pena que eles desmancharam algumas coisas né, que podia ter ficado. (Sra. Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 66 anos)

Na opinião desses antigos trabalhadores sobre se as antigas fábricas ou outros lugares dos bairros poderiam ser considerados patrimônios, eles demonstraram opiniões diferentes:

Acho que sim. [...] Sim, acho que todos, quase todos estão sendo usados pela faculdade no caso né, a maioria ali né, eu acho que sim, deveriam sim, até para a conservação do bairro né. Eu acho que aquelas coisas ali, Anglo é Anglo, tá certo que agora é faculdade né, mas deveriam preservar essas coisas, Anglo, Cotada, "Tecidos", essas coisas tudo deveriam ser mantidos os nomes, sei lá, ou criar alguma coisa com esses nomes aí. Pra não ser esquecido nunca mais. Porque foi... eu acho que pra Pelotas foi muito importante, principalmente essa área do Porto aqui, pela importância que tudo isso representou, hoje tá quase tudo morto ali, mas representou alguma coisa, muita coisa, não foi alguma coisa, foi muita. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos)

Pouca coisa aqui né pra patrimônio. [...] Porque são mais novos né, eu acho que coisas mais interessantes né, porque mesmo, ali a parte da Cosulã não tem nada assim que eu acho. Acho que patrimônio seria uma coisa mais nossa né, mais... aí, não acho que deva ser considerado patrimônio. Cotada é um prédio... a única mais antiga que eu acho que ainda tá um pouquinho melhor seria a fábrica de tecidos, que poderia ser considerada de melhor conservação né, ainda ela tá toda inteira que tá aparentemente por fora né. [...] Depois que deixarem derrubar um pedaço eu acho que já perdeu né o valor que tinha, eu acho que tinha que ser feito conservar, mas conservar

inteiro né, eu acho que já tem coisas aqui que não tem... a Cotada não tem... é um prédio moderno, perdeu também a identidade, ali teria... será aquela que é fábrica de cerveja... A Brahma, é. Que tinha ali também já tá bem deteriorada, alguma coisa ainda dá pra aproveitar, mas é muito pouco eu acho. [...] Eu acho que como já teve essa demolição muito grande, eu acho que assim não... e também que dá vantagem pra modernidade né, não ficar só no passado. Eu acho que tem coisas que merecem ser derrubadas pra trazer coisas melhores né. (Sra. Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 66 anos)

A opinião da Sra. Maria Elizabete reflete aquilo que Michelin (2019, p. 19) chamou de patrimônio invisível:

Aqui, do lugar de onde falo, o patrimônio invisível é aquele que, mesmo que nomeado e dito patrimônio, fica à margem do olhar, como um incompreensível, talvez porque incompreendido. Trata-se de um patrimônio legitimado pelas circunstâncias legais, técnicas, até mesmo memoriais, mas sofre pela indiferença, porque, suponho, lhe faltem os atributos de um tempo áureo, de uma história bem contada, de um estilo marcante ou destacável, de um estatuto e de uma estatura histórica que o façam brilhar pelo simples dizer do seu nome. Faltam-lhe os encantos de uma ideia da importância que lhe daria a força do reconhecimento. Muitas vezes, nessa situação de indiferença, encontra-se o patrimônio industrial. Por isso, é tão fácil perde-lo. O senso comum da distinção temporal não se adere com exatidão a esses bens.

Durante o período industrial, observou-se uma intensa relação entre as ações humanas e o cotidiano do trabalho, remetendo a Santos (1996) quando afirma que a principal forma de relação entre o homem e a natureza (espaço) é dada pelo uso da técnica (e seus respectivos objetos técnicos). O resultado dessa relação produziu parte significativa da paisagem que resiste até os dias de hoje, permitindo ao observador identificar as relações existentes entre o homem e o trabalho, o tempo do trabalho, o tempo da divisão territorial, o tempo e dos elementos construídos no espaço (SANTOS, 1996).

Na perspectiva de Lefebvre (2013), pode-se dizer que a *representação do espaço* no período industrial se materializou através das ações de planejamento para a instalação dos complexos fabris naquele espaço que se mostrava favorável ao escoamento da produção. Os planos e projetos para a construção das fábricas e das infraestruturas urbanas que dão suporte às atividades industriais foram elaborados e executados a partir de teorias e conhecimentos. A *prática social* se materializou através do trabalho realizado por todos os sujeitos envolvidos no processo de produção das fábricas, e também pelas relações sociais desenvolvidas entre os sujeitos. Da mesma forma como aconteceu no período acadêmico, pouco ou quase nada foi observado em relação aos aspectos atribuídos à materialização dos *espaços*

de representação, indicando que esses espaços foram muito pouco *vividos* pelos antigos trabalhadores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou o caso da reutilização do patrimônio industrial pela Universidade Federal de Pelotas, na “Zona do Porto” da cidade de Pelotas, sob o ponto de vista da comunidade. A pesquisa teve como ponto de partida a identificação de três aspectos que compunham o problema: (I) lugar com potencial de ativação latente e subutilizado; (II) falta de participação/mobilização da comunidade nos processos de transformação da área; (III) instrumentos de gestão insuficientes para a preservação adequada deste tipo específico de patrimônio.

Em síntese, esses três aspectos relacionados significam que os instrumentos de gestão, elaborados pelos meios políticos ou técnico-administrativos, não possuem o alcance desejado para promover a preservação adequada do patrimônio industrial e que a participação da comunidade envolvida com esse patrimônio é fundamental tanto para a sua legitimação quanto para a construção de novos conhecimentos, visando a futuras intervenções menos destrutivas e construções de lugares mais diversificados e significativos.

A partir da síntese dos problemas identificados, a pesquisa teve a intenção de responder como a comunidade percebe o Patrimônio Industrial inserido na paisagem urbana, quais valores lhe são atribuídos e quais são as memórias a ele relacionadas, e como traduzir isso para a construção de um lugar mais significativo para toda a comunidade. Para responder a esses questionamentos, a pesquisa estabeleceu alguns objetivos específicos e desenvolveu uma metodologia, a qual se mostrou eficiente para atingir alguns dos objetivos.

Dentre os objetivos não alcançados estão: (III) sistematizar os dados coletados identificando categorias de análises dos valores intangíveis; (IV) gerar um documento em formato de inventário. Esses objetivos não foram alcançados porque requerem um estudo específico para a criação de um método de projetos que venha a utilizar informações fornecidas pela comunidade, o que pode vir a ser desenvolvido em pesquisas futuras.

Dentre os objetivos alcançados estão: (I) conhecer as memórias relacionadas ao lugar que recebeu a UFPel – Bairros Porto, Balsa e Caieira, e às antigas fábricas adquiridas pela universidade –, bem como as relações afetivas desenvolvidas entre

as pessoas e esses lugares; (II) conhecer as percepções relacionadas às mudanças ocorridas na paisagem dos bairros e nos antigos lugares de trabalho, identificando valores formais, simbólicos e de uso intangível, contidos nessas lembranças e sentimentos. Através da combinação de narrativas orais e visuais, a pesquisa revela como se desenvolveram as diferentes relações entre os sujeitos e o patrimônio industrial nas suas diferentes temporalidades, desde quando eram fábricas, posteriormente quando se transformaram em ruínas, e atualmente com a aquisição desses espaços pela Universidade. As narrativas mostram que, para certos indivíduos, essas experiências constituem parte fundamental de suas memórias e de sua identidade, e também que existem aspectos materiais (suportes físicos) e imateriais (afetos, valores e sentimentos) relevantes para a comunidade, mas não levados em consideração, confirmando assim a hipótese levantada pela pesquisa.

A postura dialética mostrou-se propícia para conhecer essas diferentes versões e informações que os sujeitos dos diferentes grupos possuem em relação aos antigos espaços de trabalho, demonstrando a existência de entrelaçamentos entre essas versões. Esses entrelaçamentos confirmam a ideia de que “As épocas se interpenetram, estabelecendo vínculos recíprocos que alteram a trajetória e os significados do caminhar” (DUARTE, 2006). Um exemplo desse entrelaçamento pode ser observado na expectativa do Sr. Vitor Hugo em relação à manutenção dos nomes das fábricas através da criação de “alguma coisa com esses nomes aí. Pra não ser esquecido nunca mais”, que se relaciona com a percepção e insatisfação de A.M.L. sobre o apagamento do nome do Frigorífico Anglo. Ambas as análises se conectam com a proposta do participante 4, sobre a projeção (criação) de uma “marca estética para esses lugares, que identifique sempre o patrimônio cultural”, conforme lido nas narrativas desses sujeitos:

Eu acho que aquelas coisas ali, Anglo é Anglo, tá certo que agora é faculdade né, mas deveriam preservar essas coisas, Anglo, Cotada, "Tecidos", essas coisas tudo deveriam ser mantidos os nomes, sei lá, ou criar alguma coisa com esses nomes aí. Pra não ser esquecido nunca mais. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos) **PERÍODO INDUSTRIAL**

[...] e ainda com os dizeres do Anglo na parede né, aquilo ali era característico sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo aí, quando a UFPel apagou isso aí, tipo, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da Zona do Porto sabe, como quem chega na lua e crava a bandeira sabe, [...] é a mesma coisa que... sei lá, alguém chegar lá e tirar o letreiro de Hollywood sabe, tira o letreiro de Hollywood e escreve lá Pepsi, sei lá, Coca Cola, imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era pô, era característico da zona, e todo

mundo olhava pra isso, e via isso, e quando vê, de repente: UFPeeel! [...] (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020) **PERÍODO ABANDONO**

Mas muito importante, também, é projetar uma marca estética para esses lugares, que identifique sempre o patrimônio cultural, o diferencial, aliado às melhorias. (participante 4, TA, 27/10/2020) **PERÍODO UNIVERSITÁRIO**

O exemplo abordado remete à dialética entre memória e esquecimento (RICOEUR, 2007; CANDAU, 2018), entre valores de rememoração e de contemporaneidade (RIEGL, 1903 *apud* CHOAY, 2006) e entre consideração e desconsideração das experiências humanas na prática de planejamento (DEL RIO, 1990; LYNCH, 1997; TUAN, 2013). Além disso, o exemplo demonstra que o movimento de vir-a-ser do lugar (LEFEBVRE, 2013) pode ser, de certa forma, antecipado a partir das realidades existentes e, neste caso, a partir também das narrativas existentes. Neste sentido, observa-se que o tema entrelaçado nas diferentes versões se relaciona com a tendência crescente dos *lugares da informação* (CASTELLO, 2014) e que a ideia de “projetar uma marca estética” se relaciona diretamente com a ideia de *brandismo*, porém, no sentido de consumo do conhecimento, tirando partido do potencial que o lugar oferece sobre a história da industrialização na cidade de Pelotas.

Outro exemplo que entrelaça as diferentes versões e que revela aspectos da materialidade da prática social e dos aspectos fenomenológicos desenvolvidos pelos sujeitos ativos dessa prática (SCHMID, 2012; LEFEBVRE, 2013), nos diferentes períodos, está nos relatos sobre os usos e significados atribuídos aos espaços de lazer e áreas verdes:

Ali ainda existe aquelas árvores na frente, que tem as árvores até hoje, hoje tá um mato né, mas aquilo era tudo limpinho. Quando eu era criança no caso, ali o pessoal se reunia pra almoçar ali em baixo, as pessoas é... os filhos levavam comida para os pais e eles comiam quase todo mundo ali na rua embaixo daquelas árvores ali. Eu me lembro disso direitinho quando eu era pequeno. Aqueles que não moravam por perto, levavam comida e todo mundo comia lá embaixo. [...] Quando eu fui pra lá em 70' já tinha refeitório, aí ninguém ia pra se sentar lá na rua mais, só pra quem ia descansar, ia se sentar lá em baixo, mas teve uma época que o pessoal chegava a almoçar ali em baixo, que é o que eu lembro assim daquele contorno ali. (Sr. Vitor Hugo Huckembeck, 68 anos) **PERÍODO INDUSTRIAL**

[...] a fábrica da Brahma, depois o Anglo, lembro de frequentar esses lugares assim, mais na fase da adolescência pra fase adulta, e que era como uma espécie de...como que eu vou dizer, eram lugares que a gente usava pra lazer, [...] ao invés de ir para uma praça, ir para um parque, ir para uma praia, a gente ia para uma fábrica dessas sabe, comprava uma bebida e ia pra lá, levava um violão pra tocar, uma bebida pra tomar, uma coisa pra comer, jogos, enfim, e ficava lá a tarde toda, conversando tirando foto, explorando o lugar, esse tipo de coisa, [...] então eu considerava esses lugares assim, uma

espécie de *playground*, era o *playground* de gente grande, [...] eram lugares mágicos, [...] como quem vai pra natureza, como quem vai pro mato sabe, só que sem sair do próprio bairro, sem sair da cidade, a gente conseguir ia pra esses lugares assim e ter uma experiência totalmente imersiva assim, longe completamente de toda a vida cotidiana [...]. (A.M.L., 44 anos, 23/08/2020)
PERÍODO ABANDONO

Sim, temos ido na praça na frente da Cotada, não ficamos muito, pois temos medo, não tem outro lugar para ir... caminhamos pelas ruas então.
 (participante 3) **PERÍODO UNIVERSITÁRIO**

De acordo com o Sr. Hugo, o espaço arborizado que existe até hoje em frente ao Anglo era utilizado pelos trabalhadores como refeitório. Pelo seu relato, supõe-se que o local não oferecia uma infraestrutura específica para que os trabalhadores realizassem sua principal refeição do dia, pois o participante menciona que a existência de um refeitório ocorreu somente na década de 1970. Neste caso, o refeitório (local com infraestrutura específica para as refeições) corresponde à *representação do espaço*, o qual não existe para o desenvolvimento da *prática social* “adequada”, de acordo com os planejadores do espaço. Mesmo assim, os trabalhadores desenvolvem a sua *prática social*, realizam seus encontros e fazem suas refeições à sombra das árvores, transformando-o em *espaço de representação*.

De acordo com A.M.L., “ao invés de ir para uma praça” (local tradicionalmente atribuído ao lazer), “a gente ia para uma fábrica” (local tradicionalmente atribuído ao trabalho), “eu considerava esses lugares assim, uma espécie de *playground*” (local tradicionalmente atribuído à recreação infantil). A busca por espaços de lazer demonstra a *prática social* desenvolvida pelo participante, que ressignifica os espaços e transforma-os em *espaços de representação*. Não fica claro se esse comportamento acontece pelo fato de não existirem praças adequadas para satisfazer as necessidades de lazer dos integrantes do grupo (e, neste caso, a praça corresponde à *representação do espaço*) ou se acontece pela necessidade maior de ressignificar lugares, ou seja, pelo desejo de “criar” espaços que possam ser verdadeiramente *vividos*.

De acordo com o participante 3, o usufruto da praça é restringido pelo sentimento de medo e, como não há outras opções de lazer, então ele caminha pelas ruas. O sentimento de medo é oriundo da falta de segurança e influencia diretamente no usufruto dos espaços, impedindo que eles sejam *vividos* de forma mais espontânea e, conseqüentemente, enfraquecendo o potencial de criação de *espaços de representação*. Quando o participante diz que “não tem outro lugar para ir”, entende-se que há falta de opções de lazer, planejadas e oferecidas para o usufruto da

comunidade, correspondendo neste caso à *representação do espaço*. Observa-se que, mesmo diante dessa ausência, o participante não cria *espaços de representação*. Ao invés disso, ele altera sua *prática social* e passa a caminhar pelas ruas.

A pesquisa demonstra como se manifestam as diferentes materialidades e relações fenomenológicas, nos diferentes períodos e com diferentes intensidades. Para finalizar os exemplos referentes às versões que se entrelaçam e que manifestam as diferentes materialidades e relações fenomenológicas, tem-se o tema da segurança, que contradiz algumas premissas, alimentando assim a busca por novas soluções.

O período do abandono caracterizou-se pela ausência do Estado e por falta de investimentos na área, proporcionando uma sensação de insegurança para a maior parte das pessoas. Por outro lado, durante esse período, diversos espaços foram transformados em *espaços de representação* e intensamente *vividos* por uma parcela mínima da população, o que, conforme Lefebvre (2013), só foi possível justamente pela ausência do Estado. De acordo com os exploradores urbanos que participaram da pesquisa, a insegurança aumentou devido ao aparecimento do crack, associado ao aumento da circulação de alunos, considerados vítimas fáceis de assaltos e outros crimes.

E as piores lembranças são da criminalidade que se instalou ali no Porto assim, mas isso não durante o período que era só ruína, mas no período de crescimento da Universidade, quando a Universidade passou a ter mais cursos lá [...] eu sempre tive ali né na verdade, pô acho que 90% da minha vida eu passei no Porto. E partir desse crescimento da faculdade, desse crescimento dos barzinhos começou a ter um fluxo maior de pessoas, e aí um fluxo maior de pessoas, mais pessoas com dinheiro, mais gente ostentando, celular, aquela coisa toda, mais criminalidade, mais assalto, e todas as vezes que eu fui assaltado na cidade foi a caminho do Porto, em diferentes lugares, mas sempre foi quando eu estava indo pro Porto. Tanto é que eu me isolei um pouco de lá, só vou na casa de algum amigo, não frequento mais o Porto hoje em dia assim, como zona de recreação, até sinto falta disso, de ter esse lugar assim, fico triste por não frequentar mais. (D.M.V., 36 anos)

[...] a questão da violência né. Se tornou por ter muito movimento de estudante, com relação aos *campus* da UFPel e tal veio muita movimentação de estudante pelas ruas e tal e isso acabou atraindo a criminalidade, né, assaltantes pra vir assaltar essas pessoas que tavam sempre circulando aí pelas ruas, isso trouxe...onde tem muito movimento de gente, a criminalidade vem junto, né, pra predar, pra se aproveitar disso de alguma forma. E foi o que aconteceu assim, de uma hora pra outra se tornou um bairro violento, hoje em dia eu não saio na rua pra caminhar a esmo pelo meio da neblina como eu fazia antes [...] (A.M.L., 44 anos)

E isso acontecia muito aqui na zona e tal, casos até tipo de eu entrar num lugar desses [fábrica abandonada] e topa com bandidos, digamos assim, e

os bandidos dizer assim “não, não, não, não vamo assaltar essa galera aí porque eles são aqui da zona”, (risos) sabe, isso já aconteceu duas vezes aí mesmo na Brahma. [...] aquela coisa meio de... não vamo fazer maldade com quem é da nossa vizinhança, [...] um código de honra entre ladrões se é que existe, essa espécie de pureza assim, e depois de um tempo assim se perdeu... Também com outro elemento que eu coloco além de UFPel, o outro elemento que eu coloco que soterrou a Zona do Porto, até essa honra dos ladrões acabou se perdendo quando veio o crack. [...] O advento do crack foi que aí acabou com tudo sabe, porque daí não tinha mais respeito, não tinha mais não interessa se tu é da zona, se não é, quem tu é, sabe... parece que antigamente assim se tu fosse um morador da zona, se tu fosse o cara do *underground* os assaltante não iam se meter contigo sabe [...] (A.M.L., 44 anos)

Eu sou um pouco descrente na mitologia da violência porque, eu lembro no tempo do ICH assim, tinha um medo, um pânico do assalto assim, todo mundo “bah, vou ser assaltado”, e realmente acontecia cara. [...] Sim teve um monte de assalto lá, muito estudante que assaltavam, muita gente, pessoal ia lá pra curtir festa e era assaltado na saída, o pessoal ficava cuidando os playboizinhos pra vê. [...] Então eu ia por último muitas vezes pra fugir do assalto. Mas fui assaltado, fui assaltado duas vezes, perdi celular [...] Então acho que se construiu um mito sobre a violência no bairro, que não é verdade tá? Eu acho que realmente tem lugares e momentos em que acontecem assaltos, assim, o pessoal vai pra lá pra assaltar mesmo porque sabe que é o lugar que vale a pena assaltar, mas não é o único lugar da cidade, isso tem por toda a cidade, não acho que seja muito diferente. Se tem uma coisa que pode diminuir a violência no país é a educação, então acho que a universidade federal tem que ficar lá mesmo, é uma coisa muito boa, tem que integrar cada vez mais a comunidade, só vem pra melhorar. (R.P.A., 44 anos)

Nesse movimento dialético, a inserção da Universidade Federal de Pelotas representa uma possibilidade para ajudar a reverter os problemas do abandono da área e da insegurança, configurando-se assim como uma síntese (nova tese), a qual contém novas contradições. Dentre as contradições está o fato de que a inserção da Universidade Federal de Pelotas representou a retomada de investimentos públicos e privados no local e a retomada de uma presença mais efetiva do Estado. Considerando que a segurança pública é uma atribuição exclusiva do Estado, o sentimento de segurança deveria ser maior durante o período universitário do que durante o período do abandono, porém a segurança foi o aspecto mais mencionado na pesquisa, pela comunidade acadêmica, como aquilo que deve ser melhorado na área, possibilitando com isso o usufruto dos espaços, permitindo que eles sejam *vividos* de forma mais espontânea e, conseqüentemente, fortalecendo o potencial de criação de *espaços de representação*. A questão da segurança se configura em exemplo de tensões e contradições que motivam a busca por superações e suprassunções, impulsionando o movimento dialético.

Sobre o patrimônio industrial, a pesquisa identificou a existência de um exemplar desse tipo de patrimônio que se encontra invisível na paisagem da “Zona do

Porto”, e praticamente sem referência na bibliografia existente sobre a industrialização no local. Porém, este patrimônio permanece vivo na memória de pelo menos três participantes da pesquisa. Trata-se da Peixaria Incamar, que pode ser visualizada na imagem da Figura 51. Essa imagem é uma cópia de uma fotografia, que foi gentilmente oferecida à pesquisadora pelo Sr. Walter Silveira, esposo da Sra. Maria Elizabete. O Sr. Walter explicou que possuía várias fotos antigas do local, todas cópias adquiridas do Acervo do Nelson Nobre. Ele explicou que gostava muito de pesquisar sobre a história das fábricas e do local, e forneceu à pesquisadora uma lista com a identificação e localização dos prédios, informações estas que foram baseadas nas suas pesquisas. A Peixaria está identificada na imagem pelo nº 8.

Figura 51: Aerofotografia à esquerda, e lista dos empreendimentos existentes no local à direita.



FONTE: Acervo do Sr. Walter Silveira, proveniente do Acervo do Nelson Nobre.

Embora a Sra. Maria Elizabete não tenha mencionado a Peixaria durante sua entrevista, nem durante a explicação do seu mapa mental, ela declarou lembrar-se da Peixaria durante a conversa que se desenrolou na retirada dos mapas mentais, ocasião em que a cópia da imagem foi doada à pesquisadora. A Peixaria foi mencionada pelo Sr. Vitor Hugo quando questionado sobre as lembranças que tinha das imediações do Porto. A Peixaria foi também lembrada pelo explorador urbano R.P.A. em sua entrevista, quem narrou uma interessante associação entre a história da praça João Cândido, que fica atualmente entre o Moinho Pelotense e o quarteirão

da Peixaria, e o personagem histórico Almirante Negro. O “desconhecimento” é o elo de ligação entre as duas histórias, e o mais interessante é perceber que, de certa forma, essa analogia também pode ser aplicada à própria Peixaria Incamar:

[...] se tu pegar uma rua como a... por exemplo a Conde de Porto Alegre né, e tu descer ela em direção ao Cais do Porto, aos Armazéns, aquela região ela é deserta desde que eu me mudei pra lá, ela tá completamente deserta. Tinha uma... tem uma enorme peixaria né, que é um quarteirão inteiro de paredes e portas que foram colocados tijolos, na frente dela fica a Praça João Cândido, a praça que ninguém conhece o nome, [...] ninguém conhecia o nome da praça, eu lembrava que tinha tido uma placa, aí roubaram a placa de bronze e colocaram uma placa de plástico. Eu achava que esta história combinava muito com a história do Almirante Negro né, personagem tão pouco conhecido né, da história brasileira, um homem que de certa forma foi um dos líderes da Revolta da Chibata, morreu louco no sanatório, e a praça que representava ele ficava entre essa peixaria e o Moinho Pelotense [...]
 [...] Mas claro, como eu falei assim, é um abandono em termos, ele não é um abandono total. Eu acho que o único lugar que realmente foi abandonado é a peixaria, ali virou... só tem um muro hoje, não tem mais nada, caiu o teto, caiu tudo. [...] (R.P.A., 44 anos, 23/11/2020)

O trabalho demonstrou que as diferentes narrativas, relacionadas à cada um dos períodos, são repletas de experiências e informações significativas mesmo quando analisadas individualmente. Quando essas narrativas são entrelaçadas, outros aspectos são revelados, ampliando a rede de informações acerca do tema. Isso confirma que as narrativas de pessoas comuns são fontes valiosas e que podem ser consideradas como “conselhos”, ensinando os homens a produzir feitos e enfrentar dificuldades (BENJAMIN, 1987) e, neste caso, podem subsidiar a construção de novos conhecimentos, dentre eles, instrumentos para a preservação do patrimônio industrial e ações de planejamento para a área. Tão importante quanto a participação da população nos processos de planejamento é a sua participação em pesquisas para a descoberta de novos aspectos humanos e sociais relacionados à produção do espaço e à preservação do patrimônio cultural.

A pesquisa confirma que a “Zona do Porto”, constituída pelo seu patrimônio natural e cultural, possui uma diversidade de memórias, significados e ressignificações, percepções, elos afetivos e valores, resultantes da combinação de diferentes materialidades e relações fenomenológicas. O patrimônio industrial que se encontra sob a tutela da Universidade Federal de Pelotas compõe essa diversidade, é parte integrante do patrimônio cultural em geral e é um bem de todos. A pesquisa também mostra as distintas relações desenvolvidas entre os sujeitos e o patrimônio industrial, em suas diferentes escalas, revelando valores relacionados com o mundo

da arte, da poesia e dos sonhos, indo além daqueles previamente atribuídos ao mundo do trabalho, e dos valores de uso, tangível e intangível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ALAN, Tauê Cardoso. **De operário a universitário: transformações na paisagem do Bairro Porto em Pelotas**. 2011. 154p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia, FURG, Rio Grande, 2011.

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **Revista História Oral**. Dossiê – História oral, memória e democracia, v.15, n. 2, 2012.

ALMEIDA, Reginaldo Magalhães de. Jane Jacobs: uma mulher que mudou as práticas urbanas no mundo. **Cadernos do PROARQ**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Ano 1 (1997), n. 28, julho 2017.

BACH, Alcir Nei. O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 à 1970. **Revista Memória em Rede**. Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, v. 2, n. 2. Pelotas/RS, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, volume 1. Magia e técnica, arte e política. Cap. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 750 de 8 de agosto de 1969.

BRASIL. Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001. ESTATUTO DA CIDADE.

BRITTO, Natália Daniela Soares Sá. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Rio Grande/FURG. Rio Grande, RS, 2011.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Arquitetura, Urbanismo e Educação: campi universitários brasileiros. In: **Anais... VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 2006, Uberlândia-MG. Uberlândia. MG: EDUFU, 2006. v.1. p.1-38.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento da Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

CASTELLO, Lineu. Há lugar para o lugar na cidade do século XXI? **Revista ARQUITEXTO**. Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, p. 50-59, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288p.: il.

DEAK, André. **Bibliografia de urbanismo open source**. Outros – Laboratório para outros urbanismos – FAUUSP. São Paulo. 2017. Disponível em: <http://outrosurbanismos.fau.usp.br/urbanismo-open-source/>. Acesso em: 23/04/2021.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Ed. Pini, 1990.

DUARTE, Cristovão Fernandes. **A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço**. Mundo Urbano – textos sobre a cidade contemporânea. Disponível em: <https://cristovao1.wordpress.com/2010/08/01/a-dialetica-entre-permanencia-e-ruptura-nos-processos-de-transformacao-do-espaco/> Acesso em: 09/09/2020.

ESSINGER, Cíntia Vieira. **Entre a fábrica e a rua: a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário, Bairro da Vársea, Pelotas, RS (1953-1974)**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio cultural) – Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Pelotas, RS, 2019.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio Industrial Rural e Urbano na cidade de Pelotas, RS**. Projeto de pesquisa UFPEL. Pelotas, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu, PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: Identidade, tempo e destruição. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, 2015. p.211-228.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **A inclusão da ociosidade: uma metodologia para inventariar imóveis urbanos ociosos: o caso de Pelotas (RS)**. Relatório final de pesquisa [Brasília]: CNPQ, 2006.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. **Projeto de extensão Universidade na Cidade**. Pelotas: PróRext, 1986.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2. ed. Pelotas: Ed. Universitária. UFPEL, 2001.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.17-41.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan i. **Gestión del patrimonio cultural**. 3. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Educação Patrimonial: Manual de aplicação**: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013. 85 p. : il. ; 21 cm.

JOVCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Maritn W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

KNUTH, Franco G. **Os conflitos de uso da zona portuária de pelotas e uma proposta de estrutura de negociação na perspectiva do Gerenciamento Costeiro Integrado**. 2013. Dissertação. Mestrado (Gerenciamento costeiro) – Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro, Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Rio Grande, RS. 2013.

KUHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 3, 2010. Disponível em: http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf. Acesso em: 19/01/2020.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **Narrativas e imagens**: histórias de vida da região do Anglo. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2016. 95 p. : il. color.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2013.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

MENDONÇA, Adalton da Motta. Vazios e ruínas industriais. Ensaio sobre friches urbanas. **Vitruvius**. Revista Eletrônica de arquitetura. Jul., 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>
Acesso em: 13/04/2019.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de, VIANA, Marcilio Freire Tabosa. Entrevista com Foto-Elicitação (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações. **I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Recife-PE, 21 a 23 de novembro, 2007.

MENEGUELLO, Cristina. **As Ruínas do Futuro e o Novo Patrimônio Industrial**. Entrevista. 2014. Disponível em: <https://unicamp.academia.edu/CristinaMenequello>
Acesso em 02/05/2020.

MICHELON, Francisca Ferreira. [Org] **Patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas**: primeiro estudo. Pelotas: Ed. UFPel, 2013. 115p. :il. color.

MICHELON, Francisca Ferreira. [Org.] **O Patrimônio Industrial da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. 165p. :il.

MULLER, Dalila; HALLAL, Dalila Rosa; RAMOS, Maria da Graça Gomes Ramos. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na preservação do Patrimônio Cultural edificado de Pelotas/RS, Brasil. **XVI Colóquio Internacional de Gestión Universitária** – CIGU. Arequipa, Perú, 2016.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar, IN: Nesbitt, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PATRON, Rita; CHAVES, Larissa Patron. A memória e a revitalização urbana da Zona Portuária da cidade de Pelotas, RS: Uma análise do novo ciclo iniciado com a Universidade Federal. **V Enanparq**. Salvador. 2018.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

PELOTAS, The dark city. Publicado pelo canal Paulo Momento. [S.l.: s.n.] 2007. 1 vídeo (4 min 21 s.), son., color. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ea99_Omz2tA. Acesso em: 10/04/ 2019.

PELOTAS. **Lei nº 4.568/2000**. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2000.

PELOTAS. **Lei nº 5.502/2008**. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

POLIDORI, Maurício; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto de extensão aquisição e reciclagem do prédio da antiga fábrica Fiação e Tecidos Pelotense**. Pelotas: PróRext, 1989.

PORTELLA, Adriana Araújo; QUINTANILHA, Inês de Carvalho; MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer; XAVIER, Sinval. Devolvendo a cidade para as pessoas. Diretrizes de desenho urbano para a requalificação de um bairro histórico portuário. **Revista Vitruvius**. Arqutextos. ano 16, out., 2015. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arqutextos/16.185/5783>. Acesso em: 19/04/2021.

PRATZ, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, Madrid: n. 27, 1998, p. 63-76.

REIS FILHO, Nelson Goularte. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 2004.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. (Coleção PROARQ). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

RICOEUR, Paul. Arquitetura e Narratividade. In: **Urbanisme**, n. 303, Nov./dez., 1998. p. 44-51.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALABERRY, Jeferson Dutra. **A agroindústria no Bairro Porto: Pelotas – RS (1911-1922)**. 231p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFPel, Pelotas, 2012.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMID, Christian. A Teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 32, 2012. p. 89-109.

SOUZA, J.G. Evolução histórica da universidade brasileira: abordagens preliminares. **Revista da Faculdade de Educação**, Campinas, v. 1, n. 1, ago.1996. p. 42-48.

TASSINARI, A. Mundo da Obra e o Mundo em Comum. In: **O Espaço Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p.75-95.

THIESEN, Beatriz Valladão. Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais que uma questão de abrangência. **Revista Eletrônica do IPHAN**. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/arqueologia_industrial.pdf. Acesso em: 22/08/2019.

TICCIH-Brasil. Cartas Patrimoniais. **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial**. 2003. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/> Acesso em: 19/10/2019.

TICCIH-Brasil. Cartas Patrimoniais. **Princípios de Dublin**. 2011. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/os-principios-de-dublin/> Acesso em: 23/04/2021.

TICCIH-Brasil. **Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial**. 2018. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/apresentacao-da-carta-de-sevilha-de-patrimonio-industrial/> Acesso em: 19/10/2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Caetano do Sul: Difusão Editorial S.A., 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

UFPel. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI**. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/pdi/files/2016/09/PDI-UFPel_13-2015_rev04.pdf Acesso em 01/05/2020.

VIERA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada, o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Pelotas: UFPel, 2005.

Referências de Documentos Iconográficos

Fotografia digital

A.M.L. **Fotografias com caráter exploratório e artístico do Anglo**. 2004 – 2008. 6 fot., color.

A.M.L. **Fotografias do antigo Frigorífico Anglo**. 2004 – 2008. 6 fot., color.

A.M.L. **Cotada 01**. 05 out. 2009. 1 fot., color.

A.M.L. **Brahma 037 – Porão da Brahma**. 07 jan. 2005. 1 fot., color.

A.M.L. **Zona do Porto 01 – Pôr-do-sol do Quadrado**. 07 set. 2010. 1 fot., color.

A.M.L. **DSC03267 – Frigorífico Anglo**. 21 jun. 2005. 1 fot., color.

GOULARTE, Daniela Vieira. **Carteira profissional do Sr. Vitor Hugo Huckembeck**. 3 fot., color.

GOULARTE, Daniela Vieira. **Sobrado verde, antigo Bar do Seu Manuel**. 10 dez. 2019. 1 fot., color.

HUCKEMBECK, Maria Elizabete. **Colégio Ferreira Viana**. 1 fot., color.

NOBRE, Nelson. **Sub - Prefeitura**. s/d. 1 fot., p&b.

NOBRE, Nelson. **Colégio Ferreira Viana**. s/d. 1 fot., p&b.

NOBRE, Nelson. **Vista aérea**. s/d. 1 fot., p&b.

Fotografia em meio eletrônico

ARTE NO SUL. **Sofá na Rua**. 11/08/2017. Fotografia. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2017/08/11/eventos-de-rua-sao-opcao-de-lazer-em-pelotas/>. Acesso em: 09/07/2021.

DIARIO POPULAR. **A “Charqueada de Pelotas” em meio à guerra?** 01/05/2020. Fotografia. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/a-charqueada-de-pelotas-em-meio-a-guerra-150822/>. Acesso em: 13/08/2021.

E-CULT MÍDIA ATIVA. **Sofá na Rua.** 24/01/2019. Fotografia. Disponível em: <http://ecult.com.br/geral/sofa-na-rua-chega-a-sua-60a-edicao-em-pelotas>. Acesso em: 09/07/2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Porto de Pelotas ultrapassa 1 milhão de toneladas em 2019.** 09/01/2020. Fotografia aérea. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/economia/2020/01/720063-porto-de-pelotas-ultrapassa-1-milhao-de-toneladas-em-2019.html>. Acesso em: 09/07/2021.

WEBMASTER UFPel. **Universidade Federal de Pelotas.** s/d. Fotografia aérea. Google My Maps.

6. APÊNDICES

Apêndice A - Questionário 1 Google Formulários aplicado à comunidade acadêmica.

24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial

Reutilização do Patrimônio Industrial

Olá, meu nome é Daniela Vieira Goularte, sou mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, e estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a reutilização do patrimônio industrial adquirido pela UFPel.

O formulário a seguir tem o objetivo de fazer um breve levantamento sobre a percepção da comunidade acadêmica a respeito do tema, e constitui a primeira etapa desta parte da pesquisa. Você não precisa se identificar para participar desta etapa.

Se houver interesse em continuar contribuindo para este trabalho é só manifestar seu interesse no final do formulário.

Qualquer dúvida pode entrar em contato pelo email arquiela@gmail.com.

Agradeço desde já pela participação.

***Obrigatório**

1 - Você faz parte da comunidade acadêmica em qual categoria? *

- Discente
- Docente
- Técnico administrativo

2 - Você é natural de Pelotas? Caso negativo, onde nasceu (Cidade/Estado/País)? *

Sua resposta

3 - Qual a sua idade? *

24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial

Sua resposta

4 - À qual unidade acadêmica ou administrativa você está vinculado(a)? (Para aluno(a): Faculdade/Para professor(a) ou servidor(a): Lotação) *

Sua resposta

5 - Com qual frequência você comparece nestes Campi da Universidade Federal de Pelotas? (Considerar a sua rotina antes da pandemia) *

	Todos os dias úteis	Alguns dias por semana	Uma vez por semana	Eventualmente	Não compareço
Campus Anglo	<input type="checkbox"/>				
Campus Porto (ICH I, ICH II, Faurb, Cearte, Cenge)	<input type="checkbox"/>				

6 - Você costuma circular pelo espaço entorno dos Campi Anglo e Porto (bairro)? (Considerar a sua rotina antes da pandemia) *

- Sim
- Não



7 - Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, qual o meio de locomoção utilizado? (pode ser marcada mais de uma alternativa)

- à pé
- bicicleta
- ônibus
- carro
- outros

8 - Qual(is) a(s) principal(is) característica(s) que você atribui ao espaço entorno dos Campi Anglo e Porto (bairro)? *

Sua resposta

9 - Na sua opinião, como você avalia a qualidade do espaço no entorno dos Campi Anglo e Porto (bairro)? *

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Muito ruim



24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial

10 - Na sua opinião, o que pode ou deve ser melhorado no espaço do entorno dos Campi Anglo e Porto (bairro)? *

Sua resposta

11 - Na sua opinião, como você avalia a qualidade do espaço construído (prédio) da unidade acadêmica/administrativa à qual está vinculado? *

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Muito ruim

12 - Na sua opinião, o que pode ou deve ser melhorado no espaço construído (prédio) da unidade acadêmica/administrativa à qual está vinculado? *

Sua resposta

13 - Você sabe qual(is) atividade(s) era(m) desenvolvida(s) nos prédios da UFPel, localizados nos Campi Porto e Anglo, antes da atual atividade acadêmica? *

- Sim
- Não
- Talvez



14 - Caso tenha respondido sim ou talvez à pergunta anterior, descreva o que sabe, ou o que já ouviu falar



<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLStyqU-cFlkH6QrzdqhfVqWoUvfahAUNztnDYGdHYQW-nqGzQ/viewform>

4/5

24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial

ruur .

Sua resposta

15 - Você reconhece algum valor nos prédios da UFPel, localizados nos Campi Porto e Anglo? (pode ser marcada mais de uma alternativa) *

- econômico (uso tangível)
- informativo-científico (uso intangível)
- formal (estético)
- simbólico (associativo)
- outros

16 - Você deseja seguir contribuindo para esta pesquisa? Caso positivo, deixe aqui seu email para contato *

Sua resposta

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



Apêndice B - Questionário 2 Google Formulários aplicado à comunidade acadêmica.

24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial - 2º etapa

Reutilização do Patrimônio Industrial - 2º etapa

Estou entrando em contato novamente porque você manifestou interesse em continuar participando da pesquisa sobre a reutilização do patrimônio industrial pela UFPel. O questionário a seguir tem o objetivo de conhecer um pouco sobre a sua relação com o lugar onde está localizado esse patrimônio, e constitui a segunda e última etapa desta parte da pesquisa.

Qualquer dúvida pode entrar em contato pelo email arquiela@gmail.com.
Agradeço desde já pela participação.

1 - Sua relação com os bairros, onde estão localizados os Campi Anglo e Porto, se inicia por causa de seu vínculo com a Universidade?

- Sim
- Não

2 - Caso sua relação com os bairro tenha iniciado antes de seu vínculo com a UFPel, comente a respeito. Explique como, quando e porquê se inicia essa relação.

Sua resposta

3 - Atualmente você utiliza ou usufrui de outros espaços nos bairros, além do espaço dedicado às atividades acadêmicas? Caso positivo, comente.

Sua resposta

24/04/2021

Reutilização do Patrimônio Industrial - 2º etapa

4 - Quais as lembranças mais significativas que você tem associada à esses bairros?

Sua resposta

5 - Se fechar os olhos, quais as imagens dos bairros que lhe vêm à mente?

Sua resposta

6 - Pra você, qual(is) o(s) lugar(es) mais significativo(s) dos bairros? Comente.

Sua resposta

7- Quais valores você atribui a esses bairros e ao patrimônio do local?

Sua resposta

8 - Na sua opinião, o patrimônio local é preservado de maneira satisfatória? Comente.

Sua resposta

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdKU4kn9uMz6P66JZvuQnGu3eE8Npl8aOzkZa7aimvzSK9-5w/viewform>

2/2

Apêndice C - Entrevista aplicada aos exploradores urbanos.



UFPEL



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural

PPGMP ICH UFPEL

Data da entrevista: ___ de _____ de 2020

Entrevistado (nome completo):

Idade:

Nível de escolaridade:

Formação/ Instituição:

É ou foi morador da “Zona do Porto”:

- 1 – Quando, Como e Porquê se inicia tua relação com o bairro e seus arredores?
- 2 – Lembra de alguma fábrica em funcionamento? Fluxo de trabalhadores? (Caso positivo, comente sobre o que representou isso pra ti)
- 3 – Qual o sentimento em relação à desativação das fábricas do bairro e o conseqüente abandono desses espaços? O que isso representa?
- 4 – O que foi a “Zona do Porto” pra ti? Quais as melhores e as piores lembranças que tens do lugar?
- 5 – Fale sobre tuas vivências na “zona” durante o período em que as fábricas estiveram abandonadas. Comente sobre lugares preferidos, caminhos percorridos, paisagens que te marcaram, elementos peculiares e preferidos, práticas e hábitos desenvolvidos nestes lugares, sensações experimentadas.
- 6 – Qual o grau de importância dessas vivências para a construção da tua identidade?
- 7 – Tu cultivas as recordações dessas vivências de alguma maneira na tua vida atualmente? De que forma?
- 8 – Se fechares os olhos, qual(is) a(s) principal(is) imagem(ns) da “Zona” que te vêm à mente?
- 9 – Na tua percepção, quais são os limites espaciais da “Zona”?
- 10 – O que é a “Zona do Porto” hoje? O que ela representa?
- 11 – Quais os valores atribuídos ao lugar? Como tu gostarias que ele tivesse sido mantido?
- 12 – Quais as outras possibilidades de uso que o lugar poderia ter? E quem deveria manter isso?
- 13 – Pra ti, as antigas fábricas e outros espaços do bairro podem ser considerados patrimônios? Porquê?
- 14 – Freqüentas a “Zona do Porto” atualmente? Porquê? Como?
- 15 – Tu autorizas o uso dessas informações para fins exclusivamente acadêmicos?

Apêndice D - Instruções para a elaboração do mapa mental, para os exploradores urbanos e antigos trabalhadores.



UFPEL



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural

PPGMP ICH UFPEL

INSTRUÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO MAPA MENTAL

Solicitar ao participante que desenhe um mapa do bairro indicando:

- 1 - **Onde mora/morou** (considerando que o participante é ou foi morador da "zona do porto");
- 2 - **Os caminhos/ruas** percorridos com mais frequência;
- 3 - **Os lugares** mais frequentados/procurados;
- 4 - **Os elementos/objetos** significativos existentes nos caminhos ou nos lugares;
- 5 - **Elementos da paisagem** que auxiliam na compreensão da estrutura espacial do bairro.

Se houver lugares específicos que o participante queira representar, poderá fazer separadamente outro desenho, em escala maior, indicando:

- 1 - **Os espaços/compartimentos** que formavam o lugar;
- 4 - **Os elementos** mais significativos existentes nesse lugar.

Solicitar ao participante o uso das informações para fins estritamente acadêmicos

Apêndice E - Instruções para a etapa da Foto-Elicitação, para os exploradores urbanos e antigos trabalhadores.



UFPEL



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural
PPGMP ICH UFPEL

FOTO - ELICITAÇÃO

O que tu tens a dizer sobre essas fotos?

1) Contexto de onde ela foi tirada

2) Significados

3) Outras relações

Autoriza o uso dessas informações para fins estritamente acadêmicos?

Apêndice F - Entrevista aplicada aos antigos trabalhadores.



UFPEL



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural
PPGMP ICH UFPEL

Data da entrevista:

Entrevistado (nome completo):

Idade:

Antigo trabalhador da fábrica:

Endereço (bairro):

1 - O que a/o Sr(a). sabe sobre a fábrica? Informações gerais sobre a história, datas importantes, inauguração, motivo de fechamento, proprietários, principais produtos fabricados

2 - Qual o período que trabalhou na fábrica? Como iniciou e porquê encerrou suas atividades?

3 - Quais atividades a/o Sr(a). exerceu na fábrica? Descreva sua rotina, período de duração, se gostava do seu trabalho.

4 - Conheceu os demais setores e espaços no interior da fábrica? Conheceu o processo produtivo? Pode descrever?

5 - Lembra dos sons, cheiros, sensações?

6 - De quais colegas ou chefes lembra? Lembra de seus nomes e sobrenomes, e que funções eles desempenhavam?

7 - Há algum(ns) lugar(es) da fábrica, ou do entorno, que a/o Sr(a). lembra de maneira especial? Lugar preferido? Porque?

8 - Lembra como era o entorno da fábrica e o bairro?

9 - Quais as melhores recordações deste período? Guarda alguma foto, documento ou objeto como recordação deste período em que trabalhou na fábrica?

10 - Há más recordações?

11 - A/o Sr(a). visitou o local (fábrica/entorno) depois do fechamento da fábrica? Porque?

12 - Sabe o que funciona no local (fábrica/entorno) nos dias de hoje? Gostaria de visitá-lo?

13 - Como gostarias de ver o local (fábrica/entorno) nos dias de hoje?

14 - Na sua opinião, as antigas fábricas e outros espaços do bairro podem ser considerados patrimônios? Porquê?

15 - Quais valores a/o Sr(a). Atribui ao lugar? O que ele representa?

16 - Autoriza o uso das informações para fins estritamente acadêmicos?

